FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1968

ANO 48.º — NÚMERO 16 276

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA—TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR—J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

U THANT:

PODERÃO COMEÇAR NA PRÓXIMA SEMANA AS CONVERSAÇÕES WASHINGTON-HANÓI

BRUXELAS, 11 — (R.) — O secretário-geral das Nações Unidas disse hoje supor que as conversações entre os Estados Unidos e o Vietnam do Norte se realizariam muito em breve, provàvelmente na próxima semana.

Ao fazer as suas declarações aos jornalistas, num aeroporto, U Thant declarou que até agora não sabia que se tivesse chegado a acordo sobre o local de reunião.

Na Europa, Genebra e Paris eram locais possíveis e na Asia poderia ser Phnompenh, Vientiane, Ranguna, Djakarta e Nova Delhi.

CYRUS VANCE ENVIADO ESPECIAL?

WASHINGTON, 11 — (R.) — A C.B.S. (Columbia Broadcasting System) anunciou a noite passada que o presidente Johnson nomearia Cyrus Vance, antigo subsecretário da Defesa, como enviado especial da missão de paz no Vietnam, a ser chefiada pelo embaixador itinerante Averell Harriman.

Desde que abandonou, o ano passado o Pentágono, Vance tem desempenhado missões especiais para o presidente na crise de Chipre e nas cidades americanas, a contas com motins raciais.

DJAKARTA, LOCAL DAS CONVERSAÇÕES

DJAKARTA, 11 — (R.) — O embaixador dos Estados Unidos, Marshall Green, visitou ontem á noite o ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Adam Malik.

Desconhece-se se houve entre os dois diplomatas quaisquer conversações sobre a escolha de Djakarta para local de encontro entre Washington e Hanói.

OS ÓSCARS DE 1968 — Rod Steiger, á esquerda (melhor acto), Estelle Parsons (melhor actriz secundária), George Kennedy (melhor actor secundário) e George Cukor, um conhecido realizador, em nome de Katherine Hepburn (a melhor actriz), actualmente a filmar em França, ao receberem, ontem, os Óscares relativos a produções de 1967. Ler notícia na página central (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

Barnard para o Prémio Nobel?

RIO DE JANEIRO, 11 — (F. P.). — A Universidade do Brasil apresentará a candidatura do prof. Christian Barnard para o prémio Nobel de Midicina — anuncia o jornal brasileiro «O Globo». Esta iniciativa — precisa o jornal — foi tomada pela direcção do Hospital dos Funcionários do Brasil.

O cirurgião da Cidade do Cabo, que é esperado em 14 de Abril no Rio de Janeiro para uma visita de 4 dias, será recebido por uma delegação de 500 médicos. Eerá eleito cidadão de honra da cidade e receberá o título de douor «Honoris causa» da Faculdade de Medicina Gama Filho de que é hóspede.

Depois de pronunciar duas conferências em 15 e 16 de Abril, sobre técnica da transplantação cardíaca, perante os principais cardiólogos e médicos brasileiros, o prof. Barnard receberá uma homenagem só reservada aos soberanos ou herois nacionais: cem cavaleiros da Sociedade Hípica do Rio escoltarão o seu automóvel até ao estádio onde decorrerá uma manifestação em sua honra.

Nota do dia

PARA ALÉM DOS NÚMEROS...

A cidade alarga-se. Mas alarga-se como? Naturalmente, absorvendo em si própria áreas tomadas à sua periferia. (Naturalmente não quer dizer, com o sentido com que hoje se usa, hipotèticamente, mas o que cabe na sua expressão literal, isto é, com naturalidade.) Pois naturalmente a nova zona dos Olivais, que se prevê disponha de alojamentos para 40 a 50 mil habitantes, passa a constituir um conjunto urbano com um volume populacional superior, só por si, ao de grande parte das cidades do País. É, aritmèticamente, uma contribuição importante para se defrontar o problema da habitação: milhares de pessoas, milhares de casas, milhares de contos. Do ponto de vista estatístico, é uma boa machadada na pirâmide das necessidades. Aliás, para os técnicos, talvez o problema seja de pôr nesses termos: tantas pessoas que precisam de casa, tantas pessoas por casa, quantas casas são precisas? E o resto pode parecer que é dinheiro o que basta para resolver. A verdade, como se reconhece, é que há outros problemas que voltam, de que os colaboradores, conselheiros ou assistentes dos técnicos da construção se apercebem e fazem, com eles, pôr em equação: transportes, escolas, comércio, recreio, tdo o conjunto de necessidades que um organismo vivo reclama para o seu trato diário, sem esquecer o que seja de recreio e cultura, os lugares de convívio que não façam dos aglomerados habitacionais simples dormitórios ou armazéns de gente. A inauguração de domingo passado, precisamente nos Olivais, traduz um sinal de atenção à existência dessa estirpe de problemas, cuja satisfação é fundamental para que não se desumanize o humano, para que as pessoas se sintam pessoas, capazes de sentir que as suas ansiedades são legítimas e não se sobressaltem no receio de que sejam apenas o mal-estar doentio de doentias insatisfações. Os traços sociológico e psicológico precisam de estar presentes e sublinhar as soluções que os técnicos, quaisquer que eles sejam, ofereçam para os problemas do homem contemporâneo, em riscos de despersonalizar-se esmagado sob o peso de valores que sempre se reduzem a estatísticas. Não será a quantificação um vício do pensamento contemporâneo?

HOJE: O PRIMEIRO DOS DEZ CUPÕES QUE COLOCAM TURIM E LONDRES AO ALCANCE DOS NOSSOS LEITORES

Já com a certeza de um êxito desde a primeira hora prometido pela forma como os nossos leitores receberam a notícia desta realização, o «Diário de Lisboa» inicia hoje a publicação dos cupões que oferecem a aliciante pers-

(Continua na página seguinte)

HOJE — 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

ENCONTRO COM LISBOA

CIDADE ANTIGA E ACTUAL, PROVINCIANA E MODERNA, LISBOA DEBATE-SE EM CONTRADIÇÕES DE QUE O TRANSEUNTE COMUM SE NÃO APERCEBE, EMBORA ELAS RECLAMEM SOLUÇÃO URGENTE, NESTA FASE CRÍTICA DO CRESCIMENTO URBANO. (LER REPORTAGEM NAS PÁG. 8 e 9)

De ontem para hoje

EM ALGÉS DE CIMA

No sítio das Romeiras, em Algés de Cima, houve pânico ao fim da tarde de ontem, com um incêndio, que destruiu modestíssiams habitações da pobre gente que ali vive. Começou o fogo na barraca do sr. Vasco da Conceição Sardinha, de 37 anos, servente de pedreiro, que ali vive com a mulher e dois filhos menores. Depois propagou-se a outras barracas, onde moravam os srs. Joaquim Antunes dos Santos, de 63 anos, e Francisco Rita, de 61, respectivamente, servente de pedreiro e varredor da Câmara Municipal. Acorreram os bombeiros, mas não foi possível salvar fosse o que fosse, tendo tido origem o fogo na explosão de um fogareiro.

PNEU QUE REBENTA

Em Portalegre, na Rua 1.º de Maio, ia na sua motorizada o sr. Ricardo Matos Marques, de 27 anos, casado, fogueiro de uma empresa de fibras. Foi embater violentamente numa camioneta de passageiros que transitava em sentido contrário. Rebentara-lhe um dos pneus da motorizada e ele morreu devido ao embate.

A MENINA E A CAMIONETA

Na Rua da Mouraria, uma camioneta de carga atropelou de morte a pequenina Maria Josefa Ribeiro Lourenço, filha do sr. Delfim Lourenço e de D. Célia Ribeiro Domingues, moradores na Rua do Arco da Graça. Ainda levaram o pequenino corpo ao hospital, mas estava exangue.

COMBOIO-GUILHOTINA

O sr. Guilherme Filipe dos Santos, de 48 anos, casado, pintor, natural de Sintra, e residente na Rua Rio Almansor, 8, no Bairro Padre Cruz, quando atravessava a linha férrea, junto da estação do Calhariz de Benfica, foi colhido pelo comboio 4931, que seguia para Sintra. Era casado com a sr.ª Maria dos Santos e pai de sete filhos.

ADMINISTRADORES POR PARTE DO ESTADO

Foram reconduzidos como administradores, por parte do Estado, da Sociedade Nacional de Estudo e Financiamento de Empreendimentos Ultramarinos, S. A. R. L. (Sonefe), o sr. general David dos Santos; na Companhia da Zambézia, o sr. prof. José Carlos Moreira; e na Sociedade Portuguesa de Lapidação de Diamantes, o sr. dr. Vítor Manuel da Braga Paixão. Todas estas nomeações são feitas mediante resolução do Conselho de Ministros.

O AUTOMOVEL SOBRE BATATAL

No lugar de Grijó, freguesia de Cepelos, ia uma carrinha conduzida pelo rev. Norberto Ribeiro Louro, de 30 anos, do seminário de Vila Nova de Poiares. Subia a serra da Junqueira. Ao passar no lugar perdeu a direcção e precipitou-se numa ramada da propriedade onde se ocupava em plantar batatas a sr.ª Maria Joaquina Tavares, de 76 anos, solteira, jornaleira, que morreu. O condutor adormeceu ao volante.

AUTOMÓVEL CONTRA AUTOMÓVEL

Foi em pleno Pinhal da Gelfa que se verificou ontem um choque brutal de dois automóveis espanhóis. Um era conduzido por D. Pedro Miguel, de há muito a viver em Viana do Castelo, e ia de Viana para Valença. Em dada altura, perto de Vila Praia de Âncora, o carro guinou para a esquerda e foi embater com muita violência noutro carro, que vinha em sentido contrário, também espanhol. Morreram o condutor deste último carro, D. Edmundo Ferreira Corral e sua mulher, D. Mercedes Varela Perez, tendo sido causados ferimentos de gravidade nos dois filhos do casal, Carmen Garcia Nóvoa e Ramiro Ferreira Varela.

TURIM E LONDRES AO ALCANCE DOS NOSSOS LEITORES

(Continuação da página anterior)

pectiva de viajar até Turim e Londres.

Estes cupões serão publicados ao longo de dez dias, devendo os concorrentes atender às indicações que temos vindo a fornecer-lhes, nomeadamente as seguintes:

1. Indicar claramente, em todos os cupões, o vaticínio dos MINUTOS (primeiro golo na Luz e primeiro golo em Turim), bem como o nome e a morada.

2. Juntar os dez cupões (em que cada concorrente pode fazer, para cada jogo, diferentes vaticínios, se assim o entender) e enviá-los ao nosso jornal, após completa a colecção, de preferência agrafados ou presos com um «clip».

Depois disto, só lhe resta esperar que tenha acertado no vaticínio sobre o MINUTO em que se marca o primeiro golo do Benfica-Juventus (e ser, assim, pelo menos grande candidato a viajar até Turim) ou sobre o MINUTO em que é obtido o primeiro tento do Juventus-Benfica e ficar com fortes possibilidades de uma deslocação a Londres (também com todas as despesas pagas pelo «Diário de Lisboa») para assistir à final da Taça dos Campeões Europeus.

Lembramos, ainda, que convém reler o regulamento que temos vindo a publicar, muito embora, como se verifica, a simplicidade seja um dos grandes aliciantes deste concurso.

Aí está, hoje, o primeiro cupão. Para os mais fortes em palpites ou mais felizes, será o primeiro passo para viagens que, certamente, ficarão como inesquecíveis recordações de uma oportuna iniciativa do «Diário de Lisboa».

REGULAMENTO

1 — «BASTA UM PALPITE!» constará da publicação de dez cupões, que o leitor deverá preencher, indicando em todos eles, além do seu nome completo e morada (em letra bem legível), o minuto em que será marcado o primeiro golo dos desafios de futebol Benfica-Juventus e Juventus-Benfica, a contar para a Taça dos Campeões Europeus de 1968. O leitor deverá indicar, para a Taça dos Campeões Europeus de 1968. Não é obrigatória a indicação dos mesmos minutos em todos os cupões.

2 — Uma vez preenchidos e recortados os cupões (numerados de 1 a 10), o concorrente deverá juntá-los e entregar a colecção na sede do «Diário de Lisboa», ou enviá-la pelo correio, no final do concurso e em data a anunciar. Dada a mecânica deste passatempo, o concorrente não receberá qualquer documento comprovativo da entrega.

3 — Entre os concorrentes que acertarem, no seu palpite, no minuto da marcação do primeiro golo do Benfica-Juventus, serão sorteadas cinco viagens aéreas de ida e volta a Turim com estadia de cerca de três dias naquela cidade. Posteriormente, entre os que acertarem no minuto da marcação do 1.º golo do jogo Juventus-Benfica, serão sorteadas três viagens aéreas de ida e volta a Londres com estadia de cerca de três dias naquela cidade.

4 — Se não se verificarem golos em algum dos jogos, serão chamados ao respectivo sorteio os concorrentes que, no seu palpite, tiverem indicado o minuto 1 e o minuto 90. Se o primeiro golo for marcado depois do minuto 45 e antes do intervalo, ou depois do minuto 90, considerar-se-á, para efeitos do concurso, que foi marcado, respectivamente, no minuto 45 e no minuto 90.

5 — O minuto do golo, para efeitos deste concurso, será calculado da seguinte forma: os primeiros 60 segundos constituem o minuto 1, do minuto 1 e 1 segundo ao minuto 2 será o minuto 2, do minuto 2 e 1 segundo ao minuto 3 será o minuto 3, e assim sucessivamente.

6 — Se o número de concorrentes que ecertarem no minuto exacto em relação a qualquer dos jogos for inferior ao número de prémios respectivos, não haverá sorteio em relação a esses, chamando-se para um sorteio em que se decidirão os prémios restantes os cupões que contiverem o palpite do minuto anterior e do minuto posterior ao minuto exacto.

7 — Cada leitor pode concorrer com o número de colecções que desejar.

8 — Em tudo o que não fica consignado neste Regulamento seguir-se-ão os termos do requerimento deferido pelo Governo Civil do Distrito de Lisboa para a realização deste passatempo.

A visita do chanceler Kiesinger a Portugal

O chanceler da Republica Federal da Alemanha, Kurt Kiesinger, visita Portugal oficialmente de 27 a 28 de Maio, partindo no dia 29 para Espanha, onde permanecerá até 31 daquele mês, a convite do referido Governo.

Durante a sua permanência entre nós o chanceler Kiesinger deslocar-se-á a Coimbra onde, na Universidade, receberá o título de doutor «honoris causa». No primeiro dia 27, após a chegada, será recebido pelos srs.: almirante Américo Thomaz, prof. dr. Oliveira Salazar e dr. Alberto Franco Nogueira.

No mesmo dia á noite, no Palácio Nacional de Queluz, será homenageado com um banquete oferecido pelo Presidente do Conselho.

No dia 28, o chanceler da Republica Federal da Alemanha, retribuirá a homenagem do sr. prof. dr. Oliveira Salazar, durante uma recepção na Embaixada do seu país.

O ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Continuam a afluir ao «Diário de Lisboa» manifestações de simpatia, com felicitações pela passagem do 47.º aniversário da fundação do nosso jornal. Hoje registamos e agradecemos mais as das seguintes individualidades: srs. dr. José de Azeredo Perdigão, presidente do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian; dr. Nuno Simões; prof. Jacinto do Prado Coelho; dr. João Patrício, Nuno Pinho Xara-Brasil, das Relações Publicas da Varig; dr. Luís de Oliveira Guimarães, dr. António de Sousa, dr. Afonso Marchueta, director-geral do Comércio; A. Lopes de Oliveira, D. Maria de Carvalho, Manuel Ortigão Burnay, Samwell Dinis, em seu nome pessoal e no da direcção do Sindicato Nacional de Artistas Teatrais; prof. dr. Caetano Léglise da Cruz Vidal, presidente da Associação Comercial de Lisboa; A. M. Welsh, delegado do British Council e director do Instituto Britânico; dr. Norberto Costa, secretário do Governo Civil de Lisboa; Joaquin Calzado Blanco, presidente da «Juventud de Galicia»; Armando Cardoso Mota, vice-presidente desportivo do Clube Desportivo da Cova da Piedade; Shell Portuguesa e conselho director da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

— Também nos enviaram felicitações os nossos solícitos correspondentes António de Castro Pina, de Montangil; Adolfo Pereira de Carvalho, de Monção; dr. Adelino Alberto de Sousa Araujo, de Carviçais; Fausto Augusto Gomes Ferreira Barbosa, de Paredes (Douro); José Félix Correia, da Luz de Tavira, e João José de Almeida Torres, de Queluz.

Feira da Agricultura em Santarém

SANTARÉM, 11. — Este ano a área de exposição e as novidades contidas na Feira Internacional da Agricultura de Santarém ultrapassam tudo quanto aconteceu nos anos anteriores. A Inglaterra, onde chegou o eco do prestígio desta feira, vai ocupar uma área de milhares de metros quadrados. Mas de Itália, Alemanha, França, América, Japão, etc. vêm por igual os ultimos inventos da téonica.

Com esta projecção internacional só podem ganhar os agricultores portugueses, que na Feira de Santarém têm cada vez mais por onde escolher o material indispensável ao apetrechamento de uma actividade que precisa de não deixar ultrapassar-se pelas outras actividades produtivas.

MUSEU MILITAR

Por motivo da passagem, no domingo, do sexto aniversário da sua posse no cargo de director do Museu Militar, o sr. coronel Júlio Martins Mourão teve a atenção de agradecer ao «Diário de Lisboa» a colaboração prestada,

PÁSCOA NO ALGARVE
PRAIA DO CARVOEIRO
solférias
BUNGALOWS MOBILADOS
informações
IMOBILIARIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ S.A.R.L.
AV. INFANTE SANTO, 56 A - 56 B ● TELS.: 66 10 36 - 66 10 69 - 67 29 53 ● LISBOA

Para «pagar» o alojamento levaram uma máquina de escrever

OTA, 11 — Há dias, três indivíduos bem vestidos e bem falantes dirigiram-se ao restaurante dos srs. Elias Viçoso e seu filho, Carlos Viçoso, desta localidade. Pediram alojamento por uma noite, dizendo que se dirigiam para Coimbra. O pedido foi prontamente atendido pelos proprietários da casa. Na manhã seguinte, porém, já os viajantes tinham desaparecido, sem ao menos um «obrigado». Deixaram, contudo, a marca da sua passagem, levando uma máquina de escrever, cuja falta foi notada mais tarde.

PARA DEMOLIÇÃO

Prédios altos, velhos, com escritos velhos também, amarelados, em todos os andares, prédios vazios, portanto moribundos. Só faltam os operários com as suas terríveis ferramentas de coveiros para os tirar dali como a corpos a apodrecer que ameaçam os vivos com a sua presença. É necessário que morram de uma vez para outros nascerem. É necessário que aquele feio, desbotado, prédio que só os ratos habitam desapareça, para que um novo edifício comece a crescer, dia a dia a crescer com a força implacável da juventude. E logo que ele atinge toda a sua altura, ei-lo que se enche — quase sempre — de casais jovens, de crianças rosadas e risonhas.

Havia também as pequenas velhas casas, aquelas moradias escondidas por detrás de grades, de arbustos. Também elas morreram para no seu chão crescerem quase vegetalmente enormes paralelepípedos com fileiras de janelas sem varandas nem jardins suspensos e onde ninguém se debruça. Foi-se o tempo de gastar o tempo, ele agora é sempre pouco, foge-nos das mãos. Quem é que chega à janela nos nossos dias?

Ontem passei por uma moradia que está há meses a ser demolida. Foi uma linda casa, aquela, e ainda se via, ao fundo, uma parede com azulejos antigos, muitos deles quebrados, e no chão, no centro do que devia ter sido a sala de entrada, uma pequena fonte com os restos de um anjinho gordo, barroco. Mais nada.

Casas que tinham uma alma, vozes, aromas, calor. Casas onde gente nasceu e gente morreu. E de súbito, no seu lugar, sobre o seu túmulo, vai construir-se um desses arranha-céus com andares todos iguais. E algumas delas — poucas, é certo — eram tão belas, ficavam tão bem nesta Lisboa.

BÉLGICA: PROBLEMÁTICA EM EQUAÇÃO

I — Trava-se a luta final!

Do enviado especial PAUL-JEAN FRANCESCHINI

BRUXELAS — Abril — **«Você vai ficar em maus lençóis** — dizia-nos, há cerca de três semanas, pouco depois da queda do Governo Vanden Boeynants, um membro do Gabinete cessante — **os belgas não gostam que ninguém tente resolver-lhes as questões. E depois, desta vez, a situação é grave, gravíssima. Estamos quase a rebentar. Nunca os espíritos estiveram tão excitados.»**

— Todavia, a crise real, a guerra escolar, as grandes greves?...

— Tudo bagatelas, se as compararmos com o que se prepara. Pela primeira vez, as duas comunidades estão frente a frente. Noutro tempo, estavam cindidas por diversas preferências ideológicas — socialistas e liberais contra católicos. Agora é a luta final!...

A julgar pelo ritmo e pela animação da campanha eleitoral, poder-se-ia crer que agora se renunciou á competição. As reuniões são raras e morosas. Os partidos utilizam a rádio e a televisão para dar a conhecer os seus programas. Os cartazes não chamam as comunidades ás armas. O primeiro-ministro cessante, designado, como sempre, pelas suas iniciais «V. D. B.», importuna o transeunte, em francês e neerlandês: «*Tenho necessidade de si.*»

O Partido da Liberdade e do Progresso (P. L. P.) cobriu Bruxelas de painéis e lemas tricolores e joga a fundo a carta da unidade nacional. «*Eles estão a demolir... Nós construímos.*» Os socialistas pedem, também, para que todos votem «*belga*». Algumas formações não esqueceram que se trata de uma campanha diferente das outras; a Frente Democrática dos Francófonos (F. D. F.) apresenta em Bruxelas um Manneken-Pis de pijama ás riscas, de degredado, para advertir os transeuntes dos perigos de servidão com que os flamengos ameaçam a cidade.

Os comunistas ortodoxos terão muito que fazer para manter a sua identidade em relação a seis grupos rivais, num país em que a exclusividade das designações dos partidos políticos não é protegida.

Depois de um início barulhento, a luta eleitoral tornou-se calma, como se os adversários — com algumas excepções — receassem não poder conservar o domínio dos acontecimentos.

Neste país, onde os políticos sempre tiveram o oráculo fácil, ninguém quer fazer prognósticos: «*Há trinta e cinco anos que sou deputado por Antuérpia. A estabilidade do corpo eleitoral é tão grande na Bélgica que sempre fui capaz de prever, com diferença de dois lugares, os resultados das eleições. Desta vez, fazê-lo seria uma ousadia grave...*»

A mesma afirmação ouve-se em todos os campos. É certo que o jogo se modificou. A própria insistência em ostentar refrãos unitários mostra bem onde se situa o debate: é das próprias estruturas do Estado, sem mudar desde 1830, que, realmente, se trata.

Um sistema já sem fôlego

A Bélgica, de crise em crise, atravessou, desde a última guerra, muitos dias difíceis. Todavia, mesmo no momento do confronto com o rei Leopoldo, as instituições não foram verdadeiramente postas em causa. O desacordo sobre a atitude do soberano não deu lugar a que se denunciasse, grandemente, a Monarquia, e, no fim de contas, esta desempenha um papel apagado. Desta vez, a espinha dorsal do país — o poderosíssimo Partido Social Cristão, formação do Governo por excelência — foi quebrada. Os ministros da Ala Flamenga (C. V. P.) empurraram o chefe do Governo para a demissão, a fim de conseguir que, de facto, a secção francesa da Universidade Católica deixasse a cidadezinha flamenga de Lovaina.

É difícil imaginar a importância de tal iniciativa. As certezas mais sólidas ruiram bruscamente. A Flandres Católica tomou a direcção oposta das posições do episcopado e exerceu sobre este tamanha pressão que um dos bispos, Mons. De Smedt, cedendo ás objurgações do seu «povo» reconheceu ter-se «enganado grosseiramente», ao pronunciar-se, com os seus pares, a 13 de Maio de 1966, a favor da manutenção, em Lovaina, da secção francesa. Este acontecimento incon-

(Continua na 23.ª página)

Ora diga-nos...

— Tem os seus filhos vacinados contra que doenças?

A vacinação é um meio eficaz de se evitarem doenças, muitas destas mortais. Nas conversas que tivemos com os nossos entrevistados de hoje, mais uma vez, pudemos verificar, que o clima de desconfiança em relação às vacinas está ultrapassado.

● *O sr. Fernando da Fonseca Ribeiro, de 36 anos, fundidor, começou por nos responder:*

— Felizmente contra todas.

— Contra todas?

— Bem. O meu rapaz tem sido vacinado a conselho da professora.

— O seu filho está, portanto, na escola...

— Sim. Frequenta uma escola particular e está na 3.ª classe.

— E onde tem sido ele vacinado?

— Num dispensário que fica próximo da Assembleia Nacional.

— Tem algum receio em consentir que o seu filho seja vacinado?

— Pelo contrário. Não tenho qualquer receio.

● — Não sei. A minha filha está no Porto e há quase 6 anos que não a vejo. *Afirmou-nos o sr. António Lemos Amorim, de 48 anos, natural do Porto, e há 14 anos a trabalhar em Lisboa, como empregado comercial.*

— Que idade tem a sua filha?

— 10 anos.

— Mas não tem tido notícias dela?

— A miúda está em casa da minha

mãe que, tenho a certeza, lhe dispensa todos os cuidados. Se fôr necessário vaciná-la, a avó, não deixará de olhar por isso.

● *Finalmente, a sr.ª D. Maria da Assunção Oliveira, telefonista, que vinha rua acima com o seu filho de 3 anos pela mão, disse-nos:*

— Varíola, poliomielite, tétano, tosse convulsa, difteria...

— Onde é ele vacinado?

— É assistido por um médico que lhe ministra as vacinas sempre que considera necessário.

PELA MARCA SE IDENTIFICA O BOM GOSTO

NAS RUAS MAIS ELEGANTES DO MUNDO ENCONTRARA FUMADORES DESFRUTANDO O PRAZER DE SABOREAREM UM CIGARRO

L&M

AS FUMAÇAS DO L&M SÃO UNS CURTOS MOMENTOS AGRADÁVEIS NA VIDA..

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 950232

DOMINGO DE PÁSCOA

ALMOÇOS E JANTARES — EMENTA ESPECIAL

LEMBRAMOS A CONVENIÊNCIA DE RESERVAR MESA

Avisamos os nossos Ex.mos Clientes que as nossas Salas e o Terraço se encontram totalmente reservados para LANCHES DE CASAMENTO E BANQUETES, nos próximos dias 15 e 17, não nos sendo possível servir os habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Nos restantes dias agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até ás 19 horas.

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ABC

«Arroz de Miúdas» a revista-vedeta

Mantendo-se no topo do êxito, a revista «Arroz de Miudas» entrou em triunfal segundo mês de representação. Espectáculo colorido, de luxuosa montagem, repleto de óptimas piadas e lindas canções, «Arroz de Miudas» é, realmente, o grande espectáculo das noites da capital. Trata-se de mais uma sensacional produção do empresário José Miguel e são autores do texto Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, sendo a musica da autoria dos maestros João Nobre e João de Vasconcelos. Mestre Charles dirigiu a coreografia e Mário Alberto dirigiu a montagem e desenhou belos figurinos. José Manuel assinou a cenografia e o guarda-roupa, pleno de luxo e modernidade, foi executado nos Ateliers Paiva, sob orientação de Josefina Soares.

Raramente será possível reunir um elenco de tanto nível, elenco que cobra largos aplausos no desempenho de «Arroz de Miudas». Assim, ele é constituído por Aida Baptista, Carlos Coelho, Beatriz da Conceição, Óscar Acursio, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Carlos Gonçalves, Guida de Carlo, Maria José, Elizabete, Marylien, os bailarinos internacionais Jacqueline, Khaty e Lillian, os bailarinos Vítor e Orlando, gracioso conjunto de bailarinas portuguesas e, ainda, a grande atracção do espectáculo, o actor-cantor Tony de Matos. «Arroz de Miudas» representa-se, diáriamente, em duas sessões, ás 20 e 45 e 23 horas. A bilheteira do ABC abre ás 13 horas.

MONUMENTAL

«Deliciosamente Louca!» com Eunice Muñoz, Rui de Carvalho e Rogério Paulo

«Deliciosamente Louca!», um original de Michel André, na versão portuguesa de Armando Cortez, continua a levar ao Monumental, todos os dias, grande numero de publico.

Trata-se de facto de uma comédia engraçadíssima, com uma história fresca e alegre superiormente interpretada por um escolhido elenco de que fazem parte Eunice Muñoz, numa das suas melhores interpretações de sempre, Rui de Carvalho e Rogério Paulo, também com excepcionais desempenhos e ainda João Perry, Madalena Braga, Célia de Sousa, Clara Rocha, Vasco Morgado Jr. e Vítor Espadinha. De segunda a sexta-feira, espectáculos ás 21 e 45. Aos sábados, duas sessões, ás 21 e ás 23 horas. Domingos e feriados, á tarde, ás 16 horas e, á noite, ás 21 e 45

VARIEDADES

Apenas mais alguns dias com a revista «Pois, Pois...»

Apenas durante mais alguns dias o publico terá ensejo de aplaudir a empolgante super-revista moderna de grande espectáculo «Pois, Pois...», indesmentível coroa de glória para o fabuloso Raul Solnado que, nesta magnífica pro-

(Continua na 6.ª pagina)

JAMES STEWART

DEFENDE-SE COM FÚRIA!

JAMES STEWART · HENRY FONDA

NUM DUELO DE MORTE

A HORA DA FÚRIA

(FIRECREEK)

NA LINHA DOS MELHORES CLÁSSICOS DO OESTE AMERICANO

com GARY LOCKWOOD · DEAN JAGGER · ED BEGLEY · JAY C. FLIPPEN e INGER STEVENS

Arg. de CALVIN CLEMENTS · Música de ALFRED NEWMAN · Prod. PHILIP LEACOCK

Real. de VINCENT McEVEETY · TECHNICOLOR · PANAVISION · WARNER BROS.-SEVEN ARTS

Maiores 17 anos

um exclusivo ASTÓRIA FILMES

SÁBADO - ESTREIA ÀS 15,30

SÃO LUIZ e ALVALADE

SÁBADO

às 15.15

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

CLIFF RICHARD

A GRANDE VEDETA DO FESTIVAL DA EUROVISÃO

OS SHADOWS

NUM ESPECTÁCULO DE ALEGRIA DESENFREADA!

RANK FILMES

ROBERT MORLEY PEGGY MOUNT

A NOVA GERAÇÃO IMPÕE UM NOVO RITMO

Ritmo Atómico

"Finders Keepers."

COLOR

Maiores de 12 anos

UNITED ARTISTS Transamerica

RIR! É O MAIS IMPORTANTE NA VIDA...

no MONUMENTAL ÀS 21.45 H.

VASCO MORGADO APRESENTA

EM PLENO ÊXITO!

Eunice • Rui • Rogério

NA ESPANTOSA E DIVERTIDA COMÉDIA

Deliciosamente Louca!

no elenco HENRIQUETA • PERRY • CLARA • MADALENA • VASCO MORGADO JR. • ESPADINHA

RUI

MUITO RISO E POUCO SISO

NÃO DEIXE DE VER ESTE FABULOSO ESPECTÁCULO

EM 5.º MÊS

AMANHÃ, NÃO HÁ ESPECTÁCULO
SÁBADO SESSÃO ÚNICA, ÀS 21.45 H.
DOMINGO, ÀS 16 H. À NOITE ÀS 21 e 23 H.

LAURA ALVES em «A FLOR DO CACTO» hoje em Alcobaça, Sábado e Domingo na inauguração dos espectáculos teatrais no Cinema do Novo Casino Estoril (Adultos)

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de lisboa

Hoje, 2 Sessões às 21 e às 23 h.

ADULTOS

SEXTA-FEIRA NÃO HÁ ESPECTÁCULO

UMA COMÉDIA PARA GENTE QUE GOSTA DE RIR COM O DINHEIRO DOS OUTROS

«Agarra que é milionário»

com HENRIQUE SANTANA, IRENE ISIDRO, ARTUR SEMEDO, TOMÁS DE MACEDO, ANABELA

e em sensacional reaparição em comédia FLORBELA QUEIRÓS

EM BREVE RAUL SOLNADO ESTÁ DE VOLTA

Florbela Queirós «o rapariga sem cheta»

CASINO ESTORIL

AMANHÃ, DEVIDO A SOLENIDADE DO DIA, ESTÃO ENCERRADOS TODOS OS SERVIÇOS DO CASINO ESTORIL.

LORDE

CABELEIREIRO DE HOMENS

TRATAMENTOS BOUTIQUE

AR CONDICIONADO

Rua Joaquim António Aguiar, n.º 23 Telefone 562287

Restaurante Varandado Chanceler

Devido à solenidade do dia, amanhã, encontra-se encerrado.

Aceitam-se marcações para Domingo de Páscoa.

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

Dada a solenidade da época que atravessamos, a programação da R. T. P. inclui exclusivamente, até sexta-feira, dia 12, rubricas de carácter religioso. Por essa razão a «TV dia a dia» reaparecerá no próximo domingo.

TELE-ASPECTOS

MEDITAÇÃO SOBRE A CRÍTICA

Toda a gente concorda com a necessidade da crítica. Mas nem todos estão de acordo com a crítica da necessidade.

●

Não se sabe porquê, mas esta expressão «crítica construtiva» anda geralmente na boca dos piores empreiteiros.

●

Criticar é procurar o equilíbrio. Quantas vezes esse equilíbrio se procura numa corda extremamente bamba e sobre um fosso povoado de crocodilos!

●

Quem tem medo da crítica tem medo de si próprio.

●

Dizem-se, por vezes, «umas verdades» por ser difícil dizer uma verdade.

●

O programa terminou. O crítico está só, diante da sua consciência. Mas não é isso o que o aflige. O que o aflige é estar só — diante das suas mãos vazias.

●

Só o amor justifica a dureza.

●

A função primeira de toda a crítica é criar a habituação de ver — com os olhos abertos.

●

O crítico, como o médico, não tem de saber se dói: tem de saber se cura.

●

Só num meio extremamente pobre se pede à crítica o que se pede à Misericórdia.

●

Não pode censurar-se um crítico de televisão por não saber o máximo. Mas deve censurar-se uma televisão por não saber o mínimo.

●

O crítico é um telespectador que não vai dormir.

●

O crítico de televisão vê o que milhões de pessoas viram e mais um bocadinho... que eles depois verão.

●

Criticar não dá prazer; prazer não dá criticar. No meio da contradição, o crítico a orientar-se no meio da névoa.

MÁRIO CASTRIM

HOJE PODE VER.

● **Às 21 e 55: Eurovisão**

Por intermédio da Eurovisão, a R. T. P. apresenta, esta noite, «As sete palavras de Nosso Senhor», da autoria de Haydn, executado por «I Solisti Veneti», dirigidos por Cláudio Scimone.

Este programa foi realizado pela Radiotelevisão Italiana.

COMEÇA NA SEGUNDA-FEIRA

(NO MONUMENTAL)

A QUINZENA DO NOVO CINEMA PORTUGUÊS

O descrédito em que, mercê de lamentáveis aventuras, o cinema português caiu junto de certas camadas do público não se justifica perante a obra de um certo número de cineastas, como António de Macedo, Fernando Lopes, Manuel de Oliveira, Faria de Almeida, Artur Ramos, Ernesto de Sousa, Paulo Rocha, que procuram criar um novo tipo de cinema português com um mínimo de ambições intelectuais, artísticas e técnicas, integrado no contexto geral da cultura portuguesa e susceptível de ser apresentado no estrangeiro sem nos envergonhar.

Este novo tipo de filmes tem vindo a afirmar-se nos últimos tempos. Para dar ao público português uma noção exacta das nossas ambições e limites, a Casa da Imprensa e as Quinzenas do Bom Cinema promovem um ciclo do novo cinema português que tem início na segunda-feira, às 18 e 30, no Cinema Monumental e no qual se afirma uma geração de cineastas que procura contribuir, na medida das suas possibilidades, para a materialização de tal cinema.

Nessa referida quinzena serão apresentados ao público de Lisboa (pela primeira vez de forma panorâmica e cronológica), «Dom Roberto», de Ernesto de Sousa, «Pássaros de asas cortadas», de Artur Ramos, «Os verdes anos», de Paulo Rocha, «Acto da Primavera», de Manuel de Oliveira, «Belarmino», de Fernando Lopes, «Domingo à tarde», de António Macedo, e «Mudar de vida», de Paulo Rocha, além de uma selecção de algumas das mais recentes e representativas curtas-metragens do novo cinema português.

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

3.ª SEMANA DE LOTAÇÕES ESGOTADAS!

METRO-GOLDWYN-MAYER apresenta uma PRODUÇÃO JOSEPH JANNI

ENCHENDO OS ÉCRANS COM O PODER E A PAIXÃO... A MAIOR HISTÓRIA DE AMOR JAMAIS FILMADA!

JULIE CHRISTIE (ACTRIZ LAUREADA) TERENCE STAMP PETER FINCH ALAN BATES

EM RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA

70 m/m

LONGE DA MULTIDÃO

(FAR FROM THE MADDING CROWD)

Maiores de 12 anos

Argumento de FREDERIC RAPHAEL. Baseado na novela de THOMAS HARDY. Realização de JOHN SCHLESINGER em 70 mm PANAVISION METROCOLOR MGM

O PÚBLICO ACLAMA O GRANDE ÊXITO MUNDIAL!

CONDES e ROMA

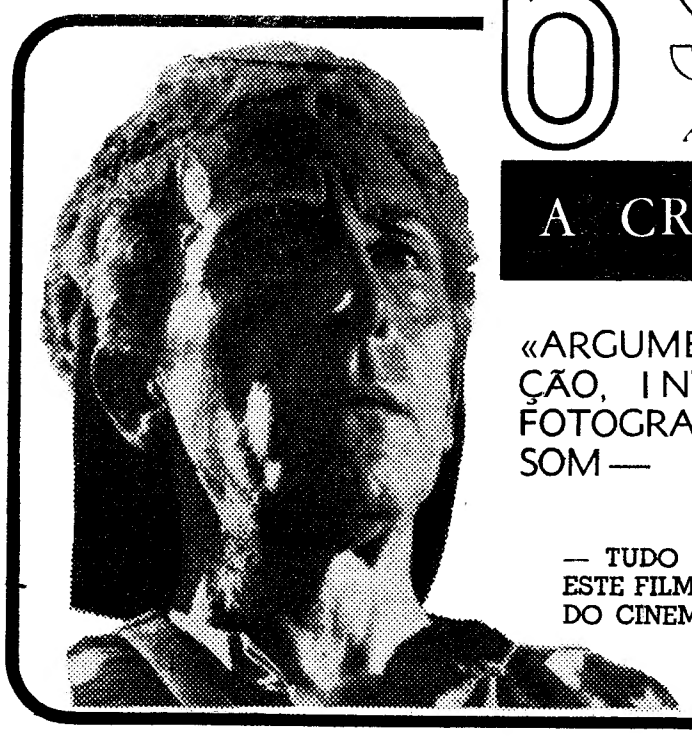
O argumento do filme «Longe da Multidão» é adaptado da obra de Thomás Hardy publicada pela Portugália Editora na col. Os Romances Universais

A OBRA MÁXIMA DE JORGE BRUM DO CANTO

Exclusivo DOPERFILME

6.ª SEMANA

Adultos AVIS



A CRUZ DE FERRO

«ARGUMENTO, REALIZAÇÃO, INTERPRETAÇÃO, FOTOGRAFIA, MÚSICA E SOM —

— TUDO CONTRIBUI PARA TORNAR ESTE FILME O MOMENTO MAIS ALTO DO CINEMA NACIONAL».

(DA CRITICA)

com JORGE BRUM DO CANTO ✶ CREMILDA GIL ✶ MARIA DOMINGAS ✶ OCTÁVIO DE MATOS ✶ ANGELA RIBEIRO ✶ ANTÓNIO MACHADO RUY FURTADO ✶ MANOEL DALMEIDA ✶ CESAR VIANA ✶ EMÍLIO CORREIA ✶ JULIETA CASTELO ✶ ARMANDO FERREIRA MARIA SALOMÉ ✶ CUNHA MARQUES ✶ MANUELA MARIA ✶ RUY DE MATOS ✶ FERNANDA FIGUEIREDO ✶ MÁRIO SARGEDAS

UMA NOTÍCIA SENSACIONAL!

AMANHÃ E SÁBADO

APRESENTAÇÃO ESPECIAL DE «A BIBLIA» NA SEMANA SANTA E PÁSCOA

NOS CINEMAS

MONUMENTAL E EUROPA

A PARTIR DE DOMINGO, SÓ NO EUROPA

A BIBLIA

...O COMEÇO DO MUNDO

MAIORES 12 ANOS

OS MAIORES ARTISTAS DA TELA REVIVEM AS PÁGINAS GLORIOSAS DO LIVRO MAIS LIDO DO MUNDO

70 mm — TECHNICOLOR — EXCLUSIVO FILMES LUSOMUNDO

NUNCA EM CINEMA SE FEZ NADA COM TÃO VERDADEIRA GRANDEZA!

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

dução de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado atinge o ponto mais brilhante da sua carreira de comediante.

Original de José Galhardo e João Nobre, com música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hermani e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa de António Paiva (dirigido por Josefina Soares), direcção musical de Carlos Dias, coreografia de Paulo José e encenação de Cortez, a super-revista «Pois, Pois...» é interpretada por um cartaz autênticamente rutilante: o fabuloso Raul Solnado, a querida e prestigiosa actriz Ivone Silva, Barroso Lopes, Armando Cortez, Francisco Nicholson, Clarisse Belo, a voz apaixonante de Maria Teresa Quinta, o azougue e ritmo do «ballet» inglês The Santyago Dancer's, a plástica de sonho da atracção brasileira Wanda Moreno, a juventude de Dina Maria, do cançonetista Gabriel Cardoso, Gilberto Gonçalves, Simone Maria, Odete Antunes, Sara Rafael, Fernanda Franco e Nela Duarte, numa moldura de bailarinas e bailarinos de classe internacional.

Apenas até domingo de Páscoa estará em cena esta maravilhosa revista, empolgante êxito que todas as noites, ás 20 e 45 e ás 23 horas, atrai ao Teatro Variedades multidões ávidas de se divertirem.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em Português — «7 mulheres para os MacGregor»
Intérpretes — David Bailey, Agatha Flory, Leo Anchoriz e Robert Camardial
Género — Comédia
Distribuição — Deva Filmes
Processo — Cinemascope-Technicolor
Classificação — 12 anos

CAPITÓLIO
Tel. 320379
As 21.45 (M. 17 anos)
AS TRÊS PERFEITAS CASADAS
de A. CASONA
Trad. de NORBERTO LOPES
com MARIANA REY MONTEIRO
ADRIANO REYS e um grande elenco
SÁBADO: Tarde a preços reduzidos

COLISEU
HOJE, ás 21 e 30
GRANDIOSO PROGRAMA
OS FILMES
«A VIDA DE CRISTO» e «A LUZ VEM DO ALTO»
(Maiores de 12 anos)
Amanhã, á tarde e á noite repete-se o mesmo programa

As inscrições para o Festival Internacional do Filme Publicitário

Todas as pessoas ou entidades que desejarem inscrever filmes das categorias de Cinema ou Televisão no 15.º Festival Internacional do Filme Publicitário e ainda não tiverem recebido os respectivos formulários, podem solicitá-los para a seguinte morada:

Mr. B. H. Annett — 15.º FESTIVAL DO FILME PUBLICITÁRIO
35, Picadilly
LONDRES — W 1

O Festival deste ano, em Veneza, está a despertar o maior interesse e espera-se que seja, em projecção e magnificência, o mais importante dos que até agora se têm realizado.

De facto, a SAWA — Screen Advertising World Association — não se poupou a esforços para lhe imprimir um brilho inédito e espectacular. A SAWA é representada em Portugal pela firma Propagandas Belarte, cujo constante progresso e espírito de dinamismo bem se casa com mais de um quarto de século de aturados esforços no campo da publicidade

SESSÃO DE CINEMA DO ABC

Integrado no ciclo de Cinema Moderno, realiza-se amanhã, pelas 18 e 40, no Cinema Lys, mais uma sessão com o filme de Lina Wertmuller, «Os inactivos». A admissão de novos sócios pode ser feita antes da sessão.

Teatro alegre pela Companhia Juvenil «Os Académicos»

No sábado, às 22 horas, no Campolide Atlético Clube, a Companhia de Teatro Juvenil «Os Académicos» leva à cena as peças «A Quinta da Malandrice» e «Tonecas na Escola». Actuam os amadores Rafael Peres, Maria Teresa, Alexandre Mata, Tony Duarte e outros.

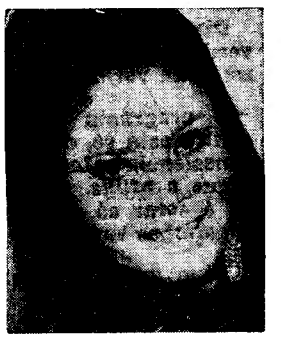
TEATRO NOS BAIRROS POPULARES

A iniciativa municipal de levar espectáculos de teatro aos bairros populares e da periferia da cidade prossegue na noite de sábado, com representações pelo grupo dirigido pelo artista João Sarabando. São levadas á cena, no Belém Clube, as peças em 1 acto «Mater Dolorosa», de Júlio Dantas; «O ser sepulto», de António Rebordão Navarro, e «O beijo do Infante», de D. João da Câmara.

TRINDADE
— F. N. A. T. —
O T. N. P. apresenta
HOJE, às 21.45 — (Adultos)
«NÃO SE SABE COMO»
de LUIGI PIRANDELLO
SÁBADO — Última representação

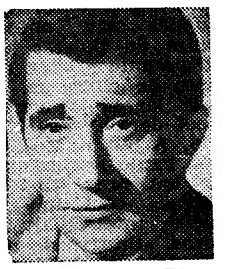
CORUCHE
(6 anos)
DOMINGO DE PÁSCOA
Às 5 da tarde
INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA
8 Gordos e Corpulentos Touros
de Herd. de Dr. António Silva
(do Couço)
D. José de Atayde
Luís Miguel da Veiga
Paco Corpas
Ricardo Chibanga
Forcados Amadores de Montemor-o-Novo, chefiados por Joaquim José Capoulas
Sol, 30$00 — Sombra-Sol, 45$00
Sombra, 70$00

TEATRO VARIEDADES Telef. 32 60 37 ADULTOS
HOJE: As 20.45 e 23 HORAS
SÓ ATÉ DOMINGO!
4 ÚLTIMOS DIAS COM
RAUL SOLNADO
o fabuloso da gargalhada
NA SUPER-REVISTA
POIS, POIS...
com
IVONE SILVA
BARROSO ● CORTEZ
NICHOLSON ● CLARISSE
a voz diferente de
MARIA TERESA QUINTA
o «ballet» inglês
The Santyago Dancer's
a plástica impressionante
da atracção brasileira
WANDA MORENO



WANDA: o vulcão do Brasil!

TEATRO ABC
TELEF. 36 67 45
JOSÉ MIGUEL apresenta
HOJE: Às 20.45 e 23 horas
● EM 2.º MÊS DE ÊXITO! ●
ARROZ DE MIÚDAS
ADULTOS



TONY DE MATOS
★
COM UM SENSACIONAL ELENCO:
AIDA BAPTISTA ● CARLOS COELHO
● BEATRIZ DA CONCEIÇÃO ●
ÓSCAR ACÚRCIO ● DELFINA CRUZ
e a grande atracção
TONY DE MATOS
Coreografia de CHARLES

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

HOJE • às 21.30 • GRANDIOSA E DIVERTIDA ESTREIA
UM FILME DE FULGURANTE ACÇÃO!
SETE MULHERES DECIDIDAS E... FORMOSAS...
DEFENDEM-SE MELHOR DO QUE OS PRÓPRIOS HOMENS!
POLITEAMA
(M/ 12 ANOS)

UM «COCKTAIL» TREPIDANTE E EXPLOSIVO NUMA DELICIOSA MISTURA DE AUDÁCIA E FOGOSIDADE!
deva filmes

Filinto
DISCOTECA — TABACARIA — BRINDES
ÚLTIMAS NOVIDADES
Av. 5 de Outubro, 53-A — LISBOA

Diário de Lisboa

COIMBRA

AVENIDA CENTRAL: O TEMA FOI DISCUTIDO NA REUNIÃO DO MUNICÍPIO

Na ultima reunião da Camara Municipal, a que assistiram quase todos os vereadores, o presidente do Município comunicou que o acordo judicial com os dois ultimos proprietários do segundo quarteirão atingido pela abertura da Avenida Central, cujos prédios não tinham ainda sido adquiridos, foi já estabelecido, após o que resta apenas aguardar o prazo legal que a lei confere aos arrendatários para os abandonar, mediante as indemnizações legais, e iniciar então as demolições.

Depois de informar que se iniciaram contactos com os proprietários do quarteirão seguinte, o eng.º Araujo Vieira fez largas considerações sobre o primitivo processo, em que se previa o escalonamento das expropriações até 1982, prazo que ninguém contestou quando em 1964 foi entregue á Presidência do Conselho. O presidente da Camara de então, dr. Moura Relvas, entendeu que as possibilidades do Município não permitiam ir mais longe. Mesmo que as houvesse, existiam condições determinantes para o andamento dos trabalhos e, por isso, não foi passada ainda a declaração de utilidade publica para a expropriação do quarteirão a seguir.

Por tal motivo, afirmou, torna-se necessário solicitar a revisão dos prazos e pedir a sua antecipação, justificada por *algumas* possibilidades financeiras da Camara. Com vista a essa antecipação é preciso apresentar condições aceitáveis para justificar a declaração de utilidade publica, a qual só terá sentido se houver capitais para indemnizar os proprietários... E acrescentou: para as expropriações até 1982 estava previsto o investimento de 80 mil contos; comparando com o que já foi liquidado, é de prever que esse valor não seja suficiente e, portanto, para acelerar o processo de expropriação, será necessário dispor de grandes capitais a fim de satisfazer as justas aspirações dos proprietários e evitar o processo demorado das expropriações judiciais.

Disse, a seguir, que seria o Governo a determinar o ritmo dos trabalhos, concedendo os empréstimos que hão-de ser-lhe pedidos e controlando o programa de expropriação. O eng.º Araujo Vieira recordou ainda a perturbação que as demolições já causaram a muitas famílias, umas com o peso da incerteza na procura de novas condições de vida, outras arrastadas para situações desagradáveis que não foi possível minorar legalmente.

Depois de afirmar que as condições de vida em sociedade impõem, por vezes, sacrifícios pesados aos seus elementos, porque a marcha do progresso não pode nem deve diminuir, acrescentou o presidente do Município, que um processo de expropriação sem respeito pelos legítimos interesses e direitos dos expropriados era doutrina que ele não seguia. Lamentava, até, haver quem a defendesse. Disse ainda que as expropriações acarretam prejuízos a todos os desalojados, a uns mais que a outros — e são precisamente os de menores recursos as maiores vítimas deste progresso.

Falou seguidamente o vereador eng.º Azevedo Sobral, que se regozijou com as perspectivas anunciadas da abertura da Avenida Central e sugeriu *a abertura de uma faixa de rodagem á medida que fossem feitas as expropriações*, o que traria uma alta acção funcional, deixando antever o que será o futuro. Usando novamente da palavra, o eng.º Araujo Vieira referiu-se á troca do terreno da Torre de Santa Cruz e propôs que o arquitecto Amoroso Lopes, dos Monumentos Nacionais, fosse convidado para a realização dos estudos do projecto do edifício, visto ser a pessoa que reune melhores condições para a sua elaboração. O assunto mereceu grande interesse por parte dos vereadores, sugerindo o eng.º Azevedo Sobral que se apreciassem anteriores estudos e projectos para o aproveitamento do local, o que permitiria, assim, melhor atenção por parte do arquitecto.

A Camara Municipal ocupou-se, depois, de várias falhas apontadas pela Comissão Municipal de Turismo. O vereador Viriato Namora falou sobre a situação actual da passagem de nível de S. José, que obriga a frequentes interrupções de transito e formação de longas filas de veículos parados, propondo que se peça á C. P. a rápida construção da estação de S. José, para término da linha de Serpins dos serviços diurnos. Depois de várias considerações do presidente e do eng.º Azevedo Sobral, foi deliberado que a Camara voltasse a insistir junto da C. P. para atender á solução preconizada.

A Camara tomou, por fim, conhecimento de que foi concedida pelo ministro das Obras Publicas uma comparticipação de 100 contos para a construção de bairros camarários destinados a famílias económicamente débeis.

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 72 49 75

LISBOA

Campos de trabalho para seminaristas

No encerramento do encontro de estudos da equipa da Acção Social do Seminário Maior de Coimbra, realizou-se um convívio e sessão de apuramento final, chegando-se a várias conclusões, entre as quais a de organizar no próximo Verão mais dois *campos de trabalho*, um subordinado ao tema «Sindicalismo», com trabalho em várias empresas, e outro no estaleiro de um imóvel a construir, para famílias pobres, como testemunho de ajuda fraterna. Para esta segunda parte, foi deliberado dar o aval da equipa, juntamente com o da MONAC e do Instituto do Serviço Social, a uma petição (á Fundação Calouste Gulbenkian), de Chefes de famílias pobres da zona da Conchada, para a construção do referido imóvel.

Casa da Criança de Travanca de Lagos

A Junta Distrital de Coimbra, aceita propostas, até ás 15 horas do dia 29, para a construção da Casa da Criança de Travanca de Lagos, cuja base de licitação é de 728 946$00.

I Congresso Kagadal

A Comissão Executiva do I Congresso Kagadal, constituída pelos srs. dr. José Feio, eng.º João Ferreira de Araújo e dr. Laurentino da Silva Araújo, promove no dia 16, pelas 18 horas, nos Paços da República dos Kágados uma reunião dos representantes dos órgãos da Informação, «para uma gastro-conferência no estilo da casa» com o intuito de pormenorizadamente dar conhecimento do programa desse Congresso.

«A Previdência Portuguesa»

Vai realizar-se no próximo dia 18, pelas 21 horas, a assembleia geral da Associação de Socorros Mútuos «A Previdência Portuguesa», a fim de dar solução ao acto eleitoral de Dezembro último. Será orientada pela Inspecção da Previdência Social. Nesta assembleia não poderão tomar parte os sócios que se encontrem na situação de suspensão de direitos associativos, os que recebem estipêndio da Associação por serviços de qualquer natureza, que sejam fornecedores ou tenham com ela contratos de compra e venda.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

AVENIDA — Às 21 e 30: «O paraíso do homem» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «As armas da vingança» (12 anos).

Farmácias de serviço

LUCIANO & MATOS — Rua da Sofia (Tel. 22147 e 22148).

HIGIENE — Rua Fernandes Tomás (Tel. 22634).

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 23767).

M. NAZARÉ — Avenida João das Regras (Tel. 23033).

VAUXHALL 68

NOVO MODELO 102 1600 e 2000 c.c.

peça uma demonstração e condições na LICAR

Av CASAL RIBEIRO, 48 A e C

CONCESSIONARIA DA GENERAL MOTORS

CARREIRA DE CAMIONAGEM QUELUZ-BELAS-QUELUZ

QUELUZ, 11 — No sentido de se evitarem manobras demoradas e perigosas, feitas na estreita Rua Dr. José Alberto Ferraz, em Queluz, a empresa Eduardo Jorge poderia prolongar a carreira de camionagem Queluz-Belas-Queluz (com a devida autorização do Ministério das Comunicações) até ao Largo do Palácio. Assim, aquela carreira deixaria de terminar na Avenida Miguel Bombarda e prolongar-se-ia, passando pelo Largo da Estação, pela Avenida António Enes, pelos Quatro Caminhos, pela Avenida da Republica, pelo Largo do Palácio e voltando pela Rua Heliodoro Salgado, pela Rua Conde Almeida de Araujo, por parte do troço da Avenida José Elias Garcia, pelos Quatro Caminhos, pela Avenida António Enes, pela Estação, etc.

Estamos certos de que, se a referida empresa aceitasse este alvitre, mesmo aumentando o custo dos respectivos bilhetes, iria beneficiar os residentes na parte baixa de Queluz e que se acham privados de qualquer transporte para a Estação da C. P.

Além disso, descongestionaria o trânsito da Avenida Miguel Bombarda e deixaria a salvo os transeuntes, designadamente as crianças que passam na Rua Dr. José Alberto Ferraz.

Uma comunicação da C. M. L.

Com o pedido de publicação recebemos da Câmara Municipal de Lisboa a seguinte notícia:

1. O prestigioso Clube Nacional de Natação, da Rua de S. Bento, encontra-se na iminência de ser despejado dos terrenos onde há muitos anos funciona e que constituem o logradouro de prédios daquela artéria.

2. A Câmara Municipal de Lisboa, apesar de estranha às dificuldades em que se encontra o clube, procurou intervir com a finalidade de conseguir a manutenção da benemérita associação em terrenos de S. Bento. Como as negociações com o proprietário se malograram, o Município desistiu da aquisição dos referidos terrenos.

3. No dia 9 do corrente mês o presidente da Câmara Municipal tomou a iniciativa de convocar os srs. presidentes da assembleia geral e da direcção do Clube Nacional de Natação, a quem comunicou a impossibilidade de prosseguirem as negociações com o referido senhorio, mas afirmando-lhes a firme disposição em que se encontra de tomar medidas que garantam a sobrevivência da instituição.

4. Essas medidas seriam de duas naturezas: uma provisória e outra definitiva.

5. A solução imediata consistiria em os associados do clube poderem utilizar, nas condições a estabelecer, qualquer das piscinas municipais a partir do dia em que se encontrem inibidos de o fazer nas suas próprias instalações. Ao clube seriam cedidas dependências municipais para o funcionamento da sua sede.

6. A solução definitiva consistiria na construção de um centro desportivo, incluindo piscinas, que o clube poderia utilizar numa situação semelhante àquela que se verificaria se a Câmara Municipal tivesse adquirido as instalações da Rua de S. Bento.

Tapumes feios na cidade de Leiria

LEIRIA, 11 — Há já muitos anos que na Rua Duarte Pacheco e Avenida Combatentes da Grande Guerra, nos respectivos gavetos, a fisionomia se mantém: velhos tapumes tentam esconder aos olhares de quem por ali passa as mazelas locais.

Não se compreende, em boa verdade, que as coisas se mantenham naquele estado tão pouco dignificante para uma cidade que procura tornar-se airosa, progressiva e atraente.

Observando os edifícios ultimamente construídos e que confinam com aquelas artérias, o contraste é por de mais flagrante, a pedir decisões enérgicas para lhe pôr termo.

Seria óptimo, também, que os proprietários dos terrenos das proximidades fossem compelidos à venda de superfícies para a construção urbana.

A POSSE DA DIRECÇÃO DOS ESCUTEIROS DE QUELUZ

No Externato Almeida Garrett, em Queluz, realizou-se a posse da direcção dos Escuteiros de Portugal, grupo n.º 23-Queluz, com sede naquela vila na Rua D. Pedro IV. A nova direcção é composta pelos srs. capitão António Gomes Rocha João Gaspar Santana, António Ferreira Pinto, José Lopes da Costa e José Dionísio dos Santos.

Momentos antes do acto de posse, foi atribuída á sr.ª D. Alzira dos Santos uma medalha de agradecimento pelos serviços prestados áquela benemérita instituição.

O grupo 23 dos Escuteiros de Queluz e a delegação de Sintra da Liga dos Combatentes comemoraram em conjunto o 50.º aniversário do 9 de Abril. Houve missa na capela do Palácio Nacional de Queluz e romagem aos cemitérios de Belas e de Sintra.

JOGOS FLORAIS DE MATOSINHOS

MATOSINHOS, 11 — O órfeão de Matosinhos, com o patrocínio do S. N. I e de outras entidades oficiais e particulares, promove os II Jogos Florais, subordinados aos géneros de prosa (conto, crónica e reportagem) e poesia (poema de evocação ao Senhor de Matosinhos, poema lírico, soneto sobre o mar e quadra popular). Os trabalhos, dactilografados em triplicado e assinados com pseudónimo, deverão ser enviados pelo correio à Comissão Organizadora, Rua de Brito Capelo, 234, Matosinhos, até 15 de Maio. Em cada modalidade serão atribuídos três prémios pecuniários.

ARTÉRIA VEDADA AO TRÂNSITO

A fim de se proceder á substituição dum colector, vai ser vedado ao trânsito de veículos o Beco dos Toucinheiros, por um período de 60 dias, com início na segunda-feira.

cruzeiro ao MAR NEGRO

de 13 de Setembro a 1 de Outubro (20 DIAS)

Classe única a bordo

A BORDO DO MODERNO TRANSATLÂNTICO «EUGÉNIO C»

Visitando: GÉNOVA, NÁPOLES, ISTAMBUL, ODESSA, IALTA, SOCHI e PIREU

Inscrições até 21 de Agosto de 1968

PARA SE INSCREVER, PEDIR BOLETIM NA SUA AGÊNCIA OU NA

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA L.DA
Praça Duque da Terceira, 4
Tel. 32 22 71/2/3 e 36 93 46

Agentes no Porto:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE L.DA
R. Infante D. Henrique, 83-1.º
Tel. 20173 - 28906 - 33050

FALAM OS NÚMEROS

Registaram-se em Lisboa, durante o ano de 1966: 8843 casamentos, 23 479 nascimentos, 13 163 falecimentos.
Saldo fisiológico — 10 316.
Lisboa tem:
Área — 90 quilómetros quadrados.
Perímetro — 45 quilómetros.
Eixo Leste-Oeste — 15 quilómetros.
Eixo Norte-Sul — 10 quilómetros.
População — 830 000 habitantes.
População flutuante — 230 000 pessoas.
Artérias — cerca de 4500.
Edifícios — cerca de 45 000, no valor matricial de — 32 166 800 contos.
Zona circundante:
Área — 1900 quilómetros quadrados.
População — 800 000 habitantes.

A CIDADE

QUE MAIS CRESCEU

ESTA é a nossa cidade, onde se nasce à média de cerca de 3 crianças por hora, se morre à razão de metade daquela percentagem, se regista mais de um casamento em cada 60 minutos e se vive em ritmo seroalmente provinciano, em contraponto gritante com a industrialização, que dá os seus primeiros passos, e precisa de se mover depressa, cada vez mais depressa, como todos nós.

Mais de 100 000 pessoas circulam diàriamente pela estação do Rossio

Cidade onde habitam 830 000 indivíduos tem um saldo fisiológico anual de 10 500 pessoas e uma população flutuante da ordem dos 230 000, o que concentra diàriamente mais de um milhão de viventes na sua área de 90 quilómetros quadrados. A densidade de 1 habitante por cada 90 metros quadrados permitiria vida bem melhor aos lisboetas, não fora a irregular distribuição dos 45 000 prédios da cidade, a estreiteza da maioria das ruas, o alcantilado das colinas e a falta de soluções técnicas para evitar os problemas que aquelas condições levantam — túneis, viadutos e passagens a níveis diferentes.

Cidade encerrada em colete-de-forças

Como a maioria das cidades, Lisboa tem crescido sem subordinação a qualquer plano urbanístico. Ao contrário, porém, de muitas outras, nem sempre as soluções para resolver as inevitáveis crises têm surgido a tempo de evitar ao alfacinha os maiores e mais demorados incómodos e prejuízos.

A cidade desenvolveu-se radialmente, ao sabor dos interesses económicos privados, resultantes da sobrevalorização dos terrenos à margem das suas tradicionais vias de acesso, como a Alameda das Linhas de Torres, as Estradas de Benfica, da Luz e de Sacavém, Rua da Junqueira, etc. Se, nos casos de Algés, Poço do Bispo e Sacavém, a construção de grandes vias paralelas às antigas trouxe possibilidades amplas de escoamento do tráfego, o mesmo não aconteceu nos outros acessos, onde se conservou a traça primitiva (ou quase), demasiado estreita para as necessidades actuais.

A cidade está metida dentro de um apertado colete-de-forças constituído por limites, em altura e em área, que impedem o

reportagem de
RENATO BOAVENTURA
OLIVEIRA PINTO
SILVA PINTO

seu desenvolvimento, o que evita que se torne funcional para quantos nela habitam e para quantos nela trabalham. O primeiro aspecto desse colete-de-forças é o espartilho administrativo definido de acordo com uma mentalidade estática, orgulhosamente tradicionalista, isolacionista e avara em gastos.

A zona urbana para lá das dez portas actuais

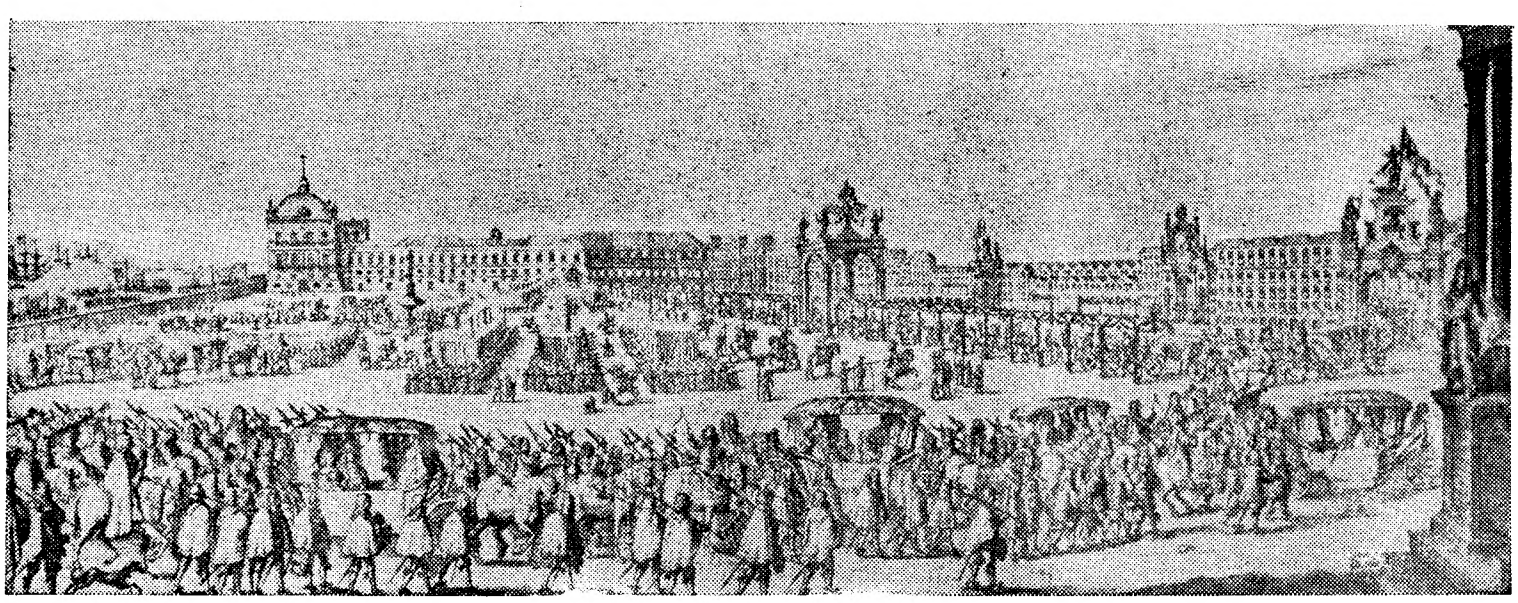
A zona urbana espraia-se muito para além dos seus actuais limites definidos pelas «portas» de Cabo Ruivo, Moscavide, Bairro da Encarnação, Lumiar, Carnide, Benfica, Buraca, Caselas, Algés e ponte sobre o Tejo. Esta mancha urbana prolonga-se, ainda, radialmente, até Vila Franca de Xira, Loures, Caneças, Belas, Queluz, Sintra e Costa do Sol, na margem norte do Tejo. A despeito de, até 1966, não existir a ponte sobre o Tejo, frente à capital, as zonas urbanas da margem sul desenvolveram-se também em ritmo muito rápido no último século. Deste modo, Alcochete, Samouco, Montijo, Moita, Barreiro, Seixal, Almada, Cacilhas, Trafaria e Costa da Caparica consti-

DA PRÉ-HISTÓRIA AOS NOSSOS DIAS (1)

A ENSEADA AMENA

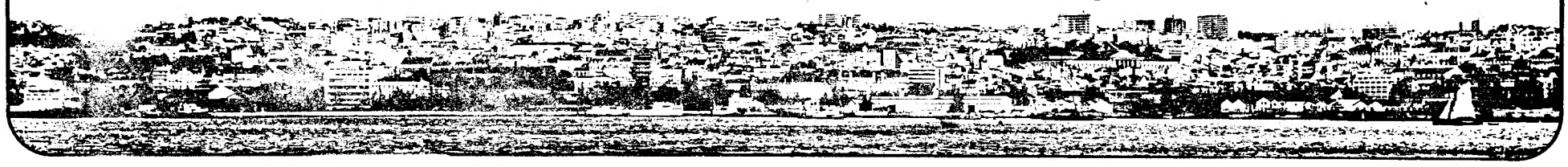
Enseada amena chamaram os Fenicios quando por aqui moraram, a esta cidade de muitos encantos, tradições e defeitos. No seu linguajar ofereceram-lhe o nome de Alisubbo: este é um ponto de partida para o nome por que actualmente designamos a capital. Mas, além dos Fenicios, muitos outros povos habitaram a cidade que já foi de sete colinas. O historiador castelhano António Delgado afirma terem sido os primeiros lisboetas da mesma raça que os habitantes do norte de Africa: o negro e o velho continente já estiveram ligados e a região ocidental da Europa era considerada pelos povos antigos como a orla derradeira do mundo habitável — portanto motivo de atracção para os desejosos de aventura.

Na Idade do Cobre, chegaram á Peninsula os Iberos, que vinham dos confins da Asia, através da Gália. Seis séculos antes da era cristã, a peninsula era habitada por Iberos, Celtas, Celtiberos, Líbio-Fenicios, Italianos e Gregos. A certa altura, Fenicios e Líbio-fenicios entraram em contenda. Para se defenderem em condições, os primeiros pediram auxilio a Cartago, que o concedeu. Vindos os Cartagineses de reforço, combateram e ficaram encantados pelo clima. Comandados por Amilcar, conquistaram a peninsula, mas o domínio não durou muito. Roma parecia também gostar do clima e no termo da segunda Guerra Púnica iniciavam os Romanos a tarefa da ocupação. Corria o ano 205 a. C.



Um aspecto da Lisboa de outrora

ENCONTRO COM LISBOA



SEM O SUPORTE DO INDUSTRIALISMO NA EUROPA DOS ÚLTIMOS CEM ANOS

tuem, com as citadas localidades da margem norte, uma espécie de Grande Lisboa, a crescer para além dos estreitos limites concelhios que se querem manter, talvez por uma questão de rotina, de costas voltadas a uma realidade de mais 800 000 pessoas que vivem em função da cidade nos seus arredores. A verdadeira área de Lisboa, consequentemente, pode definir-se através de um círculo descrito por um raio de 30 quilómetros, com uma das extremidades fixa no Marquês de Pombal. Deste modo, a área da Grande Lisboa atinge cerca de 2000 quilómetros quadrados, com uma população de cerca de 1,6 milhões de habitantes.

Esta a realidade prejudicada pelo conservantismo burocrático em tudo ultrapassado pelo dinamismo do ritmo de vida dos nossos dias.

O mesmo corpo citadino ordenado por comandos diferentes

Alguns pretendem defender aquilo que com certa pompa classificam de sábia visão antecipada, com o objectivo de se evitar uma «perniciosa e excessiva concentração urbana». O verdadeiro aspecto da aparentemente propositada descentralização urbana é bem diferente.

Em primeiro lugar, nada se fez para descentralizar, além de se manter limites de concelhos de há muito criados, como sejam Vila Franca, Loures, Oeiras, Sintra, Cascais, Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete. Depois, não se evitou o crescimento da mancha urbana, ao sabor de pequenos interesses locais, predominantes dentro da cada uma das administrações daqueles concelhos, em detrimento do interesse real do grande aglomerado urbano que aumentava irreprimìvelmente.

Em consequência, o mesmo corpo citadino é gerido e ordenado (melhor se diria desordenado) por administrações diferentes, á luz de uma óptica diversa da urbana.

Melhor prova se não encontrará do que a circunstância de o Plano Director da Região de Lisboa, recentemente aprovado, vir investido da competência de orientar toda a urbanística na área que circunda a capital. Esta competência supra-administrativa torna insofismávelmente obsoletos os antigos limites e procura salvar a todo o transe os interesses colectivos de uma cidade real bem maior do que a micro-Lisboa tão ao gosto de certas estâncias oficiais.

Os serviços públicos encaram a realidade urbana

Por outro lado, certos serviços publicos, como o fornecimento de gás, electricidade e água e as ligações telefónicas, contam já com uma realidade urbana diferente.

Lisboa não é só constituída pelos 45 000 prédios alinhados (quão desalinhadamente. por vezes!) ao longo de cerca de 4500 avenidas, ruas, calçadas, largos, pracetas, azinhagas, estradas, travessas e becos, contidos dentro do seu perímetro oficial de uns 45 quilómetros. Prolonga-se por muitas mais vias de acesso ás localidades satélites, artérias com todos os defeitos (ou mais) de que enfermavam as do centro da capital.

Como os edifícios da zona circundante têm menos andares, há muitos mais prédios e muito

(Continua na página seguinte)

A PONTE: traço de união que põe novos problemas de crescimento em futuro próximo

CIDADE PARA OLHAR DE FORA

URBANISMO SEM TÁBUAS DA LEI

Cidade bonita, menina Lisboa, alegre, gaiata e fadista. Sim. Será. O «slogan» correu, alastra.

Internacionalizou-se. Mas... e a realidade? A opinião dos outros, de forasteiros e de nacionais, também?

Como vêem, como vemos Lisboa?

Hoje, a cidade é quase quinhentas e setenta vezes a Lisboa de D. Afonso Henriques que a «filhou» quando não tinha ela mais de 15 mil almas e 0,156 km2. Hoje tem quase 90 km2, o que representa um milésimo da área do Continente.

A cidade apresenta um tão complicado plano, nascida em épocas sucessivas, por sucessivas ampliações, sem qualquer lógica nem método de expansão que a levou a um urbanismo sem tábuas da lei.

No «Guia de Portugal», Raul Proença chegou a escrever que «a impressão da banalidade charra, de frieza, de «surdez» estética resulta desoladora».

Efectivamente, Lisboa não sobressai entre as capitais europeias pelas suas riquezas monumentais, nem pela nobre arquitectura das suas igrejas e palácios.

Cidade castigada por inúmeros terramotos (o último dos quais, o de 1755, a reduziu quase a ruínas), Lisboa foi reconstruída com «um seu quê de harmonia estética, uma tal ou qual nobreza de linhas. uma nota de carácter que as construções ulteriores não persistiram em imitar.

Rasgaram-se novas avenidas, deu-se mais desafogo e respiração à cidade, mas os edifícios que ao longo dessas novas artérias se construíram irritam (tantas vezes) pela vulgaridade ou pelo pretensiosismo pesado e sem gosto

Raul Proença acrescentava que «se não tivessemos os Jerónimos modelo manuelino surpreendente, a Torre de Belém, rendilhada maravilha de pedra, o Terreiro do Paço, sem dúvida uma das mais magníficas praças da Europa, e um ou outro portal de igreja nobre e imponente, embora imperfeito, como o de S. Vicente, nada teríamos a apresentar ao viajante que pudesse impressioná-lo vivamente pela linha arquitectónica. a grandeza do arranjo ou a riqueza da matéria.

«Assim abandonada dos fados e dos homens, Lisboa seria uma cidade quase inteiramente insulsa e inestética, como nenhuma outra quase incolor e incaracterística, se não resgatasse estes defeitos, amplamente, a sua maravilhosa situação dominadora, e não a enriquecesse de pitoresco um rio como o Tejo, raro no Mundo, de gradações infinitas de colorido, irreais como panoramas entrevistos em sonhos — azul profundo por vezes, anilado de outras, de outras azul-celeste, e ainda de outras cor-de-pérola, ou dum espantoso tom de ardósia, ou listrado de sulcos nacarados, quando não retalhado em faixas policromas de encantador cambiante — rio largo e profundo como um mar, grandioso e evocativo, inconcebìvelmente proteico e sempre belo. Nos dias mais luminosos, a Outra Banda é uma faixa de ouro em que rebrilha a neve e o cor-de-rosa da casaria apinhoada; e a toalha do Tejo, larga e calma, espelhenta e cristalina, parece fundir-se e embeber-se toda num grande sorriso de luz.

Rente às águas, numa diafaneidade azul lavada, a atmosfera estremece, vibra em clarões de reflexos luminosos.

Dirieis talvez que sobre elas paira uma alma jocunda, e no entanto enternecida... Ao encanto da paisagem vem juntar-se ainda a sugestão do passado, que faz desse estuário o mais histórico de todo o planeta. Como que vemos e ouvimos ainda as armadas largar, a cruz de Cristo nas velas, as procissões de despedida nos cais, as vozes dos que partem e dos que ficam, o velho do Restelo, o Tejo que sai do leito e alaga o mundo»...

«De mal te conhecer é que eu sofria, cidade clara...»

ANTÓNIA DE SOUSA

O POETA É O REPÓRTER

São múltiplos os ângulos pelos quais pode observar-se a realidade. Os poetas fornecem, por vezes, testemunhos da maior valia. Os poemas que pudermos arquivar nesta secção visam fornecer perspectivas das mais curiosas, recolhidas do presente ou do passado e tendentes a acentuar as características que estão na raiz do evoluir da cidade e explicam a sua existência, nos moldes actuais.

ESTA É A CIDADE

(Excerto)

Esta é a Cidade, e é bela.
Pela ocular da janela
foco o sémen da rua.
Um formigueiro se agita,
se esgueira, freme, crepita,
ziguezagueia e flutua.

Freme como a sede bebe
numa avidez de garganta,
como um cavalo se espanta
ou como um ventre concebe.
Treme e freme, freme e treme,
friorento voo de libélula
sobre o charco imundo e estreme.
Barco de incógnito leme
cada homem, cada célula.
É como um tecido orgânico
que não seca nem coagula,
que a si mesmo se estimula
e vai, num medido pânico.

Aperfeiçoo a focagem.
Olho imagem por imagem
numa comoção crescente.
Enchem-se-me os olhos de água.
Tanto sonho! Tanta mágoa!
Tanta coisa! Tanta gente!
São automóveis, lambretas,
motos, vespas, bicicletas,
carros, carrinhos, carretas,
e gente, sempre mais gente,
gente, gente, gente, gente,
num tumulto permanente
que não cansa nem descansa,
um rio que no mar se lança
em caudalosa corrente.

.....

ANTÓNIO GEDEÃO

DEDICAVA-SE A ROUBAR

FRACÇÕES DA LOTARIA A MENORES!

Transeuntes que passavam na Avenida Manuel da Maia, ouvindo os pedidos de socorro de um menor agarraram um meliante que depois entregaram no posto da Polícia de Segurança Publica do Arco do Cego.

Ali se verificou que o preso era Jaime dos Remédios, de 20 anos, solteiro, empregado de mesa, natural de Montes da Senhora, Castelo Branco, e residente em Lisboa, que foi acusado pelo menor, de 14 anos, António José Helder Lopes, residente na Rua do Sol a Chelas, Quinta do Pinheiro, de o ter atraído a uma escada, tentando furtar-lhe lotaria que ele andava a vender.

Verificou-se, desde logo, que se tratava dum reincidente em crimes de tal natureza, pois, em 29 de Março passado, roubara, numa escada da Rua Dona Estefania, onde o atraíra, a José Fernandes Rebelo, de 12 anos, morador na Quinta da Ponta Larga, 13 vegésimos no valor de 325 escudos, e, em 4 do corrente, furtara três bilhetes, no valor de 750 escudos, a Francisco Valente Ligeiro, de 14 anos, residente na Rua do Sol a Chelas, numa escada da Rua José Ricardo.

O Jaime declarou que entregou todo o jogo a um homem que só sabe chamar-se João. Mas a Polícia não acredita nisso, pensando que entre os dois deve haver cumplicidade.

Autorizada a abertura dos estabelecimentos até às 21 horas no Sábado de Aleluia

Informa-nos a União de Grémios de Lojistas de Lisboa de que pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência foi autorizado que os estabelecimentos do comércio a retalho, no Sábado de Aleluia, se conservem abertos até às 21 horas, devendo fazer-se, nos termos da legislação em vigor, o pagamento das horas extraordinárias.

Encontro com Lisboa

(Continuação da página anterior)

menor densidade populacional nessa área, se se considerar esta como um todo. Acontece porém que se verifica a mesma concentração urbana ao longo das vias radiais de acesso, o que prolonga as dificuldades existentes na cidade definida pelos limites oficiais.

As sete colinas

É difícil habituar as pessoas á ideia de que Lisboa já não é a «cidade das sete colinas», como tanto gostavam de escrever os plumitivos dos anos vinte e trinta, a despeito de então a cidade ocupar algumas mais. Para além das colinas da tradição (São Vicente, Santo André, Castelo, Sant'Ana, São Roque, Chagas e Santa Catarina), a pedra e cal, o cimento, o aço, o tijolo e o vidro que constituem o corpo da cidade subiram já a outras elevações como as de Marvila, Alto do Pina, Alto de São João, Penha de França, Areeiro, Pote de Agua, Portela, Ameixoeira, Cidade Universitária, Jardim Zoológico, Campolide, Amoreiras, Alto da Serafina, Alto da Boavista, Alto da Ajuda, Caselas e Restelo.

Parecerá de pouca importância o lugar-comum das «sete colinas». A verdade é que ele ainda condiciona a mentalidade oficial e colectiva e representa inadaptação ao condicionalismo actual. Vivemos na época das máquinas de escrever, do aperfeiçoamento técnico, dos computadores, da energia nuclear, mas, no fundo, as decisões quanto ao planeamento da capital são como que limitadas pela mentalidade romântica e ultrapassada das «sete colinas» e chegam com tal atraso no tempo que não produzem já os efeitos desejados.

O que é pior é que isso vem de há muito e faz de Lisboa uma cidade de violentos contrastes, contradições que constituem outros tantos motivos de atraso no seu desenvolvimento e de inadequação à vida dos seus habitantes.

Crescimento demasiado rápido

Há um século, Lisboa tinha menos de 200 000 habitantes e os seus arrabaldes muito menores. A população da cidade cresceu a uma média anual de mais de 4,3 % e a da sua zona circundante aumentou em percentagem bem mais elevada.

Ora, segundo um estudo sócio-económico de Jacques Antoine, «um aglomerado urbano que cresce a um ritmo anual de 4 a 5% apresenta fortes possibilidades de não poder produzir, correcta e oportunamente, os novos equipamentos necessários para manter esta rápida expansão.»

Esta média de crescimento é muito mais elevada do que pode concluir-se da simples indicação do número. É que, ao contrário de quase toda a Europa, Portugal não se industrializou nos últimos cem anos. O crescimento populacional resultou de uma hipertrofia administrativa e da circunstância de Lisboa ser, além de capital do País, o seu maior e melhor centro de comércio e de comunicações. Resultou, ainda, da centralização de todo o comércio com as províncias ultramarinas e da fuga dos excessos da população rural, subalimentados, para junto da urbe onde os excedentes dos ganhos comerciais proporcionavam um melhor nível de vida ao trabalhador não especializado.

Nestas condições, não se vê outra cidade europeia que tanto tenha crescido sem o suporte do industrialismo ou da industrialização da agricultura. É elevado o preço por que estamos a pagar isso.

OS MAIS RÁPIDOS PARA

AMSTERDAM

A TAP oferece-lhe três voos semanais para AMSTERDAM.
É mais uma escala TAP na EUROPA.
Viaje no conforto TAP, com o tradicional bom serviço de bordo.
Consulte o seu agente de viagens e deixe a viagem ao nosso cuidado.
E não se esqueça... nós somos os mais rápidos para AMSTERDAM.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

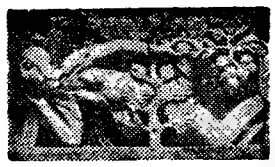
CAMINHOS DE FERRO

Em 15 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias utels, até ao dia 12 do corrente, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

DIÁRIO DE EVA



A MODA MASCULINA

PROCURA DE COMODIDADE E PORMENORES

Costureiros e modelistas, como certos fabricantes pronto-a-vestir feminino, lançam-se na moda masculina por vezes com mais fogo do que conhecimentos reais. Essas tentativas, porém, tendem a provar que o homem, após longa passividade conservadora, retoma o gosto de uma certa elegância que se traduz principalmente por uma busca de pormenores.

As viagens também, quer sejam de negócios ou de férias, permitem comparações que fazem compreender aos franceses que, «se o hábito não faz o monge», pode, pelo menos, dar-lhe uma imagem de êxito que convém não negligenciar.

Entre os costureiros, Pierre Cardin e Ted Lapidus foram os primeiros a apresentar nas suas colecções modelos para homens destinados a ser divulgados pelos confeccionadores. Mais recentemente, Pierre Balmain assinou um acordo com Bayard e Philippe Venet com Timsport. Jacques Estrel trabalha numa casa alemã, enquanto Louis Ferrand está ainda nas suas primeiras experiências. Lanvin — Homens, para renovar a sua marca, abre em Setembro uma «boutique» de pronto-a-vestir para os homens de trinta e cinco anos no n.º 2 da Rua Cambon.

Se os modelos de alfaiate continuam clássicos no conjunto com uma busca de tecidos mais leves e de vestuário mais cómodo, principalmente no que concerne aos trajos de férias, os confeccionadores femininos «d'avant-garde» parecem ter colhido as suas ideias nos espólios militares que se encontram no «Marché aux Puces».

Todavia, esta concorrência impeliu os fabricantes tradicionais, que têm pelo seu lado a imensa vantagem da experiência e a rede comercial bem organizada, a novos esforços de organização e especialização. Desta forma, a casa Dormeuil fez criar, na sua nova fábrica de Cherbourg, por um dos mais imaginativos alfaiates de Paris, quatro estilos que respondem aos desejos de diferente clientela.

A cor desempenha um papel importante na moda masculina em que os fabricantes se esforçam por lançar todos os anos novos tons. Os fabricantes de panos oferecem para 1968 o mirtilo e pau-rosa, sàbiamente misturados para não chocar. Mais fàcilmente acessível os «pastels printés» lançados por diversas fibras da Rhodiaceta aliam a audácia dos seus tons frescos à sobriedade dos tecidos. São particularmente felizes nas etaminas arejadas com quadradinhos ou às riscas.

NATHALIE MONT-SERVAN

Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»

TRÊS BEBÉS NUM CARRINHO

A imagem era de choque. A mulherzinha vestida de escuro, lenço na cabeça, olhava tristemente as crianças semi-deitadas num caixote forrado a cobertores.

Os transeuntes, àquela hora em grande número na rua central da Baixa, paravam, por vezes, para deixar uma moeda. Os olhos tristes da mulher de menos de trinta anos acompanhavam o gesto dos passeantes e a sua mão estendia-se automàticamente e recolhia o óbolo no largo avental de regateira.

Passaram duas senhoras. Uma deteve a outra.

— Vamos dar uma esmola?

— Não vês que é uma especulação? As crianças não são filhas dela!

— Mas são crianças!

E a senhora deixou o seu óbolo.

Passos andados, ouviram ambas:

— Ontem estava com três!

O estilo desportivo caracteriza este «tailleur» de Madeleine de Rauch com o seu casaco direito e saia de corte clássico, confeccionado num encorpado «tweed» de fibra acrílica «Orlon» e lã. O tecido mosqueado de preto e branco é gradeado com quadrados mandarim e amarelo

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

TORRALTA

CLUBE INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S. A. R. L.

COMPRE TÍTULOS DE FÉRIAS

(25 ACÇÕES)

que têm, além do dividendo normal, os privilégios seguintes:

10 DIAS DE ALOJAMENTO gratuito em cada ano, indefinidamente, para 2 pessoas, em quarto com casa de banho privativa nos hotéis ou apartamentos da Sociedade:

GOLFINHO HOTEL—Praia de D. Ana (Lagos)

CONJUNTO TURÍSTICO DA PRAIA DO ALVOR—(Algarve)

20 % DE DESCONTO no Restaurante, bem como em todos os serviços, durante o alojamento e seu prolongamento.

Se não quiser utilizar os privilégios a que tem direito anualmente, TORRALTA adquire-os a preço correspondente a um bom rendimento.

●

INFORMAÇÕES: Av. Duque de Loulé, 66-A — Lisboa

esta é a era Tricel

...o tecido da mulher elegante

TRICEL continua a ser notícia. Uma notícia de sensação.
TRICEL apresenta agora os seus jerseys e surahs, de fascinante colorido, em novos e aliciantes padrões.
TRICEL possui o encanto do arco-íris... Uma verdadeira festa para os seus olhos! Nesta estação, TRICEL será o prolongamento da sua beleza pessoal...
Os tecidos TRICEL lavam-se ràpidamente, secam em tempo recorde.
TRICEL. Perfeitamente à altura da sua elegância!

a moda adora

TRICEL®

O.T.P.6 PARA INFORMAÇÕES CONSULTE JOSÉ A. GUIMARÃES J. PORTO

Novos corpos gerentes da Adega Cooperativa de Santa Cruz do Douro

SANTA CRUZ DO DOURO, 11 — Foram eleitos os novos corpos gerentes da Adega Cooperativa: Assembleia geral — dr. António Pinto de Mesquita (presidente), D. Manuel Benedito de Castro (vice-presidente), D. Ângela da Fonseca Rocheta (1.º secretário) e Francisco António Pinto da Fonseca (2.º secretário). Direcção — Carlos Nuno de Azevedo (presidente), Luís de Sotto Mayor Negrão (secretário) e Abel Pereira Cardoso (tesoureiro) Conselho Fiscal — D. Dinis Santiago Sottomayor (presidente) e dr. Alexandre Cabral Campelo e Adriano de Azevedo Pinto (vogais).

AMBULÂNCIA NOVA PARA OS VOLUNTÁRIOS DE ALTER DO CHÃO

ALTER DO CHÃO, 11 — A Fundação Calouste Gulbenkian ofereceu uma ambulancia aos Bombeiros Voluntários locais, viatura que vem substituir a que havia mais de doze anos prestava serviço na região

Policlínica do Rossio

L. D João da Câmara, 19, 2. Esq.º Telef. 32 06 60

Dr Almada e Melo Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h
Dr Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín cirur. — Operações — 3.ª 5.ª e sáb — 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar Nar. e Ouv — 14 h.
Dr Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. ur — 16 h.
Dr Freitas de Sousa — Doen Reumát. — 3.ª e 5.ª— 17 h
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h
Dr. Luís Abecasis — Coração Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e sábados — 14 h
Dr Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis do Disp. de Profi Mental—3.ª e 5.ª—18.30 h.
Dr Marques da Gama — Clín Médica — 3.ª 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr Reis Valle Análises clínicas

SEMANA SANTA (FESTAS DA PÁSCOA)

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES ENTRE LISBOA E PORTO

A fim de facilitar as deslocações de militares por motivo das solenidades da Semana Santa, a C. P., além dos comboios habituais de fim-de-semana já anunciados (6.ª-feiras, sábados e domingos), realiza no dia 10 do corrente (4.ª-feira), comboios especiais de Lisboa ao Porto, e inversamente, com o seguinte horário:

Partida de Lisboa (St.ª Apolónia) ..... às 17.40 h.
Chegada a Porto (Campanhã) ..... às 22.30 h.
Partida de Porto (Campanhã) ..... às 17.52 h.
Chegada a Lisboa (St.ª Apolónia) ..... às 23.05 h.

São também postos á venda no dia 11 (5.ª-feira) bilhetes especiais de simples ida e de ida e volta, permitindo a utilização de todos os comboios, excepto os rápidos.

Para facilitar os regressos são igualmente postos á venda nos dias 15, 16 e 17 do corrente os bilhetes especiais já referidos para utilização de todos os comboios, excepto os rápidos.

AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE POR MOTIVO DAS FESTAS DA PÁSCOA

Comunica-nos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-á no dia 12 do corrente uma automotora para serviço publico, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço), ás 13-40; chegada a Faro ás 18-55; a Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19-55; a Portimão ás 19-06 e a Lagos ás 19-32. O regresso efectuar-se-á no dia 13, com partida de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19-35; de Faro ás 20-31; de Lagos ás 19-48 e de Portimão ás 20-18, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) á 1-30.

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 ★ Telex 2782

Onde está Graciete Ribeiro?

Os casos de crianças abandonadas pelas mães a amas que mais tarde se vão queixar ás autoridades, sucedem-se com certa frequência. O facto leva-nos a meditar sériamente sobre o assunto. Essas mulheres que abandonam (?) os filhos serão mães desnaturadas, desprovidas de sentimentos maternais, ou não-sómente umas desgraçadas, entregues á sua sorte por aqueles que um dia as deixaram com os filhos nos braços? E que poderão fazer as infelizes que necessitam de arranjar meios de subsistencia com um filho ao colo, calcorreando as ruas da cidade á procura de uma colocação?

Estes dramas há-os na cidade enorme, uns sem conhecer a luz da publicidade, outros chegando até nós através dos mapas das ocorrências policiais.

Foi o caso da sr.ª Rosa Soares, residente á Rua do Casal do Pedro, 26, em Massarelos, que esteve numa esquadra da Polícia a contar o seguinte: em Janeiro último apareceu em sua casa uma mulher ainda jovem (Graciete Macedo Ribeiro) que lhe pediu para tomar conta de um filho, na altura com três meses de idade, pois lhe pagaria, não só o trabalho, como as despesas feitas com a alimentação da criança. Os meses passaram e a mãe não mais apareceu

Esta é a história que a sr.ª Rosa contou ás autoridades na esperança de ver o problema resolvido.

Acidente de viação

Esta manhã, na Estrada da Circunvalação, um automóvel conduzido pelo sr. António Teixeira, de 39 anos, casado, agente da P. S. P., residente na Travessa da Ponte, Rio Tinto (Gondomar), que levava a seu lado o sr. Orlando António Vieira Vicente, da 39 anos, casado, empregado comercial, na Rua Nova da Palmilheira, Esmesinde, foi embater, por razões ainda não apuradas, numa das árvores que marginam aquela rodovia.

Os dois homens, com diversos ferimentos, foram levados para o Hospital de São João, onde, em princípio, devem ficar internados.

OTTO GLÓRIA
ASSINOU CONTRATO COM O BENFICA

Esta manhã, Otto Glória já esteve na Luz. Uma sequência de acontecimentos, em precipitação contínua, trouxe-o de novo até ao clube onde conheceu a fase mais decisiva da sua etapa para a fama.

Assinando compromisso pelo Sport Lisboa e Benfica, em condições que lhe garantem plena autonomia no futebol benfiquista, Otto Martins Glória regressa ao plano em que se cimentou como o «desejado». Falamos do próprio futebol á escala nacional que, arrancado da ancestralidade quase anónima pelo competente técnico, é hoje uma certeza absoluta no plano internacional. Otto, de mangas arregaçadas, começou hoje a trabalhar: abraçou Simões (o primeiro jogador que avistou), trocou impressões com Cabrita e Germano, percorreu — de extremo-a-extremo — o relvado da Luz e, entre duas piadas, saiu-se com esta:

— Se eu venho nas condições financeiras já divulgadas? Livra! Acha-me com cara de Mecenas?...

Centro Informativo e de Exposição de Materiais

Abriu ontem ao publico o Centro Informativo e de Exposição de Materiais (Cibermat), instalado na Avenida da Boavista, 1091, o qual foi criado para a exposição permanente de materiais destinados á construção civil. No acto inaugural estiveram presentes arquitectos, engenheiros e técnicos, ali recebidos pelos srs. dr. Barros da Costa, Hernani Pereira, Sousa Dias, Silva Couto, arquitecto Pinto Faria e Joaquim Teixeira, da direcção da Cibermat.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

ANDEBOL DE SETE — Campeonatos nacionais da 2.ª Divisão — Zona Norte — Seniores: Arte e Recreio-Braga, ás 22 e 30. Juniores: Francisco Holanda-Braga, 21 e 30. Jogos no pavilhão de Guimarães.

BASQUETEBOL — Campeonatos nacionais da 2.ª Divisão — Zona Norte: Sanjoanense-Figueirense, ás 21 e 30 no pavilhão de S. João da Madeira. F. C. Porto-Vasco da Gama, ás 22 h., no pavilhão do Académico; Marinhense-B. P. M., (22 e 45), no pavilhão da Marinha Grande.

— 2.ª Divisão — Zona Norte — Série A: Caldas-Leça, ás 21 e 30, no pavilhão da Marinha Grande.

— Feminino 2.ª Divisão — Zona Norte: Vilanovense-F. C. Porto, ás 20 e 30, no pavilhão do Académico.

— Campeonato da 2.ª Divisão da A. B. Porto (série dos ultimos), fase final: Círculo Católico-Senhora da Hora, Paroquial-Educação Física, jogos nos campos dos primeiros ás 22 horas.

FUTEBOL — I Torneio Ibérico de Juniores: Boavista-Atlético de Madrid, ás 20 e 45; F. C. Porto-Desportivo da Corunha, ás 22 e 15, no Estádio do Bessa.

ESPECTÁCULOS para esta noite

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Pão pão... queijo, queijo» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Vestir os nus» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Grau de destruição» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «O Rei dos Reis» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «A Túnica» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Casino Royale» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Não faças ondas» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O Charlatão» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Quatro dólares de vingança» e «O grande atirador» (12 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Oiro sangrento» (12 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Uma aventura a quatro» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Sem consciência» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Aquela jovem de branco» (6 anos)

Para amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Grau de destruição» (12 anos).
RIVOLI — Às 15: «O rei dos reis» (12 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «A tunica» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Casino Royale» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 15: «Não faças ondas» (17 anos); e ás 17 e 45: «A gata borralheira» (6 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «O Charlatão» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «077 ataca os assassinos» e «O vampiro de Düsseldorf» (17 anos).
ÁGUIAS DE OURO — Às 15 e 30: «Oiro sangrento» (12 anos).

O F. C. PORTO RENUNCIOU A DISPUTAR O TORNEIO IBÉRICO DE ANDEBOL (SENIORES)

O F. C. Porto, que em face da classificação alcançada no ultimo campeonato nacional deveria disputar o Torneio Ibérico de Andebol, (seniores) renunciou a participar naquela importante competição, uma vez que os encontros se realizam em Lisboa e Madrid, não podendo a equipa portista, como supunha, jogar perante o seu publico, obrigando a constantes deslocações, todas elas onerosas, que tornavam deficitária, no aspecto económico, a actuação portista, contrárias, portanto, á política de compressão de despesas ultimamente seguida pela direcção do clube «azul-branco».

Sabemos, porém, que o vice-presidente da Federação Portuguesa de Andebol, Domingos Galante, segue esta tarde para o Porto, para se avistar com o presidente do clube azul-branco, e tentar a revisão da decisão tomada pelos dirigentes portistas.

Para tanto e porque as razões invocadas para a renuncia situam-se num plano económico, podemos acrescentar que a F. P. A. irá responsabilizar-se perante o F. C. Porto, pelas despesas de deslocação e estadia da equipa nortenha em Lisboa.

Farmácias de serviço

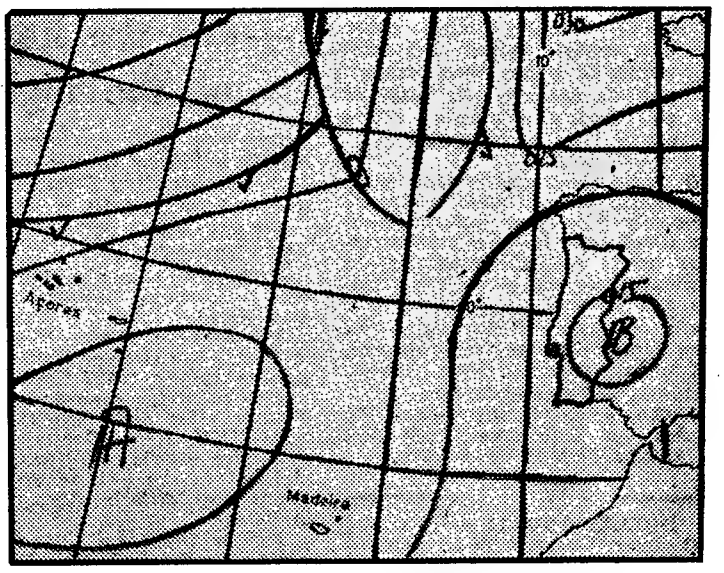
ALBERTO FERREIRA, R do Estação, 00 (T 5-1302) ✱ ANTUNES, R do Bonjardim, 485 (T 2-1936) ✱ CAMPO ALEGRE, R. do Campo Alegre, 123 (T 6-2245) ✱ FÁTIMA, R Oliveira Monteiro, 475 (T 6-5406) ✱ FERREIRA DA SILVA, R Mártires da Liberdade (T 2-4023) ✱ MARQUES DE MENDONÇA R do Ameal, 25 (T 4-7116) ✱ PEREIRO, Rua do Precoso, 35 (Tel 68-1027) ✱ S. JERÓNIMO, R de Santos Pousado, 622 (T 5-4526) ✱ S. LÁZARO, Av Rod de Fretas, 297 (T. 2-7043) ✱ SARABANDO, Largo dos Lóios, 36 (Tel 2-10[illegible]) ✱ SAUDE, Av dos Comb da G G., 689 (T 4-05-76) ✱ SOUSA SOARES, R de S Catarina, 4 (T 2-21-45) ✱ VITÓRIA, R. de S. R do Lameiro, 156 (Te. 5-2225) ✱ GONDAREM, R de Gondarém, 860 — Foz

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 23°; mínima: Penhas da Saúde, 2°,2.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 14°,5; na água do mar: 14°,4.



A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 12 — Uma massa de ar transportada na circulação conjunta de uma depressão localizada sobre a região central de Espanha e de um anticiclone centrado a noroeste dos Países Baixos influenciará o estado do tempo nas próximas 24 horas.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU POUCO NUBLADO, TEMPORÁRIAMENTE MUITO NUBLADO; VENTO FRACO; NEVOEIROS NO LITORAL OESTE; AGUACEIROS NAS TERRAS ALTAS.

SOL Amanhã: Nascer às 7 e 06 Ocaso às 20 e 10

PREIA-MAR — Dia 11 — Às 3 e 50 (4 m); 15 e 13 (4 m). Dia 12 — Às 3 e 50 (4,2 m); 15 e 50 (4,1 m). Dia 13 — Às 4 e 07 (4,3 m); 16 e 32 (4,2 m). BAIXA-MAR — Dia 11 — Às 8 e 48 (0,8 m); 21 e 03 (0,8 m). Dia 12 — Às 9 e 26 (0,6 m); 21 e 42 (0,7 m). Dia 13 — Às 10 e 03 (0,6 m); 22 e 22 (0,6 m).

FASES DA LUA

Dia 13 — Dia 19 — Dia 27 — Dia 5

IMPRESSOR OFFSET

Experimentado, com curriculum vitae, salário pretendido.

Resposta à ELO — Publicidade Artes Gráficas, Lda., MAFRA.

Oh! Yes!

BACALHAU INGLÊS

(Terra Nova)

Gostoso e às lascas
ele continua a ser o seu "fiel amigo"!
Peça-o no seu fornecedor habitual
ou nos seguintes estabelecimentos de retalho:

EM LISBOA:

A. F. Pereira, Lda.
R. Bernardino Costa, 17/19

Armazéns Pestana dos Santos, Lda.
R. Bernardino Costa, 12/18

Boavida, Lda.
R. de S. Paulo, 37

Casa Terra Nova, Lda.
R. do Arsenal, 62/64

José Henriques Rodrigues
R. de Santa Marta, 30-A

A. Martins, & C.ª
R. Carvalho Araújo, 20-A

Mercearia Pérola de Alcântara, Lda.
R. Prior do Crato, 49

João da Costa & C.ª, Lda.
R. da Prata, 116

Gomes Serra & Gomes, Lda.
R. da Prata, 90

Nogueira de Almeida, Lda.
R. Duarte Pacheco Pereira, 11-A

Barros & Pais, Lda.
Av. de Roma, 137

EM OEIRAS:

Joaquim Marques da Silva & C.ª, Lda.

Neves & Pedroso, Lda.
R. João T. Simões, 3-A

EM ALMADA:

Olímpio da Silva Barboça
Quinta Alegria

NO ALGUEIRÃO:

Valentim Cosme Rilhas
Estrada Nacional, 12

EM CASCAIS:

António Bernardino d'Almeida & Filhos, Lda.
R. Visconde da Luz, 1-A

NO ESTORIL:

Cunha & Cunha, Lda.
Alto Estoril

EM CARCAVELOS:

Carlos André

EM CAXIAS:

Figueiredo & Martins, Lda.
Praceta Dr. Oliveira Salazar, 24

Os Óscares de 1968 para Rod Steiger e Katherine Hepburn

SANTA MÓNICA (Califórnia), 11 — (A. N. I.) — Rod Steiger e Katherine Hepburn ganharam os Oscares destinados ao melhor actor e á melhor actriz, respectivamente pelos seus desempenhos em «In the heat of the night» e «Guess who's coming to dinner».

O prémio para o melhor actor secundário foi atribuído a George Kennedy pela sua interpretação em «Cool hand luke» e para a melhor actriz secundária a Estelle Parsons, pelo seu papel em «Bonnie and Clyde».

«In the heat of the night» foi considerado o melhor filme do ano, sendo-lhe atribuídos cinco Oscares.

Outros prémios atribuídos:

Melhor som: «In the heat of the night», ao departamento de som do estudio Samuel Goldwynn.

HOLLYWOOD, 11 — (R.) — O actor Gregory Peck, presidente da Academia de Artes Cinematográficas, inaugurou, na noite passada, a cerimónia da atribuição dos Oscares, prestando homenagem ao falecido dr. Martin Luther King.

O famoso artista declarou: «Juntamo-nos aos camaradas da profissão e a todos os homens, onde quer que se encontrem, para prestar a nossa profunda e respeitosa homenagem á memória do dr. Martin Luther King».

A cerimónia de entrega dos Oscares foi adiada, de segunda-feira para ontem á noite, como sinal de respeito pelo dirigente negro assassinado.

Melhor cinematografia: a Burnett Guffey, «Bonnie and Clyde», produção Tatira-Hiller, Waned Brothers-Seven Arts.

Melhor tema curto: «A place to stand», do produtor Christopher Chapman, para o Departamento de Economia e Desenvolvimento de Ontário (Canadá).

Melhor desenho animado: «The Box», do produtor Fred Wolf, para a Murakami Wolf Films, Brandom Films.

Melhor documentário: «The Anderson Platoon», do produtor Pierre Schoendorffer, para a Radiodifusão Francesa.

Melhor documentário curto: «The redwoods», dos produtores Mark Harris e Trevor Greenwood, para as produções King Screen.

MELHOR FILME — «In the heath of the night»

É CHECOSLOVACO O MELHOR FILME EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Melhor figurino: a John Truscott «Camelot», Warner Bros-Seven Arts.

Melhores efeitos visuais especiais, a L. B. Abor «Doctor Dolittle», produções Apjack, 20TH Century Fox.

Melhor efeito sonoro: a John Poyner «The dirty dozen», produções MKH, Metro Goldwin Mayer.

Melhor edição de filme: a Hal Ashby, «In the heat of the night», produções Mirisch Corp., United Artists.

Melhor filme em língua estrangeira: a «Closely Watched Trains», estudios Barrandov, Checoslováquia.

Melhor direcção artística: a John Truscott e Edward Carrere, pela direcção artística e a John Brown, pela decoração, «Camelot», Warner Brothers-Seven Arts.

Melhor musica original: a Elmer Bernstein, «Thoroughly modern millie», Ross Hunter, Universal Productions, Universal.

O PRÉMIO IRVING THALBERG PARA HITCHCOCK

Melhor fundo musical: a Alfred Newman e Ken Darby, «Camelot», Warner Brothers-Seven Arts.

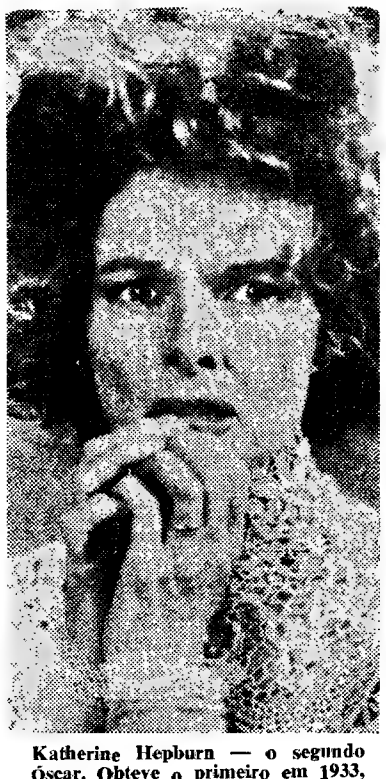
Melhor canção: a «Talk to the animals», «Doctor Dolitte», Apjack Productions, 20TH Century Fox. musica e letra de Leslie Bricusse.

Prémio Irving Thalberg: ao realizador Alfred Hitchcock.

Melhor realizador: Mike Nichols em «The Graduate», Mike Nichols-Laurence Turman Production, Embassy.

Melhor argumento: a Stirling Silliphnat, «In the heat of the night, Mirish Corp. Production, United Artists.

Melhor história para o cinema: a William Rose em «Guess who's coming to dinner», Columbia.



Katherine Hepburn — o segundo Óscar. Obteve o primeiro em 1933, pela sua actuação em «Morning glory». Foi a décima vez (como Bette Davis), que o nome da actriz foi proposto para o mais importante galardão no mundo do Cinema

A compreensão racial é o tema de dois dos filmes premiados

NOVA YORK, 11 — (F. P.) — É significativo que dois dos cinco filmes candidatos aos Oscares de 1967 tratem da compreensão entre as raças. É um dos resultados da obra de Luther King ter conseguido que o Cinema tivesse tomado consciência dos problemas raciais — disse Gregory Peck, presidente da Academia, ao abrir a cerimónia dos Oscares.

«A maior homenagem que podemos prestar ao dr. King, acrescentou Gregory Peck, é continuarmos a produzir filmes que realcem a dignidade do homem, seja qual for a sua raça, a sua cor, a sua religião».

O filme «In the heat of the night», conta como um inspector negro da Polícia de Filadélfia (Sidney Poitier) consegue desmascarar o autor de um crime numa vilória racista do Sul e conquistar o respeito e a amizade de Norman Jewison. Este filme conseguiu cinco prémios: melhor filme, melhor actor (Rod Steiger), melhor argumento, melhor montagem e melhor sonorização.

Depois do filme «In the heat of the night» é a produção anglo-americana «Camelot» a mais laureada. «Camelot» recebeu três Oscares: melhor direcção artística, melhor adaptação musical e melhor guarda-roupa. Segue-se «Bonnie and Clyde», que recebeu dois Oscares: melhor cinematografia e melhor actriz secundária (Estelle Parsons).

«The grduate» obteve um só Oscar, mas de considerável importancia: a melhor encenação para o seu director Mike Nichols. É o seu segundo éxito, pois com «Quem tem medo de Virginia Woolf», seu primeiro filme, logrou o louvor quase unânime da crítica. Este filme encontra-se numa fase de pleno êxito.

RETROSPECTIVA DOS ULTIMOS 40 ANOS

Além da tradicional entrega dos prémios, a Academia apresentou uma retrospectiva de 40 anos de cinema e atribuição de Oscares. Com efeito, em 1927 foi decidido entregar todos os anos prémios ás melhores realizações neste domínio. Grace Kelly, a princesa de Mónaco, figura entre as individualidades que deram o seu concurso á elaboração desta retrospectiva.

AS CERIMÓNIAS LITÚRGICAS DE QUINTA-FEIRA SANTA TIVERAM A ASSISTÊNCIA DE NUMEROSOS FIÉIS

Com a presença de elevado numero de fiéis, efectuaram-se hoje, na maioria dos templos da capital, as solenidades liturgicas de Quinta-Feira Santa. Uma grande parte da gente de Lisboa, saiu á rua trajando de preto e visitou as igrejas. As artérias da Baixa foram, como de costume, as mais concorridas.

Como é da tradição, foi na Sé Patriarcal que as solenidades do dia tiveram maior imponência. A elas presidiu o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, e assistiu elevada representação do clero.

Depois de se paramentar no seu camarim, e de ter orado junto do altar da capela do Santíssimo, o eminente purpurado dirigiu-se para a capela-mor, em luzido cortejo, enquanto a «Schola Cantorum» do Seminário Maior Patriarcal de Cristo-Rei, entoava o «Introito».

O prelado subiu então ao altar e deu começo ao solene pontifical da instituição da Eucaristia, segundo o rito instaurado pela recente reforma liturgica. Foram concelebrantes vinte e três sacerdotes: cónegos e beneficiados do cabido, párocos da cidade de Lisboa e vigários da vara. Também concelebrou o sr. bispo de Telepte. Foi presbítero assistente o rev. D. João de Castro, pró-vigário-geral do Patriarcado e presidente do Cabido da Sé, assistentes ao sólio os revs. cónegos dr. Figueiredo Sarmento e José Falcão e e diácono e subdiácono da missa os seminaristas Leopoldo Gonçalves e António Manuel Gonçalves, respectivamente.

Ao ofertório, o sr. cardeal-patriarca deixou o trono e dirigiu-se para a entrada da capela-mor, onde procedeu á cerimónia da benção dos Santos Óleos. Um diácono conduziu o bálsamo, dois subdiáconos o óleo para os enfermos, outros dois o óleo para o crisma e ainda mais dois o óleo para os catecumenos, os quais foram oferecidos ao sr. cardeal-patriarca pela Associação dos Farmacêuticos Católicos. Os vigários das varas conduzirão, até sábado, os óleos para as suas respectivas vigarias, onde os párocos os vão buscar.

As cerimónias foram explicadas pelo rev. cónego Gregório Neves e dirigidas pelo mestre de cerimónias e prior da Sé, beneficiado Eugénio dos Santos.

Almoço no Patriarcado

Como nos anos anteriores, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, ofereceu, ao começo da tarde, no Palácio do Campo de Sant'Ana, um almoço aos bispos de Madarsuma e de Telepte e aos membros do Cabido e familiares do Paço, como símbolo da ultima ceia de Cristo com os apóstolos.

Pontifical da comemoração da Ceia do Senhor

Ao fim da tarde, no prosseguimento das cerimónias, igualmente sob a presidência do sr. cardeal-patriarca de Lisboa, haverá solene pontifical da comemoração da ceia do Senhor, seguido dehomilia, cerimónia do lava-pés, de comunhão geral do clero e dos fiéis, da trasladação do Santissimo para o cofre Eucarístico e desnudação dos altares.

As cerimónias de amanhã

Amanhã, Sexta-Feira Santa, ás 10 horas, na Sé, serão celebrados os ofícios de Trevas — responsórios —, em gregoriano e polifonia. De tarde, a partir das 15 horas, haverá comemoração da Paixão e Morte do Senhor, sermão, adoração, da Santa Cruz e comunhão do Corpo do Senhor.

Um momento do pontifical de hoje na Sé

Jovens
esta ma

É a

o 22

É aman
culdade d
se inaug
Mundial
cais, para
deslocam
ens, rep
estes jove
ção port
uma cent
A sessão
demorará
o que os
diatament
lho, que

ATENÇÃO

OS FABRICANTES DA

Pasta Dentífrica Couto

informam que saiu a 4.ª £ OURO à sr.ª D. Maria Margarida Macedo, Rua Afonso Albuquerque, 164 — GAIA

A *Pasta Dentífrica Couto*

FOI VENDIDA PELA DROGARIA CASTILHO

Muitas outras a vão ser encontradas, pois já foram colocadas 190 * ESPREMA BEM O SEU TUBO DE PASTA

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras ouro, mas a PASTA MEDICINAL COUTO, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

Taverna do Embuçado

RESTAURANTE DE LUXO DE UTILIDADE TURÍSTICA

FADOS E GUITARRADAS

ENCERRA 5.ª FEIRA E 6.ª FEIRA SANTA, REABRINDO NO SÁBADO E NÃO FECHANDO NO DOMINGO, DIA QUE NORMALMENTE ENCERRA

BECO DOS CURTUMES, 10 TEL. 86 08 16 — ALFAMA-LISBOA

M/17

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

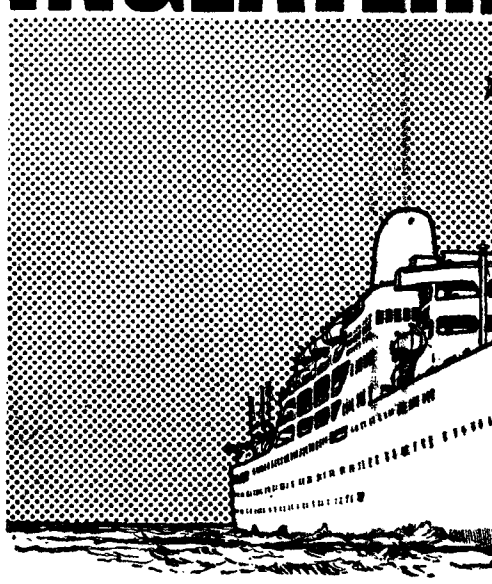
Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

INGLATERR



para: VIGO/SOUT

Consulte o seu Agente de Viagens ou a **N**

Próximas partidas de Lisboa:

«ARAGON» — 28 de Abril
«ARLANZA» — 1 de Junho
«ARAGON» — 22 de Junho

Age
1.ª
JA
Rua
Cla
E.
Pra

CAS
TA
IA

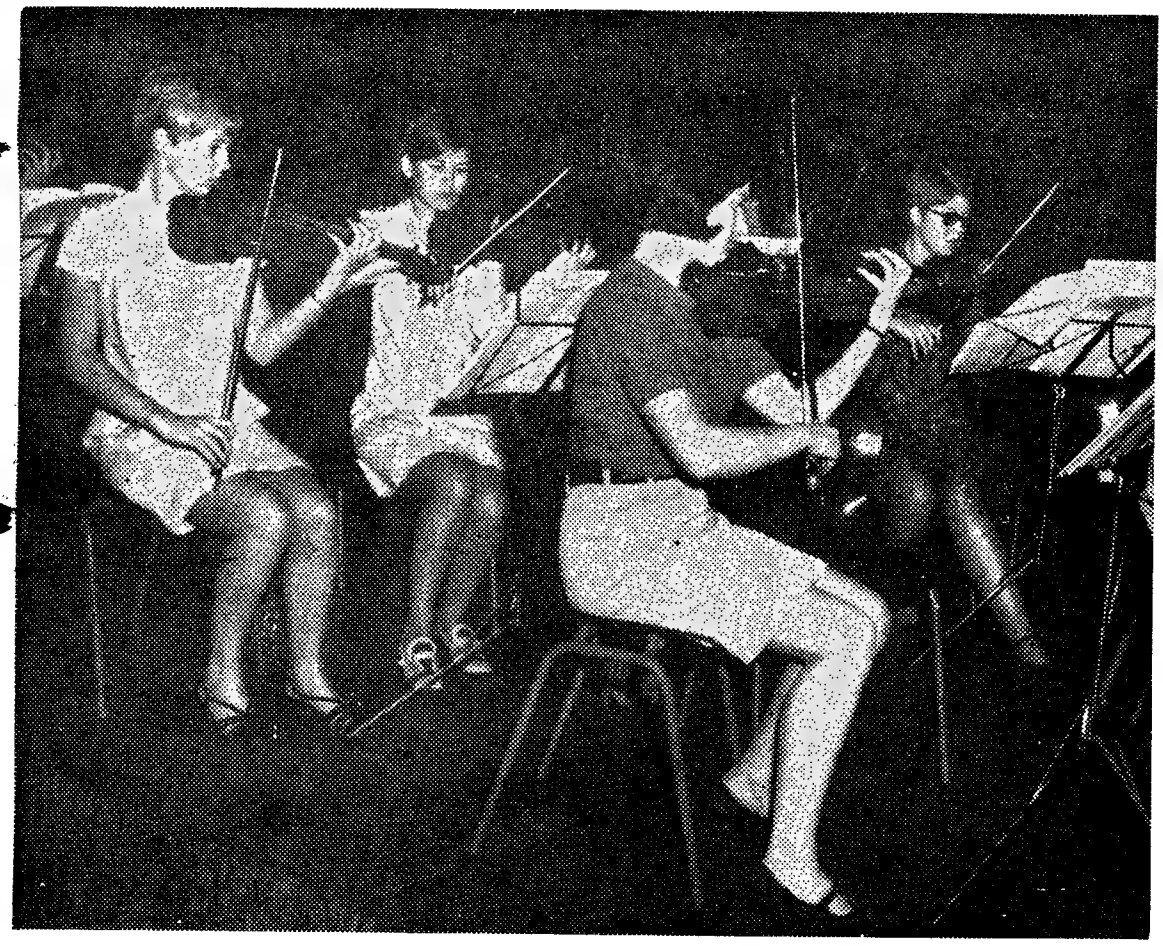
rde, no Pa-
nt'Ana, um
adarsuma e
ros do Ca-
aço, como
de Cristo

moração
nhor

prosegui-
igualmente
sr. cardeal-
verá solene
ção da ceia
omilia, ce-
comunhão
is, da tras-
ara o cofre
ão dos al-

amanhã

Santa, ás
celebrados
responsó-
polifonia.
horas, ha-
ixão e Mor-
doração, da
do Corpo



Jovens músicos de dez países, integrados na Orquestra Internacional das Juventudes Musicais, fotografados esta manhã em Lisboa durante o primeiro ensaio «(3 Esboços Sinfónicos» de Joly Braga Santos) para o concerto que será transmitido para a Eurovisão

É amanhã inaugurado em Lisboa

(no edifício da Faculdade de Letras)

o 22.º Congresso Internacional das Juventudes Musicais

É amanhã, às 10 horas, na Faculdade de Letras de Lisboa, que se inaugura o 22.º Congresso Mundial das Juventudes Musicais, para participar no qual se deslocam a Lisboa quinhentos jovens, representando 27 países. A estes jovens se juntará a delegação portuguesa, composta por uma centena de elementos.

A sessão inaugural do Congresso demorará apenas meia hora, após o que os delegados entram imediatamente nas sessões de trabalho, que decorrerão durante o dia todo e no de sábado, das 9 às 18 horas.

O primeiro grande concerto é dado no Domingo de Páscoa, em S. Vicente de Fora, com a assistência de altas individualidades.

Será tocada música portuguesa, dos séculos XVI a XVIII, interpretada pela Orquestra de Câmara Gulbenkian e o Coro Gulbenkian, dirigidos por Olga Violante e Pierre Salzmann. Colabora ainda no concerto o organista francês Sibertin-Blanc.

O Congresso, que dura exactamente uma semana, será preenchido, a partir de domingo, com vários concertos, audições, visitas a estabelecimentos de ensino musical e espectáculos de ópera e bailado. Além destes actos, pròpriamente musicais, haverá outros de caracter mundano ou de convívio, tais como passeios, jantares e recepções, que darão oportunidade aos quinhentos rapazes e raparigas estrangeiros de conhecer a tão falada hospitalidade portuguesa.

Dia 17: concerto para a Eurovisão

Hoje de manhã, no salão nobre da Reitoria da Universidade Clássica, realizou-se, sob a orientação do maestro Álvaro Cassuto, o primeiro ensaio para o concerto do dia 17, ás 21 e 55, que será transmitido pela Eurovisão para dez países numa realização de Luís Andrade. Este concerto a sinfonia «Jupiter» de Mozart, o «3.º Concerto para Piano» (com o pianista canadiano Claude Savard) de Prokopieff e «3 Esboços Sinfónicos» de Joly Braga Santos. A Orquestra Internacional das Juventudes Musicais, constituída por cerca de 90 figuras escolhidas entre os jovens musicalmente mais bem dotados entre todos os que estão representados no Congresso, actuará sob a regência do maestro Álvaro Cassuto e conta com músicos da Alemanha, Canadá, Bélgica, Espanha, Grécia, França, Inglaterra, Suíça, Holanda, Portugal e Estados Unidos da América.

Ainda hoje, é oferecida uma recepção aos congressistas em casa da senhora marquesa de Cadaval, durante a qual se farão ouvir jovens intérpretes musicais portugueses.

Para este Congresso Mundial das Juventudes Musicais (que pela segunda vez se reune em Portugal) encontram-se já em Lisboa várias individualidades entre as quais os srs. Gilles Lefébvre, vice-presidente da Federação Internacional das J. M. e director-geral das J. M. do Canadá, Lucien Thole, membro do Bureau da Federação e presidente das J. M. da Holanda, sr.ª D. Marguerite de Reding, presidente das J. M. da Suíça, dr. Franz Eckert, tesoureiro da Federação, Kjeld Hansen, membro do Bureau e Pierre Pillet, presidente da Comissão Jurídica.

Os críticos respondem às críticas de Tony Richardson

LONDRES, 11 — (R.) — Nas fileiras dos críticos cinematográficos londrinos, o realizador Iony Richardson provoca um mar de protestos com as suas afirmações.

Os críticos, rotulados, entre outras coisas, de «eunucos intelectuais acidulados» estão a responder-lhe com todo o veneno das armas que quebram a galante cavalaria do novo filme de «Richardson «A Carga da Brigada Ligeira».

Richardson iniciou as hostilidades ao anunciar que não haveria uma exibição especial para a Imprensa da sua película e que os críticos não seriam convidados para a estreia, efectuada ontem á noite, com a presença real no Odeon londrino.

Numa carta enviada, anteontem, ao «Times», aquele realizador afirmou que os críticos aqui existentes eram «os mais superficiais e com a menor boa vontade do mundo».

Richardson, que realizou e dirigiu o filme «Tom Jones», citou, como exemplo da «falência total dos críticos londrinos em executarem a sua função», os ataques feitos por estes ao filme «Romeu e Julieta».

Referiu-se-lhes dizendo que «agitavam os seus preconceitos como serpentes emplumadas».

Com a página do «Times» dedicada ás cartas dos leitores escolhida para liça, Felix Barker, presidente do grupo de críticos, decidiu entrar ontem na refrega.

Escreveu que a descrição feita por Richardson dele e dos seus colegas como «eunucos intelectuais acidulados» pouca hipótese tinha de fazer com que as pessoas levassem a sério a carta.

E mostrou-se zangado ao declarar: «certamente que ele terá de ser consistente. Os críticos não serão susceptíveis do seu dizer de que podem assistir a um dos seus filmes e não ao próximo».

Igrejas Caeiro

vai ser homenageado na Casa do Ribatejo

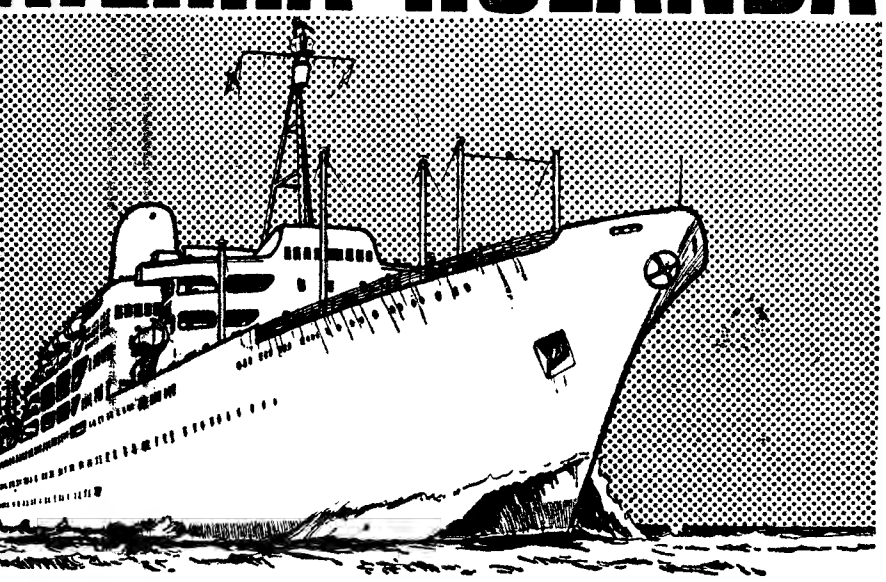
Igrejas Caeiro

Actor, locutor, animador de espectáculos, Igrejas Caeiro é, ainda, uma espécie de «motor de arranque» de muitas iniciativas, espírito atento e popular, personalidade que sabe irradiar simpatias. No desdobramento das multiplas actividades que fizeram dele um caso á parte no meio artístico lisboeta e, até, nacional, o criador dos «Companheiros da Alegria» sempre tem demonstrado facetas assaz valiosos e originais, dignas de estima e aplauso.

Nesta gama de justos motivos, acresce ainda o facto de Caeiro ser ribatejano. E assim, numa publica manifestação de apreço, a Casa do Ribatejo decidiu atribuir a Igrejas Caeiro a «medalha de ouro» da agremiação, que lhe será entregue no dia 11 de Maio, pelas 21 horas, durante um banquete, a que assistirão muitos amigos e admiradores do homenageado.

As inscrições podem já efectuar-se na secretaria da Casa do Ribatejo, pelo telefone 681384.

ATERRA-HOLANDA



IGO/SOUTHAMPTON/ROTERDÃO

e de Viagens ou a **MALA REAL INGLESA**

de Lisboa:
de Abril
de Junho
de Junho

Agentes em Lisboa:
1.ª classe, classe cabine e carga:
JAMES RAWES & CO. LTD.
Rua Bernardino Costa, 47 — Tel. 370231
Classe Turística:
E. PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Praça Duque de Terceira, 20-26 — Tel. 361581

MEMBRO DO GRUPO FURNESS WITHY
morrison

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
— Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

AGORA, NA PÁSCOA,
OFEREÇA AOS SEUS MELHORES AMIGOS
UMA CAIXA COM 12 GARRAFAS DE AZEITE
DA MELHOR QUALIDADE!

CASA AGRICOLA SANTOS JORGE
AGORA COM DOIS ESTABELECIMENTOS EM LISBOA:
● RUA BRAAMCAMP, 50-A
● RUA CORONEL BENTO ROMA, 45-D

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1910
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

CARRO ROUBADO
CORTINA — FC-62-22
Preto, quatro portas, estofos vermelhos. Polícia avisada. Informar A SEGURADORA INDUSTRIAL, Rua Augusta, 27-3.º, Dt.º. Telef. 34111 ou 784354 ou 312826.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

NOTA INTERNACIONAL

Retirada americana?

O agravamento do conflito racial nos E. U. A., em consequência do assassínio de Martin Luther King, é de molde a aumentar a possível disposição do presidente Johnson no que diz respeito á aceitação de condições de Hanoi para a paz no Vietnam.

Contudo, o problema complica-se, na medida em que:

a) as autoridades de Saigão, que, até agora, sobreviveram graças em especial ao apoio americano, não parecem dispostas a aceitar a perspectiva de terem de desaparecer ou partilhar o Poder com a frente política do Vietcong;

b) Pequim dificilmente aceitaria a ideia de ficar só perante os Estados Unidos, o que acontecerá, se a guerra no Vietnam terminar sem que a questão chinesa da Formosa tenha sido, entretanto, resolvida:

c) a retirada americana, mesmo que seja aplaudida internacionalmente, acarretará perda de prestígio para Washington.

A saída dos E. U. A. do Vietnam marcará, provàvelmente, o começo da retirada americana de toda a Ásia. Pelo menos será essa a impressão que prevalecerá. As implicações geopolíticas são imensas. Está em jogo o equilíbrio de forças no Globo. Mas se a retirada total americana da Ásia não for inteiramente voluntária, corre-se o risco de um confronto entre a China e a América do Norte. E tal confronto, no caso de persistir a tensão nas relações sino-russas, só beneficiará Moscovo, que, mantendo-se á margem, desempenhará, por fim, o papel de árbitro das questões mundiais.

NUNO VIEIRA

AFASTADA A HIPÓTESE DE CRISE NA UNIÃO SOVIÉTICA

O genro do presidente Johnson, capitão Charles S. Robb (á direita) examina um mapa, após ter assumido o comando de uma companhia de «marines», em Da Nang, no Vietnam do Sul

MOSCOVO, 11 — (F. P.) — A leitura da «declaração» da Comissão Central do Partido Comunista soviético, publicada no final da sua conferência plenária, leva os observadores estrangeiros locais a pensar que foi afastada uma crise interna.

Há a impressão de que devido ás dificuldades suscitadas pelos acontecimentos na Checoslováquia, á instabilidade em Varsóvia, uma certa agitação em diversos sectores do mundo das letras, das ciências e do ensino na U. R. S. S., provocaram recentemente uma crise de confiança nalgumas engrenagens da direcção do Partido.

Kossyguine, que se encontrava na Pérsia, regressou precipitadamente a Moscovo, no domingo, a fim de tomar parte na preparação urgente de um plenário do directório, cujo unico objectivo teria sido apreciar e de certo modo julgar a actividade do Politburo (de que Brejnev é o personagem numero um).

Na opinião dos observadores estrangeiros, a exposição do secretário-geral, unico documento proposto para discussão no órgão supremo do partido, teria tomado, desta feita, a forma de relatório justificativo, em consequência das crises que se manifestaram entre membros da maioria nos Partidos irmãos da Europa de Leste, e das suas repercussões indirectas na União Soviética.

As tropas americanas reocuparam Lang Vei

SAIGÃO, 11 — (F. P.) — Os «vietcongs» bombardearam, ontem à noite, três posições aliadas em volta de Saigão. Mas, no conjunto, as suas operações de flagelo diminuíram, diminuição que entrou no seu quinto dia consecutivo.

Por outro lado, as tropas americanas reocuparam ontem o antigo campo das forças especiais de Lang Vei, a seis quilómetros a sudoeste de Khe Sanh. Não parece que tenha havido combate.

Aquele campo tinha sido ocupado pelos norte-vietnamianos, depois de algumas horas de combate, em 7 de Fevereiro passado. Perto de Lang Vei foram localizados dois tanques russos «PT 76», e um deles foi destruído pela aviação.

Khe Sanh, pelo segundo dia consecutivo, não foi bombardeada. Sobre a base de Camp Carrol, a 40 quilómetros de Khe Sanh, dois helicópteros americanos colidiram no ar e 12 homens que iam a bordo pereceram.

O informador americano esclareceu que a operação ofensiva «Vitória Completa» não corresponde a qualquer novo conceito táctico, coordenando sob um mesmo organismo de ligação todas as pequenas operações que, há semanas, eram conduzidas independentemente nos sectores da Terceira Região Táctica (províncias em volta de Saigão).

Entretanto, os «B-52» mudaram de alvos. Deixando as patrulhas americanas moverem-se em vários sentidos, visam agora importantes zonas costeiras. Por seu turno, os ataques aéreos ao Norte continuam a não ultrapassarem o paralelo 19.

NOVA ESTRATÉGIA DEFENSIVA?

WASHINGTON, 11. — (R.). — A nomeação do general Creighton W. Abrams para novo comandante americano no Vietnam provocou hoje conjecturas nesta capital de que os Estados Unidos podiam ligar a sua iniciativa de paz com uma nova estratégia defensiva de guerra.

O presidente anunciou a noite passada a nomeação, há muito esperada, do general, de 53 anos, para aquele posto.

Falando numa conferência de Imprensa, Johnson anunciou ainda que o almirante John S. McCain Junior, actualmente comandante-chefe das Forças Navais americanas na Europa, seria o novo comandante-chefe no Pacífico, sucedendo ao almirante Ulysses S. Grant Sharp, que se reforma em 1 de Agosto.

Observadores nesta capital disseram que o general Abrams, técnico da guerra de blindados, presentemente comandante-adjunto no Vietnam, não estava directamente associado com a estratégia de «procurar e destruir», empregada correntemente pelo actual comandante, general William Westmoreland, que abandona o seu posto no Vietnam para se tornar, em Julho, chefe do Estado-Maior do Exército.

RUSK (59 anos) hospitalizado

WASHINGTON, 11 — (A. N. I. e F. P.) — O secretário de Estado, Dean Rusk, foi hospitalizado, a noite passada, em Walter Reed «para um exame físico de rotina» — segundo anuncia a Secretaria de Estado.

O informador oficial disse que Rusk, depois de terminar um dia muito trabalhoso, ia a caminho do hospital, onde deve permanecer dois ou três dias.

Durante a sua permanência no hospital, Dean Rusk continuará a acompanhar os assuntos do seu ministério.

Em 1966, o secretário de Estado, que conta 59 anos, sujeitou-se a outro exame médico do mesmo género.

OS SINDICATOS DESAFIAM O GOVERNO DE WILSON

LONDRES, 11 — (F. P.) — A comissão orçamental do Trade Union Congress (TUC), que exerce uma fiscalização voluntária sobre as reivindicações dos sindicatos, decidiu ontem não tomar em consideração o limite de 3,5 por cento de aumento anual fixado pelo Governo britanico para os próximos dois anos.

Desafiando assim o Governo, a central sindical decidiu considerar o limite de cinco por cento, aprovado pelo Congresso extraordinário do TUC em Fevereiro ultimo. Se a sr.ª Barbara Castle, novo ministro do Trabalho e da Produtividade, não conseguir que o TUC volte atrás nesta decisão nas conversações que estão previstas com os seus dirigentes depois da Páscoa, ameaçam agravar-se as relações entre o Governo e o movimento sindical.

Para já, a decisão da comissão orçamental do TUC provocou um enfraquecimento da libra que fechou ontem a 2,40040, contra 2,40515 na terça-feira.

Entretanto, uma sondagem efectuada no último fim-de-semana e publicada no «Daily Mail», chega à conclusão de que no caso de eleições gerais antecipadas, os conservadores alcançariam uma maioria de uns 100 lugares. Os resultados dão aos conservadores um avanço de 22,6 por cento em relação aos trabalhistas.

CAIU UM AVIÃO NO MÉXICO

CIDADE DO MÉXICO, 11 — (A. N. I.) — Um Dc-3, com funcionários do Governo entre as vinte pessoas que transportava, despenhou-se ontem á noite nas montanhas a 96,5 quilómetros ao norte da Cidade do México, no seu voo inaugural.

Nada se sabe, por enquanto, acerca da sorte dos passageiros e tripulantes. Entre os primeiros figuravam Ramon Perez Morquecho, director da Repartição da Aviação Civil Federal, e Rafael Mendez Moreno, director do Serviço Telegráfico Federal. Também seguiam a bordo do aparelho Guillermo Rojas, dono da companhia a que pertencia o avião, e sua esposa, um grupo de jornalistas da Cidade do México, e o filho do governador do Estado de Aguascalientes.

REACÇÕES DIVERSAS À APROVAÇÃO PELO CONGRESSO DO PROJECTO DE LEI SOBRE OS DIREITOS CÍVICOS

WASHINGTON, 11 — (F. P.) — A maior parte das organizações dos direitos cívicos declaram-se satisfeitas com a votação pelo Congresso, ontem à tarde, do projecto de lei sobre os direitos civis, que comporta, nomeadamente, a eliminação da discriminação racial em matéria de alojamento.

Clarence Mitchell, director da N. A. A. C. P. (Associação Nacional para o Progresso da Gente de Cor), em Washington, declarou tratar-se de uma «vitória magnífica». Prestando homenagem à política do presidente Johnson, neste capítulo, acrescentou: «Enxerga-se, agora, nova possibilidade de se alcançarem progressos raciais por meios legais».

A Liga Urbana e a S. C. L. C. (Conferência dos Dirigentes Cristãos do Sul) receberam, igualmente, o projecto de lei com satisfação, embora notando que se trata de uma primeira medida, e não de solução para todos os problemas da gente de cor. Whitney Young, director da Liga Urbana, aplaudiu «o fim da tolerância federal quanto à discriminação no alojamento», mas acrescentou: «Os brancos que pensam ter-se absolvido por este meio da responsabilidade e da vergonha que recaem sobre a nação com o assassínio do dr. King, estão completamente iludidos».

Por sua vez, o pastor Ralph Abernathy, sucessor do dr. Martin Luther King na chefia da S. C. L. C., disse: «Para os negros americanos, isto é apenas o primeiro passo no bom caminho, e não uma solução do problema».

Abernathy acrescentou que em numerosas cidades onde o município votou por iniciativa própria a eliminação de toda a discriminação em matéra de alojamento, a situação não se modificou e os «ghettos» negros continuam a existir.

O C. O. R. E. (Congresso para a Igualdade Racial), em contrapartida, qualificou a votação do Congresso de «intrujice dirigida contra os negros». Roy Innis, director-adjunto do C. O. R. E., observou que o projecto de lei não prevê que a nova medida seja respeitada pela força, no acso de má vontade dos proprietários, mas acentua a conciliação reduzindo, assim, a nada a eficácia da lei.

O S N. I C. K., organização principal do Poder Negro, não fez comentários.

Incendiários brancos em Newark

NEWARK (Nova Jersey), 11 — (A. N. I.) — O «mayor» de Newark, Hugh Addonizio, declarou hoje que «militantes brancos» atearam alguns incêndios no turbulento «ghetto» negro da cidade.

Em Trenton, capital do Estado de Nova Jersey, foi mobilizada a Guarda Nacional, a pedido do «mayor» Arnold Armenti.

Não foi revelado o numero de guardas nacionais cuja chegada a Trenton estava prevista para o fim do dia de ontem.

Um rapaz negro foi ontem morto a tiro pela Polícia, em Trenton, quando tentava roubar uma camisa num armazém já devastado pelas pilhagens.

Entretanto, a situação parece dominada e não foi imposto recolher obrigatório em Newark.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Polícia a cavalo carregando sobre manifestantes, durante os disturbios no Rio de Janeiro

Nasser: A R. A. U. está preparada para treinar e armar os guerrilheiros da Palestina

CAIRO, 11 — (A. N. I.) — O Egipto está preparado para treinar e armar os guerrilheiros da Palestina — afirmou ontem o presidente Nasser, falando perante um grupo de advogados árabes de visita ao Cairo.

Entretanto, segundo notícias provenientes de Jerusalém, Israel e a Jordania voltaram hoje a travar um duelo de artilharia sobre o rio Jordão.

Segundo as autoridades israelitas, foram os jordanos que tomaram a iniciativa, no sector norte do Vale de Beisan, ás 5 e 30 T. M. G.

ESQUADRILHA DE BOMBARDEIROS RUSSOS NA SÍRIA

DAMASCO, 11 — (A. N. I. e R.) — O chefe do Estado da Síria, dr. Ureddin al Atassi, visitou, ontem, uma esquadrilha de bombardeiros russos que se encontra actualmente nesta capital, numa visita de boa vontade, durante uma semana.

Por outro lado, a Síria aumentou o tempo de serviço militar obrigatório de dois para dois anos e meio, «devido á actual situação mundial» — anunciou hoje Rádio Damasco.

MALOGROU-SE A MISSÃO GUNNAR JARRING

BEIRUTE, 11 — (A. N. I.) — Malogrou-se definitivamente a missão de mediação do enviado especial das Nações Unidas ao Próximo Oriente, Gunnar Jarring — é a opinião generalizada em círculos políticos e diplomáticos de Beirute, de Damasco e de Ammã.

Nos círculos oficiais de Bagdad insiste-se na reunião do Conselho Conjunto de Defesa Árabe, antes da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, a fim de que haja preparação militar para fazer face aos acontecimentos que se seguirão ao malogro de Jarring, na solução política.

A Imprensa jordana anuncia que o Governo decidiu iniciar uma campanha no estrangeiro, para chamar as atenções para a política expansionista de Israel no Próximo Oriente.

Por sua vez, o diário de Beirute «Al Shams» alega que é nova prova do expansionismo israelita a declaração do antigo primeiro-ministro Ben Gurion ao jornal «Maariv», de que desde 1948 concorda com a ocupação da região ocidental da Jordania.

Por seu turno, o diário de Beirute «Al Anwar» escreve que num panfleto distribuído em Chicago se revela que os israelitas planeiam ocupar ainda mais território jordano e sírio.

Em comunicado distribuído hoje, em Beirute, a organização terrorista El Fata afirma que, no ataque de segunda-feira a Sul do Mar Morto, os israelitas destruiram um campo de mineiros jordanos, na convicção de que ali se albergavam terroristas.

CINCO MORTOS EM KANSAS CITY DURANTE UM COMBATE COM ATIRADORES EMBOSCADOS

KANSAS CITY (Missouri), 11-(R.) - Foram mortas cinco pessoas e, pelo menos, sete outras ficaram feridas quando atiradores emboscados travaram, a noite passada, combate com polícias e guardas nacionais, nesta cidade.

O tiroteio ocorreu na parte centro-leste da cidade.

Na mesma área, um quarteirão de edifícios começou a arder ontem, á noite, e os bombeiros não puderam combater os incêndios devido ao fogo incessante dos atiradores emboscados.

A seguir ao tiroteio, mais 650 guardas nacionais foram mobilizados e começaram a chegar á cidade, elevando o numero total da força que se encontra em Kansas City para cerca de 2900 homens.

RECOLHER OBRIGATÓRIO

O «mayor» Ilus Davis impôs imediatamente o recolher obrigatório das 21 até ás 6 horas, e ordenou o encerramento de todos os estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas e de armas de fogo.

Dois guardas nacionais e dois bombeiros ficaram feridos ao tentarem alcançar edifícios em chamas.

O fogo dos atiradores emboscados principiou ás primeiras horas da noite, a seguir a um dia de calma relativa em Kansas City.

Uma pessoa perdera, antes, a vida, nesta cidade, em consequência da onda de violência a seguir ao assassínio do dr. Martin Luther King.

Mais de 60 pessoas foram ontem presas e anunciados 68 feridos em consequência da violência nos bairros negros da cidade.

O município ordenou que as escolas fechassem um dia antes, para as férias da Páscoa.

A VIOLÊNCIA RACIAL CAUSOU 42 MORTOS DESDE QUINTA-FEIRA

NOVA YORK, 11 — (F. P.) — A primeira vaga de violência racial que já atingiu desde a passada quinta-feira 110 cidades dos Estados Unidos, causou 42 mortos, assim distribuídos:

- **Chicago: onze mortos, todos negros.**
- **Washington: oito.**
- **Baltimore: seis.**
- **Kansas City: seis, todos negros.**
- **Detroit: dois.**
- **Memphis, Tallahassee, Minneapolis, Trenton, Jacksonville, Oakland e San Francisco: um em cada cidade.**

MORREU GIEDION

ZURIQUE, 11 — (R.) — O professor Siegfried Giedion, de naturalidade suíça e secretário-geral do Congresso Internacional de Arquitectura Moderna, faleceu ontem, nesta cidade. Contava 74 anos de idade.

Siegfried Giedion foi professor de Arquitectura na Universidade de Harvard, de 1938 a 1946, e era membro honorário do Royal Institute of British Architects.

Foi professor de História de Arte na Escola Politécnica de Zurique.

SERRAT TERIA OBTIDO TRIUNFO MAIOR

—AFIRMAM OS AUTORES DE «LÁ, LÁ, LÁ»

MADRID, 11 — (A. N. I.) — Manolo e Ramon, o «Duo Dinâmico», autores de «Lá, lá, lá», a canção vencedora no festival da Eurovisão, recentemente realizado em Londres, são de opinião que Serrat, que desejava interpretar a melodia em catalão, teria obtido um triunfo maior que o conseguido por Massiel.

«Serrat teria ganho por muitos mais pontos de diferença» — dizem Manolo e Ramon, que se lamentam por se verem diminuídos: «O triunfo não foi só dela».

CRÍTICAS A MASSIEL

Ramon Arcusa e Manuel de la Calva criticaram também a intérprete da canção, Massiel, por chamar a si os loiros da vitória.

«O publico parece ter esquecido que a vitória foi o resultado de um trabalho de equipa» — afirmaram.

«A própria firma para a qual Massiel gravou parece muito interessada em nos fazer desaparecer.»

Massiel tornou-se no ídolo dos espanhóis depois da sua surpreendente vitória em Londres, mais surpreendente ainda devido ao curto espaço de tempo que teve para se adaptar á canção, pois, só foi convidada a interpretá-la quando, dez dias antes do festival, Juan Manuel Serrat rescindiu o contrato, alegando que só aceitaria cantar em catalão.

Os compositores da canção vencedora afirmaram que nunca tiveram confiança em Massiel e que tinham preferido que «Lá, lá, lá» fosse cantada em Londres por Karina, outra cançonetista espanhola Salientaram que o festival foi de canções e não de intérpretes.

ACUSAÇÃO DE PLÁGIO

LONDRES, 11 — (A. N. I.) — Os advogados de duas empresas inglesas editoras de discos puseram hoje em tribunal uma acção contra a empresa editora e contra o compositor da canção espanhola «Lá, lá, lá», vencedora do «Festival Eurovisão da Canção de 1968», que acusam de plágio.

A composição espanhola foi cantada no sábado, em Londres, por Massiel e bateu por um voto a canção representativa da Inglaterra, «Congratulations», interpretada por Cliff Richard.

A acção foi movida em nome da Davray Music Ltd. e da Carlin Music Corporation, proprietárias dos direitos exclusivos da canção que alegam ter sido plagiada — «Death of a Clown» (morte de um palhaço), composta por Raymond D. Davis e Dave Davies, do conjunto «pop» «The Kings».

«CONGRATULATIONS» NO SEGUNDO LUGAR DO «HIT PARADE» INGLÊS

LONDRES, 11 — (R.) — Os velhos musicos de «jazz», como os soldados veteranos, não se rendem. Encaminham-se directamente para a primeira linha.

Com a sua habitual energia e profissionalismo, o famoso trompetista Louis Satchmo Armstrong, de 67 anos, deixou para trás os seus rivais e ocupou o lugar cimeiro na tabela da classificação da Grã-Bretanha esta semana com o seu disco «Wonderful World».

«Congratulations», de Cliff Richard, que perdeu só por um ponto a favor da Espanha no Festival da Canção deste ano da Eurovisão, passou do quarto para o segundo lugar.

Em Nova York, «Honey», de Bobby Goldsboro, subiu espectacularmente do 39.º para o primeiro lugar, destronando a canção do falecido Otis Redding «The dock of the bay», que baixou para terceiro. Outra sensação na tabela dos Estados Unidos: «Young girl», dos «Union Grap» mudou do terceiro para o segundo lugar.

«Congratulations» ocupava a posição cimeira em Hong-Kong, deixando «Lady Madonna» dos «Beatles» em segundo lugar, e passou do 13.º para sexto em Amsterdam, onde «Cinderella Rockefella», de Esther e Abi Ofarim, se mantinha ainda no topo.

Frank Sinatra em tribunal

MIAMI, 11 — (F. P.) — Sob pena de ser acusado de ultraje a magistrado e de vir a ser preso se puser novamente os pés na Florida, Frank Sinatra deverá comparecer como testemunha, no próximo dia 22, no processo por difamação intentado pelo hotel local, «Fointainebleau» contra o «Miami Herald». O conhecido cançonetista e actor saiu bruscamente da Florida, no domingo, véspera da abertura do julgamento. Os proprietários do «Fontainebleau» reclamam dez milhões de dólares de perdas e danos. O «Miami Herald», que, numa série de artigos os acusou, e Frank Sinatra, também, de manterem relações excelentes com a gente da Mafia.

GANHE

EM TUDO E POR TUDO!

COMPRANDO NA

Dardo

UM APARELHO ELECTRODOMÉSTICO

AEG

A MARCA QUE GARANTE QUALIDADE

OS MELHORES PREÇOS E CONDIÇÕES DO PAÍS

Dardo 5 LOJAS À SUA DISPOSIÇÃO

AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57

AV. ALM. REIS, 124 • P. DE LONDRES, 7 • R. 1º DE MAIO, 146 (S. amaro)

GANHE NO PREÇO a pronto ou a prestações sempre as melhores condições

GANHE NA ENTRADA SEM ENTRADA MESMO! começa a pagar um mês depois da compra!

GANHE SEGURANÇA recebe grátis um seguro de vida

GANHE NAS CONDIÇÕES vendas a prazo com encargos mínimos!

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 11 — (A.N.I. e L.) — Relativamente ao período de 31 de Março a 8 de Abril de 1968, o comando-chefe das Forças Armadas de Angola comunica:

«No Norte de Angola a situação não sofreu alteração sensível. Entre as acções da iniciativa dos terroristas há a salientar:

Assassínio de uma criança africana, a noroeste da fazenda Tentativa, numa povoação onde também foram raptados quatro elementos da população e roubadas e incendiadas algumas casas.

Em ataques levadas a efeito, um na área de Mucondo, houve um ferido civil; noutro a sul de Songo, ferimentos num civil; num terceiro, a sueste de Quitexe, a morte de um elemento da guarda rural, e ainda num outro, na área das Mabubas, um morto entre a população africana.

Relativamente á actuação das nossas tropas regista-se um golpe de mão contra um acampamento localizado na região de Bembe, em que os terroristas sofreram quatro mortos e a captura de três elementos.

No leste, a actividade do adversário foi nítidamente menos intensa do que no período anterior. Entre as acções que efectuou merecem referência as seguintes:

Em ataques realizados contra uma povoação a sul de Dala, houve um morto, contra um grupo de milícias, a leste de Gago Coutinho, um ferido e um morto numa emboscada levada a efeito contra as nossas tropas a sueste de Alto Cuito.

As nossas tropas obtiveram os resultados de maior relevo nas acções que a seguir se indicam:

Esforço de nomadização que decorreu a oeste de Cazombo, durante o qual os terroristas sofreram três mortos e a captura de dois elementos;

Ataque efectuado contra um grupo de terroristas, a norte de Leua, que provocou três mortos, a captura de dois elementos e a apreensão de munições e equipamento;

Acções de cooperação entre as forças terrestres e aéreas, na área de Mutumbo-Umoulo, no decurso das quais houve trinta e seis terroristas mortos.

Durante o período em referência as nossas tropas sofreram seis feridos em combate. Verificou-se, ainda, a morte de um guarda rural e de um elemento das milícias e mais três mortos e três feridos entre a população civil.»

SEVILHA

Semana Santa

FEIRA

Prefira o transporte mais rápido e económico

Carreiras diárias de auto-carros, nos dois sentidos

Lisboa — Cacilhas — Setúbal — Ferreira do Alentejo — Beja — Ficalho — Aracena — Sevilha

Peça informações e marque os lugares:

Empresa de Viação Algarve, L.da

"E. V. A."

Rua Bernardino Costa, 30 — LISBOA

Telefone 321787

O MENOR PERCURSO, AO MENOR PREÇO

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na Quinta das Laranjeiras, freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, de uma linha aérea a 15 kV, com 205 m, do apoio n.º 19 da linha para Nunes & Nunes ao posto de transformação da firma Tugal — Nuno Álvaro da Silva Duarte.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 5 de Abril de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na Rua da Ponte, na vila de Grândola, de uma linha mista a 30 kV com 156 m, parte aérea com 6 m e parte subterrânea com 150 m, do apoio n.º 5 da linha para as Minas do Lousal ao posto de transformação n.º 1-B da Câmara Municipal de Grândola.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 5 de Abril de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

TURIM

25-A, R. D. João V, 25-C — Telef. 65 40 10 - 68 51 63

CARROS USADOS

DE VÁRIAS MARCAS E MODELOS REVISTOS E GARANTIDOS, PROVENIENTES DE TROCAS COM TODOS OS MODELOS NOVOS

VAUXHALL e BEDFORD

AMPLAS FAC. ● PAGAMENTO E TROCA

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS

Juro da lei

RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-2º

TELEFNS. 52248-556580

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

EUROCAR

Automóveis s/ condutor

Av. Barbosa Bocage, 1

Telefs. 761987 - 769848 - 712773

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Abril de 1938 publicava:

«A exemplo do que se fez no Porto e em diversas cidades estrangeiras, os alemães e austríacos de ambos os sexos, maiores de 21 anos, residentes em Lisboa e nos arredores, também votaram no plebiscito acerca da união á Áustria e da lista apresentada por Hitler para o novo Reichstag, embarcando, num paquete que saiu as águas territoriais. O navio que serviu para o efeito foi o paquete «Madrid», que esta manhã atracara em Alcantara, procedente da Alemanha e com destino á América do Sul, embandeirado em arco com as bandeiras portuguesa e da cruz suástica».

CURIO-SIDADES

● O alemão no mundo

O alemão mantem a sua posição como uma das línguas mais faladas no Mundo, sobretudo nos domínios da educação e da ciência. E' este o resultado de um estudo do Instituto-Goethe em Munique.

O alemão tem-se expandido favorávelmente na França, enquanto na Itália se observa um retrocesso, apesar de figurar nos programas escolares, precedido, aliás, pelo francês e pelo espanhol.

Na União Soviética 30 por cento dos alunos das escolas aprendem alemão. Em muitos países do Leste da Europa o alemão é conhecido.

Na maioria das escolas secundárias do Egipto ensina-se o alemão como segunda língua estrangeira.

O ensino do alemão é menos satisfatório nos Estados Unidos e na América do Sul. À excepção do Brasil e do Chile práticamente não se ensina o alemão nas escolas

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

Concurso para a EXECUÇÃO DE DIVERSOS TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL, a levar a efeito neste Hospital.

Até às 15,30 horas do dia 2 do próximo mês de Maio, recebem-se propostas em papel selado para a execução dos trabalhos em referência.

Condições patentes no Serviço de Abastecimentos, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas.

Lisboa, 9 de Abril de 1968.

O ADMINISTRADOR,

TRANSPORTES DE MILITARES

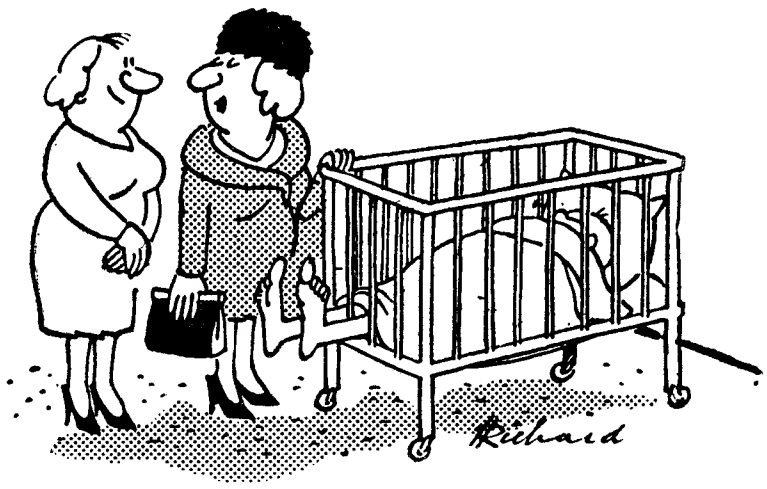
A C. P. anuncia que desde o dia 17 do corrente põe em circulação uma automotora, partindo do Porto (São Bento), às 23.30 horas e dando ligação ao comboio especial para militares que parte do Porto (Campanhã) ás 23.40 horas para Lisboa (Santa Apolónia).

Todos os militares que estejam munidos de bilhetes válidos para este comboio especial — os quais podem ser adquiridos na própria estação do Porto (São Bento) — podem utilizar a referida automotora sem acréscimo de preço.

••• ANEDOTAS •••

■ **Numa pensão de segunda ordem.**
— Deseja água, minha senhora? — pergunta a criada amável.
— Não, obrigada. Já tenho o prato de sopa cheio dela — responde a pensionista de mau humor.

■ Tibúrcio foi ao médico e este perguntou-lhe:
— Então, de que se queixa?
— Olhe, doutor, é uma dor que me dá de dez em dez minutos e que dura cerca de meia hora.

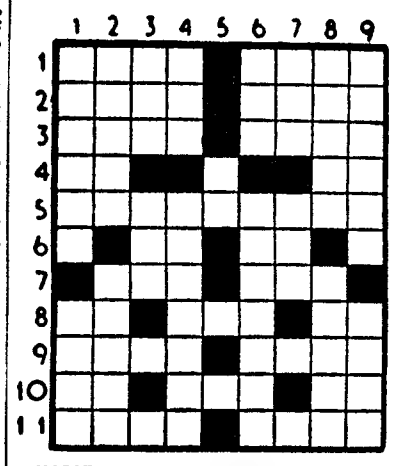


— O bebé ESTÁ muito crescidinho, não está?

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4786



HORIZONTAIS: 1 — Parte do boné. Rainha da Arábia, conhecida também por Baikis. 2 — Prendem. Prendem com elos. 3 — Bebida usada no Peru. Simples. 4 — Basta. Reis. 5 — Esquecerias. 6 — Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Preposição. 7 — Recusa. Bondoso. 8 — Tempo do verbo haver. Dá mios. Antes de Cristo. 9 — Rei de Israel morido de Jezabel. Mulher do filho em relação aos pais dele. 10 — Seguia Rainha do Egipto, cujo tumulo foi descoberto por Mariette em 1859. Pronome pessoal. 11 — Clima. Líquido gorduroso.

VERTICAIS: 1 — Guardador de gado. Cidade da Holanda. 2 — Levam á sirga. Cor de rosa. 3 — Pátria. Magnete natural. 4 — Governanta. Focinhos. 5 — Letra grega. 6 — Preposição. Porção de gado lanígero. 7 — Ice íntimo. 8 — Entrada de um porto. Nome de um planeta. 9 — Mistura. Coladura.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4785

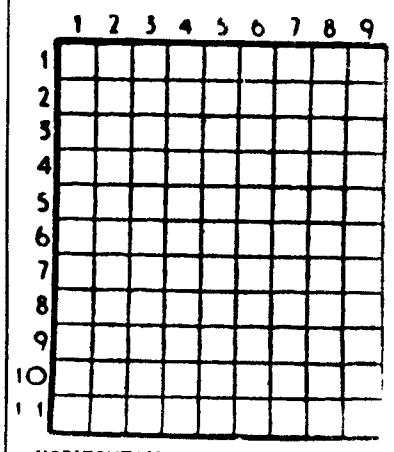
HORIZONTAIS: 1 — Tirevo. 2 — AC. Are. Má. 3 — Dão. Sor. 4 — Entontece. 5 — Coar. Cair. 6 — Ondas. 7 — Aam. 8 — QUEM. Amar. 9 — Uri. Aro 10 — Arse Alma. 11 Lá. MAL. Os.

VERTICAIS: 1 — PADECE. Qual. 2 — Cano. Surra. 3 — Otão. Eis. 4 — Ra. Ornam. Em. 5 — Erin. Dá. 6 — Vê. Carmo. 9 — PARECE. Roas. Tirama. AL. 7 — Seis. MAL. 8 — Moca.

Provérbio: QUEM MAL PADECE, MAL PARECE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8630



HORIZONTAIS: 1 — Porção de lã, linho ou algodão que se põe de uma vez na roca. Livro da lei dos judeus portugueses. 2 — Constelação austral. Ente. 3 — Pêlo de certos animais. Colorido. Ruim. 4 — Içar. Prender com as gavinhas. 5 — Ramalhete. Arena. 6 — Figura que simboliza o povo americano. Nome de uma letra. 7 — Ódio 8 — Separaras. 9 — Cânhamo de Manila. Medida de líquidos na Holanda, Alemanha e Suíça. Reis. 10 — Preposição. Prefixo que designa três. 11 — Divisão de uma casa. Vendem a crédito.

VERTICAIS: 1 — Guardar segredo. Leitos. 2 — Pedras preciosas. Pé de animal. 3 — Rio de Itália. Estimara. Artigo definido (ant.). 4 — Revestira de uma camada de crómio. 5 — Porco. Sufixo que designam pequenez. 6 — Moviam os remos. 7 — Artigo definido. Deixar em testamento. Pronome pessoal. 8 — Termina. Rã (pop.). 9 — Ave trepadora. Deste modo.

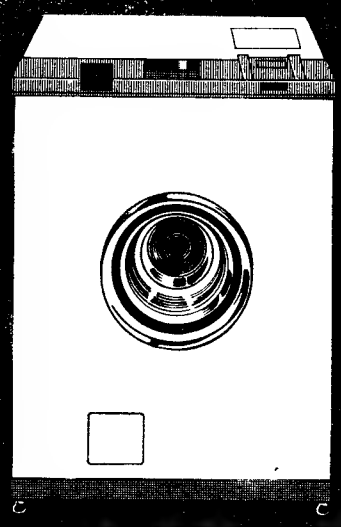
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8629

HORIZONTAIS: 1 — Sono. Voas. 2 — Alio. Arpa. 3 — Não. Aal. 4 — Sisa. Argo. 5 — Aa. Am. 6 — Coiro. 7 — Pastora. 8 — Cá. Toa. LV. 9 — Alva. Riga. 10 — Sair. Aias. 11 — Essa. Siso.

VERTICAIS: 1 — Sansão. Case. 2 — Olaia. Palas. 3 — Nios. Cá. Vis. 4 — Oó. Apostara. 5 — Ito. 6 — Vã. Aproaras. 7 — Orar. Or. III. 8 — Apaga. Algas. 9 — Salomé. Vaso.

CASTOR

DESDE HÁ MUITO A MELHOR MÁQUINA DE LAVAR ROUPA



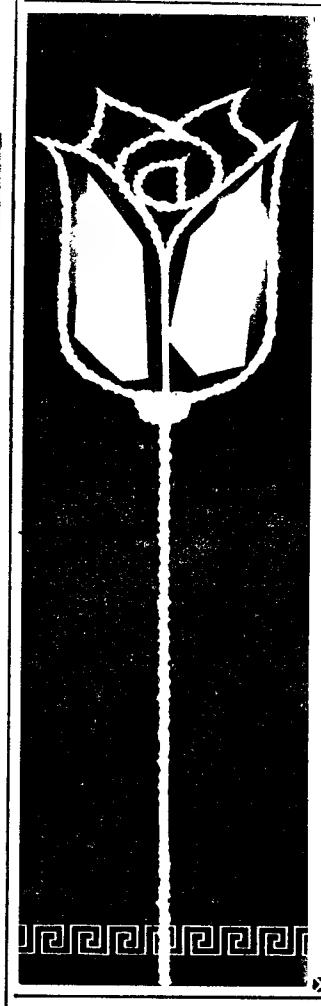
opal

skip DETERGENTE RECOMENDADO

5 modêlos desde 5.350.oo incluindo o modelo SUPERDRY a máquina que lava, centrifuga e seca totalmente a roupa

DISTRIBUIDORES GERAIS:

Porto-Sociedade Técnica de Fomento, Lda.-Lisboa



ULTIMAS NOVIDADES

PRIMAVERA

— Pronto a vestir
— Malhas
— Camisaria
— Lingerie

VERÃO

armazéns da betesga

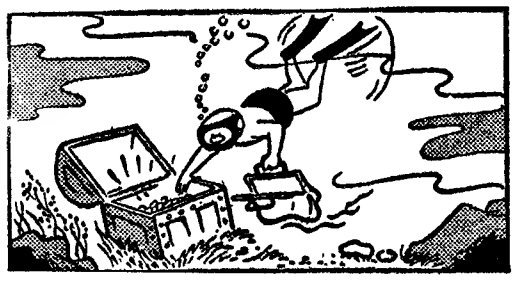
PRAÇA DA FIGUEIRA, 15

TEL. 36 90 40 LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

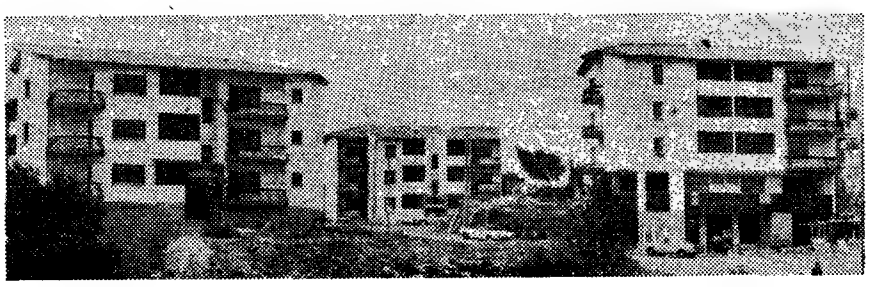
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



APLIQUE O SEU CAPITAL VALORIZANDO-O, NOS MAGNIFICOS ANDARES

C/3,4e5 assoalhadas
numa das zonas mais
Progressivas de:
CASCAIS



Junto de zona
Comercial a 800 metros da estação
Perto de Liceu com
auto-carro à porta

PODE COMPRÁ-LO:

Com facilidades de pagamento
Por intermédio das Caixas de Previdência
ou com hipoteca à Caixa Geral dos Depósitos

BAIRRO RESIDÊNCIAL O NAVEGADOR

NAS FONTAINHAS — CASCAIS

MOSTRA no local e
informa na Estrada de ALVIDE M.L.C. telf. 280568

Preços desde 250 contos

QUE SE DEVE EXAMINAR A PRIMOROSA CONSTRUÇÃO SUIÇA DA HERMES 9

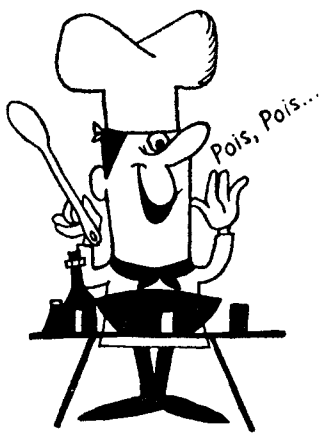
(CARRETOS DE 33, 38 E 47 cm.)

A MÁQUINA QUE ESTÁ CAUSANDO SENSAÇÃO NO MUNDO COMERCIAL!

DISTRIBUIDORES:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR.
S. A. R. L.

68, RUA DA PRATA, TEL. 36 15 45 — LISBOA
208, R. S.TO ANTÓNIO, TEL. 2 55 82 — PORTO
62, R. D. DIOGO SOUSA, TEL. 24979 — BRAGA



J. PIMENTA, LDA.

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

TEM 150 CONTOS?...

Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.

ESCRITÓRIOS

EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

ALUMINIO

- chapas lisas
- chapas onduladas para coberturas
- chapas estriadas em ANTICORODAL, antiderrapantes, com grande resistencia ao desgaste
- perfis, tubos, varões e barras

EM STOCK, PARA ENTREGA IMEDIATA

SORVAL Sociedade de Representações Vasconcelos, Ld.

Rua de Artilharia Um, 104, 4.º, E. LISBOA - 1 Tel.: 65 12 29 65 12 20 65 18 12
Rua Santos Pousada, 571 — PORTO Tel.: 5 69 21

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

VISITE ELVAS
Hospede-se em «O LIDADOR»
ou
QUINTA DAS AGUIAS
Telef. 602 ou 245

COMBOIOS ESPECIAIS

Entre Lisboa e Porto às 6.as-feiras, sábados e domingos para militares em viagens de fim-de-semana a preços reduzidos

A fim de facilitar a deslocação de militares dos três ramos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) de Lisboa ao Porto, e inversamente, a C. P. realiza todas as 6.as feiras, sábados e domingos circulações especiais com o seguinte horário:

6.as feiras	Sábados	Domingos		Estações		6.as feiras	Sábados	Domingos
17.40	14.17	23.40	p ↓	Lisboa (St.ª Apolónia)	↑ c.	23.05	18.30	4.45
22.30	19.18	4.45	c. ↓	Porto (Campanhã)	↑ p	17.52	13.35	23.40

A estes comboios são dadas paragens nas estações intermédias mais importantes da linha do Norte para embarque e desembarque de passageiros, sendo possíveis também ligações de e para as principais linhas afluentes.
INFORME-SE NAS ESTAÇÕES OU NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES

CILLA BLACK EM ALBUFEIRA

Cilla Black, a popular cançonetista britânica, está a passar férias em Albufeira, como ontem dissemos. Aqui a vemos, sorrindo sob o céu algarvio, com o seu secretário e «manager», «Boby Nillis, que é também seu noivo; e Peter Brown, empresário dos «Beatles». Encantada com o Algarve e feliz no amor, Cilla tem ainda outra razão para sorrir: está em boa posição na classificação semanal dos «top ten», em Londres, com a canção «Step inside love», que os «Beatles» criaram propositadamente para ela

TAUROMAQUIA

Gustavo Zenkl (um austríaco) vai tomar a alternativa de cavaleiro tauromáquico no próximo domingo no Campo Pequeno

Um cartaz bem posto e cheio de interesse é proporcionado ao público no Domingo de Páscoa, na tradicional corrida de toiros para a inauguração da temporada.

A nota sensacional é dada com a alternativa do jovem Gustavo Zenkl, austríaco por seus pais e por nascimento, mas ribatejano pelo coração. Zenkl nasceu em Viena a 24 de Janeiro de 1944. As circunstâncias dramáticas em que o seu país vivia, fez com que milhares de refugiados chegassem ao nosso país na esperança de melhores dias. Por intermédio da «Caritas» Gustavo chegava a Portugal e era entregue aos cuidados da família Infante da Câmara. Apaixonado pelos nossos costumes e tradições, tirou o curso de regente agrícola, em Santarém, deixando-se arrastar pelo sortilégio da Festa Brava. Como amador, actuou em várias praças de toiros do País. Atingida a maturidade tauromáquica, ei-lo que vai tomar a alternativa, disposto a prestigiar a Arte de Marialva. Terá como padrinho Manuel Conde, cavaleiro distinto, que na passada época festejou as bodas de ouro da qual foi indiscutível triunfador.

A parte apeada foi confiada ao barreirense Armando Soares, que se encontra num dos melhores momentos da sua carreira, e ao espanhol Curro Montenegro, digno continuador da arte maior de um Cúchares.

As pegas foram confiadas aos Forcados Amadores do Aposento do Barrete Verde de Alcochete, capitaneados por António Luís Penetra. Os toiros pertencem à conceituada ganadaria dos Herd. de D. Diogo Passanha (Quinta de S. Pedro).

Garraiada de estudantes em Évora

Integrada nas festas dos finalistas dos alunos do Instituto de Estudos Superiores de Évora realiza-se na praça de touros desta cidade, no dia 21, às 16 horas, uma garraiada, com a participação de três corpulentos garraios e quatro hipotéticas vacas.

No espectáculo tomam parte os distintos cavaleiros D. Francisco Azarujinha e dr. José Abílio de Matos, os famigerados «espadas» Valladas Liñan, Horácio Silva, Rudolfo Grillo e Zé'Sprito Santo, um brioso grupo de forcados, e os campinos Bajjanoffsky e Homé Gallito, além dos bandarilheiros profissionais Manuel Alemão, Sabino Berlicha, Helder Araújo e José Agostinho dos Santos.

Um dos anúncios da C. Santos distinguido com menção honrosa

no «Grande Prémio de Publicidade»

O juri do «Grande Prémio de Publicidade» distinguiu seis produções concorrentes com menção honrosa. Dois desses seis galardões foram atribuídos ao Serviço de Publicidade da Organização C. Santos e é um deles, «O CARRO QUE FAZ EQUIPA», que hoje reproduzimos.

O próprio anúncio, encomendado pela firma A. M. d'Almeida, nasceu de um trabalho de equipa, sob a orientação de Francisco Hipólito Raposo, José Manuel Rego e Artur Silva. Uma ideia de base, pensada com audácia e realizada de modo muito sugestivo: no «Morris 850» (o carro que faz equipa) cabe muita gente, mais do que à primeira vista poderia supor-se.

Deste anúncio foi executada uma série de curiosas variações, de que recordamos, entre outras, as equipas de râguebi, basquetebol e pegadores de toiros. Na produção distinguida com menção honrosa pelo juri do nosso «Grande Prémio de Publicidade» há a proposição de um novo elemento: o utilitário «Morris 850» está à vontade, também, nas zonas rurais. Resistência, flexibilidade, capacidade de adaptação— muita coisa que se diz com poucas palavras. Os criadores do anúncio souberam conjugar tudo isso e o comprador potencial viu-se estimulado por argumentos de vária ordem, tendentes a distinguir as virtualidades excepcionais do produto.

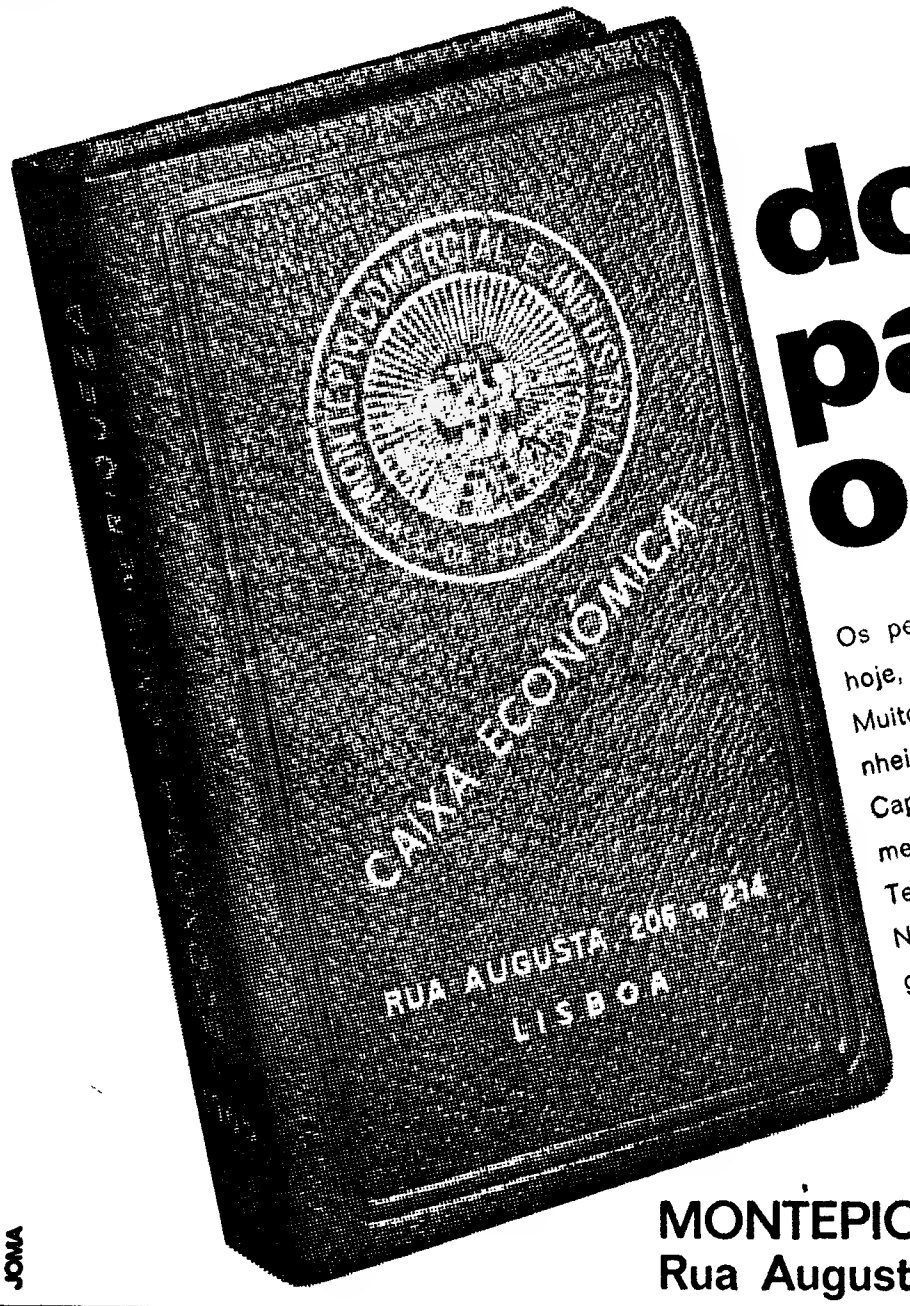
MORRIS 850

O CARRO QUE FAZ EQUIPA!

MORRIS 850! Um grande "tiro" como automóvel, e um grande tiro no meio de grande caçada: o carro que está pronto para tudo, disposto a trilhar o pior caminho para chegar ao melhor sítio. E daí partiu a linha, bem formada, as pontas mais avançadas, os cães a trabalhar bem o terreno, para fazer o resto - encher os cinturões!
MORRIS 850! Um carro eficaz, companheirão, que se recusa a levar "grades" para casa! Um carro que realmente faz parte da equipa!

A. M. ALMEIDA, S.A.R.L.

Av. da Liberdade, 11, 11-A • Av. 5 de Outubro, 168 • Lisboa • Rua Sá da Bandeira, 501 • Porto



do tostão para o milhão

Os pequenos tostões, com que o seu filho brinca hoje, podem ser volumosas somas no futuro. Muitos dos presentes dos seus filhos são em dinheiro.

Capitalize essas pequenas importâncias através do mealheiro do Montepio Comercial e Industrial.

Temos depósitos à ordem ou a prazo.

Não é difícil nem complicado, consulte-nos e nós gostosamente lhe ensinamos a maneira de tornar realidade a nossa frase.

mealheiro GRÁTIS

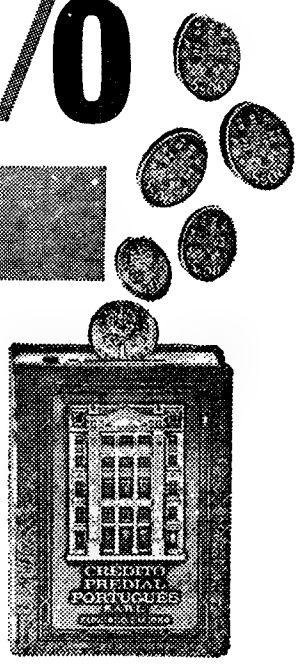
JOMA

MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL
Rua Augusta, 206 - Telef. 32 32 24 - LISBOA

COFRES-MEALHEIROS

JURO 4%

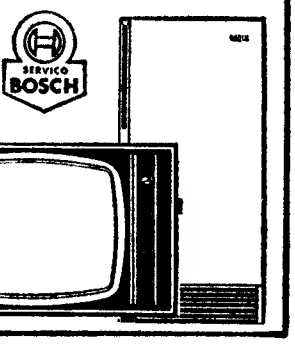
isento de imposto complementar



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

Electrodomésticos BOSCH e PONTO AZUL



JOMA

Venda e Assistência Tecnica

Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel·633061/2·633031

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

A MARCA DE CONFIANÇA

Nüral

ÊMBOLOS • ÊMBOLOS COM CAMISA

EQUIPAMENTO DE ORIGEM DE GRANDE NÚMERO DE FABRICANTES DE VEÍCULOS
ÊMBOLOS ESPECIAIS PARA MOTORES A GASOLINA E PARA MOTORES DIESEL

C. SANTOS S.A.R.L. — Lisboa - Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão

máquina de barbear REMINGTON

BÉLGICA: PROBLEMÁTICA EM EQUAÇÃO

(Continuação da 3.ª página)

cebível — a fronteira linguística passando doravante entre as mitras — foi acompanhado pelo desmembramento patente ou discreto dos partidos tradicionais. Enquanto as divergências de pontos de vista entre flamengos, valões e bruxeleses eram até aqui resolvidas pelo voto, em comissão, através das clássicas moções preto-branco, agora elas fizeram rebentar o P.S.C., e depois o P.S.B., no ponto em que as duas comunidades estão em contacto, isto é, em Bruxelas. Dois sociais cristãos, Vanden Boeynants e Persoons, lá apresentam listas rivais. Num regime que se qualificou de «partitocracia» os próprios fundamentos da vida política estão abalados.

Durante muito tempo a opinião habituara-se a ver, nas exigências flamengas, as reivindicações «de extremistas irresponsáveis», **que felizmente a representação política moderada da Flandres saberia chamar á razão. Católicos, padres valões, estão hoje aterrados:** «Nunca julgámos que torcessem em Lovaina.» **A velha universidade católica adquirira valor de mito: encarnava a unidade da Bélgica á sua maneira. Os belgas, para os quais isso era coisa assente, põem-se de repente questões diversas.**

Há dois anos, Vanden Boeynants decidira instaurar uma «**trégua linguística**» e pôr no frigorífico o problema das relações entre as duas comunidades. Uma aparente tranquilidade de opinião fez mesmo dar a preferência a problemas económicos e sociais sem ver que na verdade a crise da unidade belga se aproximava de uma fase temível. Os trabalhos das comissões especializadas que se sucederam para desinflamar o conflito, os debates académicos da comissão Meyer, não conseguiram fazer avançar a resolução do problema.

A reacção dos valões

Na Valónia, a crise provocou primeiro, em quase todos os meios, incrédula estupefacção.

«**Não os reconhecemos**», dizem aqueles que mantiveram até agora contacto com os flamengos. «**Querem tudo e para já...**» Os «valingantes», em contrapartida, triunfam: «**Nós sempre o dissemos. Flamengos moderados é coisa que não existe. Querem apoderar-se do Estado e estão a aplicar um plano perfeitamente estudado. Compete-nos agora demonstrar-lhes que o tempo das concessões já passou...**»

Em Liège, Mons. Verviers, mesmo em Bruxelas, só se fala em responder ao «desafio flamengo». Na ocasião da crise, está a definir-se uma verdadeira consciência nacional. Circulam petições, assinam-se manifestos. O princípio de um deles dá o tom:

> «**A servidão rebaixa os homens a ponto de os fazer amá-la... Para que se não possa aplicar-lhes esta máxima de Vauvenargues, é necessário que os valões saiam do seu torpor.**»

Antigos e recentes agravos são evocados à mistura: incidem, principalmente, na degradação da situação económica na Valónia, a indiferença do poder central, a insuficiência da infra-estrutura... Lembram-se certas incoerências ás quais conduziu a legislação linguística; o caso dos Fourans, onde uma maioria francófona de alunos (63 %) é tratada como uma «**minoria protegida**»; os entraves postos, em Bruxelas, á «**liberdade do pai de família**»; a «**ultima missa em francês**» celebrada recentemente na igreja de Beauval. Enumeram-se as «**marchas sobre Bruxelas**», as surtidas punitivas dos comandos de Vlaamse Militanten Orde... Um passado cheio de sarrafuscas, de querelas, de agitação... Está a criar-se uma mentalidade de gente sitiada: «**Se Lovaina cair, amanhã será a vez de Bruxelas...**»

A análise da situação, todavia, difere. Enquanto a grande maioria dos valões tem uma ideia sumária das exigências flamengas («**eles querem-nos dominar**»), alguns distinguem a natureza do verdadeiro conflito: uma nova burguesia da Flandres procura arrebatar o Governo do Estado á grande burguesia francófona unitária.

A história de uma discórdia

Dos 9 556 380 habitantes da Bélgica os flamengos representam 55,4 %, os valões 32,6 % e os residentes de Bruxelas, onde se misturam as duas comunidades, 11,4 %. Os cantões de Leste, na região de Eupen e de Malmédy, só constituem 0,6 % da população de língua alemã.

● De 1830 ao fim da primeira guerra mundial, *o chamado problema linguístico de facto não existe; dado que os principais interessados, os flamengos, não estão á altura de o formular. O país é administrado em francês, língua da burguesia em todo o território, e nomeadamente na Flandres, onde os francófonos continuam a ser tratados de* «francelhos».

A liberdade linguística é total e a constituição de 7 de Fevereiro de 1831 diz, no seu artigo 23, que «o emprego das línguas usadas na Bélgica é facultativo. Só pela lei pode ser regulado e sómente para os actos da autoridade publica e para os assuntos judiciais.»

De facto. um belga que não saiba o neerlandês tem tantas possibilidades de promoção como um corso que só falasse, em França, o dialecto toscano da sua ilha.

O afrancesamento verifica-se, mas por muitos motivos — designadamente o cuidado do clero flamengo em proteger os paroquianos contra a «língua de Voltaire», veículo de ideias subversivas e libertinas — o movimento não medra.

● A fase decisiva é transposta a 10 de Abril de 1919, ao instituir-se o sufrágio universal. **Dá uma voz para se fazer ouvir áqueles a quem, aliás, o ensino publico obrigatório, ministrado em neerlandês na Flandres, vai fornecer ideias e palavras. Uma comunidade, já em maioria, torna-se adulta, os melhores espíritos pressentem que se lhe recusarem um lugar, eles o conquistarão á viva força.**

Poder-se-ia recorrer nessa época, ao bilinguismo geral. Incitava a isso a constituição: flamengos e valões, uns por temerem perder a sua originalidade no momento em que os seus deputados e os seus professores a exaltam, outros por não quererem aprender um «falar bárbaro», ambos se recusaram a enveredar por essa via.

Foi então que apareceu a «grande e horripilante verdade» **que desvendava, em 1912 numa** «carta ao rei», **que ficou célebre, o deputado socialista de Charleroi, Jules Destrée:** «Senhor, não há Belgas. Só há flamengos e valões.»

● **Em 1932 uma série de leis codifica a evolução encetada e estabelece o princípio do unilinguismo territorial.**

Já em 1921 o Governo e o ensino haviam sido divididos conforme as línguas. «Purificam-se» em 1932 duas regiões linguísticas, mas as pontes não foram cortadas; as autarquias locais, unilíngues no serviço interior, continuam bilíngues para o público. As crianças do ensino primário e médio devem receber o ensino na língua do lugar (excepto para certas freguesias chamadas «**bilingues**» ou «**de facilidades linguísticas**»).

A situação criada não será sempre rígida. Se na altura de um recenseamento, praticado de dez em dez anos, 50 por cento dos habitantes declararem falar uma língua que não é a do regime existente, o regime será modificado.

O legislador não se apercebe que tal recenseamento — depressa convertido em referendo — será a causa de inumeras dificuldades assim que se verificar que por motivos principalmente sociais (acesso á grande língua de cultura) as freguesias flamengas se «**afrancesam**» muito depressa.

Bruxelas vai tornar-se, neste aspecto, um tumor de fixação da discórdia intercomunitária.

● **Em 1962 e 1963, na linha lógica dos textos precedentemente adoptados, várias leis definiram o estatuto do ensino das línguas** nas escolas, o traçado da «**fronteira linguística**», assim como o regime da aglomeração bruxelesa, da administração e do Estado.

A mobilidade territorial prevista em 1932 foi abandonada e a fronteira é fixada. O traçado suscitará poucas oposições, exceptuando o caso de seis comunas dos Fourons que foram transferidas, embora tornadas francófonas, para a província flamenga de Limburg. A manutenção desta decisão sob a pressão flamenga, em Outubro de 1962, não deixou de envenenar desde então a atmosfera linguística.

O sentido do movimento é sem equívoco: a comunidade maioritária obteve, fase por fase, o reconhecimento da sua personalidade. Esta quis lá chegar pela defesa e a afirmação do seu «**território**», fundamento da sua autonomia cultural.

Com o decorrer dos anos, as minorias foram assimiladas ou reduzidas para permitir uma homogeneidade da Flandres.

Ao mesmo tempo, a administração do Estado, o exército, os negócios, davam lugares cada vez mais importantes aos flamengos. Estes, todavia, proclamaram agora, com ruidoso clamor, que se extraem ainda com demasiada lentidão as consequências dos princípios assentes desde 1921.

Avidez de hegemonia ou luta pela igualdade de direitos?

A SEGUIR: «**O poderio flamengo**»

Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»

EM TRÊS LINHAS

Foi hoje publicada uma portaria do ministro do Interior, que nomeia presidente da Camara Municipal de Sintra o coronel de Artilharia, na situação de reserva, Joaquim Mendonça Duarte Pedro.

///

Foram estabelecidas, por uma portaria, as condições em que é concedido ao Clube de Pesca Desportiva Trutas e Salmões — T. S. o exclusivo da pesca desportiva num troço do rio Mouro e do rio Sucrasto, seu afluente da margem esquerda.

///

Foi publicado hoje um despacho ministerial que determina a prova dos factos condicionantes da concessão ou manutenção das prestações pecuniárias concedidas pelas caixas de previdência possa ser feita mediante documentos passados no estrangeiro, sem necessidade de prévia legalização, desde que não subsistam duvidas acerca da autenticidade de tais documentos.

///

Foi concedida a medalha de prata de serviços distintos á Creche de Albino Dias Fontes Garcia, de S. João da Madeira.

///

Foram publicadas listas dos candidatos aprovados nos concursos para internos do internato complementar de dermatologia e fisioterapia dos Hospitais Civis de Lisboa.

///

O «Diário do Governo» hoje distribuído inclui um apêndice emitido pela Repartição da Propriedade Industrial.

///

Foram aprovadas novas disposições para o trânsito e circulação de veículos, na cidade de Guimarães.

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 50 — LISBOA

CAPITAL SOCIAL 630 000 000$00

DIVIDENDO DA GERÊNCIA DE 1967

Avisam-se os Senhores Accionistas de que a partir do próximo dia 22 do corrente mês de Abril se encontra a pagamento o dividendo em referência, votado na Assembleia Geral Ordinária de 29 de Março de 1968, à razão de 80$00 por acção, cativo de impostos.

As importâncias líquidas a pagar, por acção, são as seguintes:

CUPÃO N.º 24

NOMINATIVAS		AO PORTADOR	
Caixas de Prev. e Ass. Soc. Mut.	Outras	Registadas	Não Registadas
79$31	70$77	71$46	56$35,6

O pagamento efectuar-se-á na Sede da Companhia, todos os dias úteis das 10 às 12 e das 15 às 17 horas, excepto aos sábados, e nas Sedes e Dependências dos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DE ANGOLA
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA-ALIANÇA
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
MONTEPIO GERAL
AUGUSTINE REIS & C.ª

Lisboa, 10 de Abril de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

FRIGORÍFICOS HOOVER

LICEUS — ADMISSÃO INSTITUTOS
NOVOS CURSOS A INICIAR EM ABRIL
Turmas especiais para alunos em atraso

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telef. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS
Rua Conde Redondo, 56, 1.º-Esq.º — Telef. 536380

CURSOS INTENSIVOS AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

DESPORTO

CICLISMO

Prémio de regularidade —um aliciante da temporada

Para a sua atribuição contam as principais provas do calendário

Com o patrocínio do nosso colega «Jornal de Notícias» a Federação Portuguesa de Ciclismo institui o Prémio «Campeão J. N.», que se destina a galardoar os ciclistas profissionais que demonstrem maior regularidade ao longo de cada época, e constituirá, simultaneamente, a nova fórmula de fazer o apuramento dos corredores para o Campeonato Nacional de Fundo de Profissionais.

*

A classificação para o Prémio de Regularidade «Campeão J. N.» far-se-á através de pontuação em várias provas a designar em cada época, segundo uma tabela elaborada para o efeito e de acordo com as suas quilometragens.

Na temporada em curso contam para este «Prémio» e, desde logo, para a qualificação com vista ao Campeonato Nacional, as seguintes competições:

Trofeu Abril em Portugal (6, 7, 20, 21, 27 e 28 do corrente); Grande Prémio Flandria (11 a 13 de Abril); Grande Prémio Robbialac (22 a 26 de Maio; 38.º Porto-Lisboa (10 de Junho); Grande Prémio Philips (28 a 30 de Junho); X Lisboa-Porto (7 de Julho); Grande Prémio Casal (19 a 21 de Julho); IV Grande Prémio do F. C. Porto; III G. P. da A. C. do Sul (2 a 4 de Agosto); e 31.ª Volta a Portugal (10 a 25 de Agosto).

*

Os ciclistas profissionais já conquistaram, portanto, os primeiros pontos para este Prémio de Regularidade, na primeira corrida de estrada do «Troféu Abril em Portugal» disputado no passado domingo.

A pontuação atribuída aos ciclistas, de acordo com a tabela oficial e atendendo a que a prova teve 176 quilómetros, é a seguinte: 1.º, Manuel Correia (Sp.), 0 pontos; 2.º, António Acursio (Bf.), 15; 3.º, Joaquim Leão (Porto), 12; 4.º, Custódio Cristina (Tavira), 10; 5.º, Manuel Ferreira (Sang.), 8; 6.º, Sérgio Páscoa (Sp.), 6; 7.º, José Azevedo (Porto), 4; 8.º, António Pereira (Sang.), 3; 9.º, Augusto Cardoso (Bf.), 2; 10.º, Emiliano Dionísio (Sp.), 1.

Apenas os dez primeiros classificados obtiveram pontuação nesta prova. Só nas corridas entre 501 km e 2000 km a pontuação é extensiva até ao 15.º classificado, sendo nas provas com quilometragem superior (caso da Volta) até ao 20.º

É interessante notar que no «Grande Prémio Flandria» (497 km), que está a decorrer, será atribuída a seguinte pontuação do 1.º ao 10.º da classificação geral: 50, 40, 30, 20, 15, 10, 8, 6, 4 e 2.

*

Segundo o regulamento na classificação de cada uma das etapas da «Volta a Portugal», com exclusão apenas das que se disputam em pista (os circuitos de estrada são, portanto, considerados), serão atribuídos aos três primeiros, 5, 3 e 1 pontos.

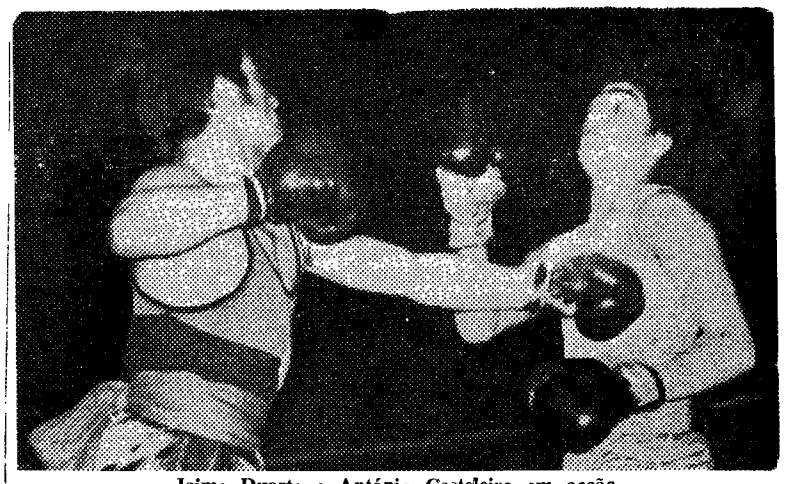
É o único caso em que, para efeitos da pontuação, são consideradas as classificações das etapas.

*

Para o caso de no final se verificar igualdade de pontos entre dois ou mais concorrentes, o regulamento determina que o desempate se fará em duas provas em pista num só dia para esses corredores, sendo uma no sistema de contra-relógio, na distancia de 10 km, e outra de perseguição individual de 4 km. Aquele que no conjunto das duas provas realizar melhor tempo será declarado vencedor.

Os prémios instituídos são os seguintes: 1.º, 20 000$00; 2.º, 10 000$00; 3.º, 5000$00.

GUITA JUNIOR



Jaime Duarte e António Casteleiro em acção

Regresso auspicioso do Ginásio do Sul ao pugilismo

Após seis meses de inactividade reataram-se as competições pugilísticas. Ontem, no recinto do Campo de Ourique, perante numerosa assistência efectuou-se a primeira sessão do «Torneio Iniciação» e dos «Cinturões de Lisboa», sessão que englobava doze combates dos quais só se realizaram dez, em virtude de, na véspera da sessão, o Benfica ter avisado a Federação da impossibilidade de apresentar dois dos seus representantes.

Dada a escassez de tempo, não foi possível organizar outro combate, sofrendo os pugilistas ausentes uma falta de comparência.

Os combates efectuados tiveram os seguintes resultados:

Torneio Iniciação

«Galos» — Vítor Pereira (Benfica) venceu aos pontos Fernando Tavares (Sporting).

«Plumas» — António Repolho (Combatentes) ganhou aos pontos a Américo Lima (Ginásio do Sul) e Vítor Portela (Combatentes) bateu também por pontos José Peres (Rio de Janeiro).

Ligeiros — António Romano (Sporting) marcou pontos por falta de comparência do adversário. José Pinto (Ginásio do Sul) derrotou por abandono ao 1.º assalto, António Sousa (Combatentes).

Meios médios ligeiros — Manuel Cabral (Ginásio do Sul) e Vlademiro Duarte (Combatentes) foram ambos desclassificados por incapacidade técnica e Fernando Penha (Combatentes) ganhou por pontos a José Legrante (Sporting).

Meios médios — Baptista Passos (Ginásio do Sul) venceu por pontos Vítor Clérigo (Benfica) e João Rodrigues (Combatentes) bateu aos pontos José Saraiva (Rio de Janeiro).

Cinturões de Lisboa

Plumas — António Casteleiro (R. de Janeiro) derrotou por «K. O.» ao 2.º assalto Jaime Duarte (Combatentes).

Meios médios — Arlindo Alves (Rio de Janeiro) marcou pontos por falta de comparência do adversário Albano Sousa (Benfica).

Antes do derradeiro combate o Lisboa Clube Rio de Janeiro homenageou o seu treinador Carlos Alberto Fernandes, que orientou a equipa vencedora do Regional de 1967.

As competições prosseguem na próxima 6.ª-feira, ás 21 e 30, também no recinto do Campo de Ourique. — *P. A.*

HOJE, À NOITE

ANDEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. Seniores: Arte e Recreio-Braga; Juniores: F. Holanda-Braga — ambos no Pavilhão dos Desportos, em Guimarães, às 22 e 30 e 21 e 30, respectivamente.

HÓQUEI EM PATINS — 1.º Torneio Internacional da Costa do Sol: desafio complementar, distribuição de prémios e jogo final.

TÉNIS DE MESA — Torneio popular de Seniores, 14.ª jornada, às 21 e 30.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — Campeonato Nacional de Voleibol (distrital de Lisboa): Celcat-B. N. Ultramarino, E. N. Publicidade-B. T. Aliança, F. C. Regina-St. Eléctrica e F. C. Tejo-B. Encarnação, no ginásio da Escola Francisco Arruda, às 19 horas.

A ESPANHA empatou (0-0) com a INGLATERRA

LONDRES, 11—(F. P.)—A Espanha ao empatar, ontem á noite, em White City, com a Grã-Bretanha por 0-0, qualificou-se para o torneio final dos jogos do México.

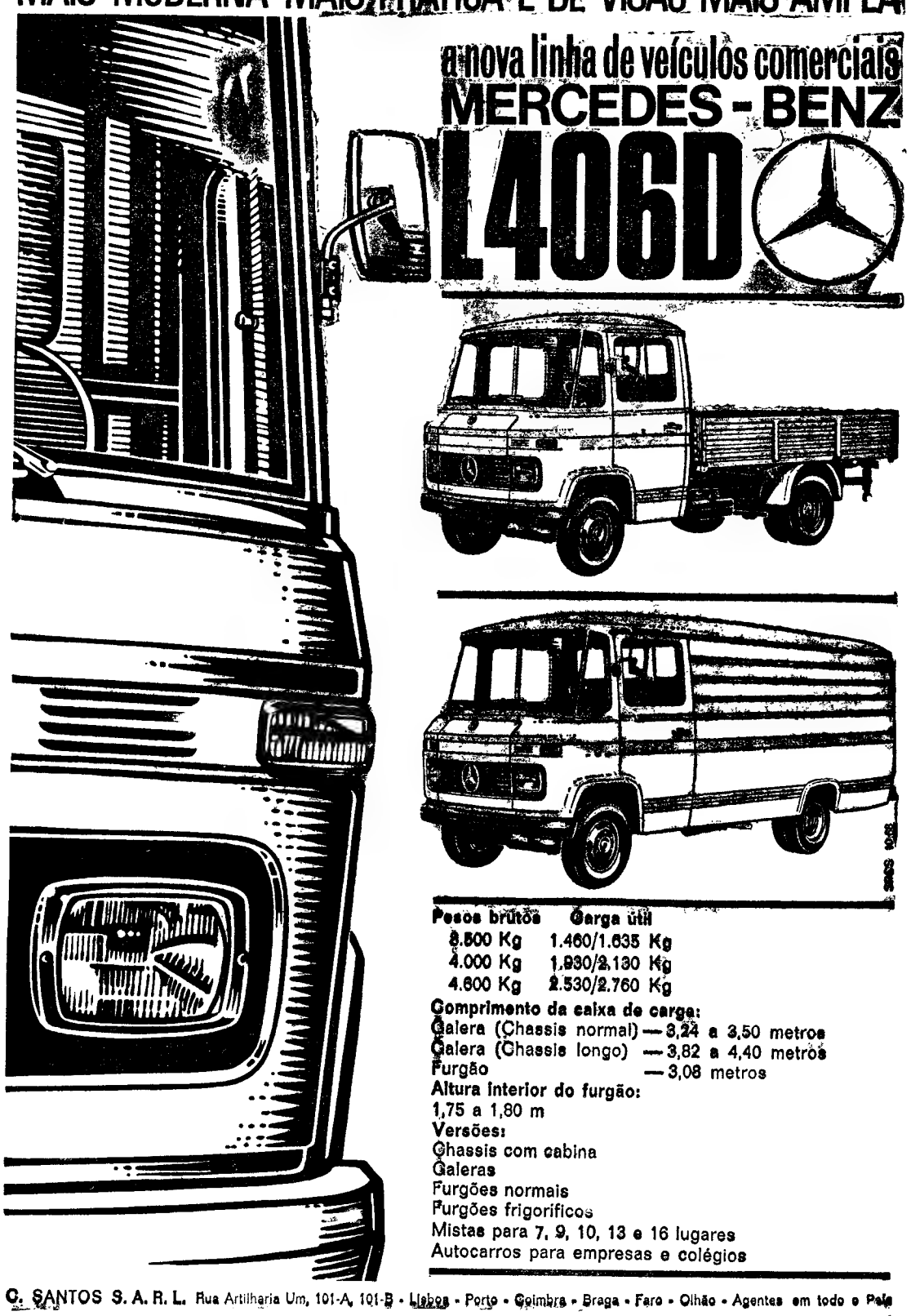
MOTOCICLISMO

Jantar de confraternização

A Federação Portuguesa de Motociclismo leva a efeito hoje um jantar de confraternização entre dirigentes e filiados, com o intuito de uma maior aproximação e, ao mesmo tempo, serem focados alguns aspectos fundamentais para a difusão da modalidade.

MAIS MODERNA MAIS PRÁTICA E DE VISÃO MAIS AMPLA

a nova linha de veículos comerciais MERCEDES-BENZ L406D



Pesos brutos	Carga útil
3.500 Kg	1.460/1.635 Kg
4.000 Kg	1.930/2.130 Kg
4.600 Kg	2.530/2.760 Kg

Comprimento da caixa de carga:
Galera (Chassis normal) — 3,24 a 3,50 metros
Galera (Chassis longo) — 3,82 a 4,40 metros
Furgão — 3,08 metros
Altura interior do furgão:
1,75 a 1,80 m
Versões:
Chassis com cabina
Galeras
Furgões normais
Furgões frigoríficos
Mistas para 7, 9, 10, 13 e 16 lugares
Autocarros para empresas e colégios

C. SANTOS S. A. R. L. Rua Artilharia Um, 101-A, 101-B • Lisboa • Porto • Coimbra • Braga • Faro • Olhão • Agentes em todo o País

AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE POR MOTIVO DAS FESTAS DA PÁSCOA

Comunica-nos a CP que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-á nos dias 10 e 11 de Abril uma automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13.40; chegada a Faro, ás 18.55; a Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19.55; a Portimão ás 19.06 e a Lagos ás 19.32. O regresso efectuar-se-á no dia 11, com partida de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19.35; de Faro ás 20-31; de Lagos ás 19.48 e de Portimão ás 20.13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) á 1.30.

DESPORTO

LOGO À NOITE CONTRA A SUÍÇA

O empate é suficiente para PORTUGAL vencer a série

Prosseguem as deambulações da equipa nacional de juniores de futebol por terras gaulesas. Amanhã, nova viagem do grupo lusitano, desta vez até Martignes, onde terá de defrontar a Suíça num encontro que, a ser-nos favorável, colocará a representação portuguesa na posição de vencedora da série e consequentemente nas meias-finais do Torneio Internacional de Juniores.

Inegávelmente que o «onze» nacional reune o favoritismo. A turma lusa revelou já uma superior capacidade e poder, em relação ao antagonista, que lógicamente é de prever o triunfo dos jovens portugueses.

Lógicamente!... Todavia o futebol por vezes tem «caprichos» desfazendo num ápice, aspirações legítimas, destruindo posições alcançadas por mérito próprio — conquistadas á custa de muita aplicação e sacrifício.

Porém, a valia dos nossos representantes permite-nos encarar com optimismo o jogo desta noite. Os próprios responsáveis helvéticos já publicamente confessaram as escassas possibilidades da sua equipa no confronto com os portugueses. Também o dr. David Sequerra certamente terá recordado aos seus rapazes de que «não há jogos fáceis», de que a equipa necessita utilizar a mesma abnegação e espírito de luta, para que possam prevalecer os atributos técnicos de que dispõe. E se assim for, como esperamos, a jovem formação portuguesa terá dado um grande «passo em frente» para uma vitória em que alguns «descrentes» começam a acreditar!...

O encontro inicia-se ás 20 e 30 horas, devendo as equipas apresentar as seguintes constituições:

SUÍÇA — René Marti; Hansruedi Rahmen, Erwin Wenger, René Boillat e Markus Ruch; André Meyer e Jean-Yves Valentini; Max Feuz, Hans Durr, Erich Lehner e Kurt Schulthess.

PORTUGAL — Gaspar; Barros, Bastos, Humberto e Araujo; Julio e Chico (Leixões); Armando, Mário Ventura, Chico (F. C. P.) e Abreu.

Dirigirá a partida o árbitro francês Kitabdjean.

Como já ontem «Diário de Lisboa» noticiou, partiu esta manhã para Montreux, a equipa nacional de hóquei em patins, acompanhada dos dirigentes Alberto Flores e Mendonça Ferreira e do médico, dr. Maia Ferreira. Na foto, os jogadores, momentos antes da partida, denunciam um ar prazenteiro e optimista, embora só tivessem seguido nove dos seleccionados. José Salema não pôde seguir viagem devido ás suas obrigações militares

O TORNEIO IBÉRICO DE JUNIORES

(organização do Boavista)

começa hoje no Porto

Começa hoje a disputar-se no Porto, o I Torneio Ibérico de Juniores de Futebol, uma interessante competição que o Boavista promoveu e que está a despertar o maior entusiasmo no Norte do País.

Foi autorizada a abertura das fronteiras de Valença, Verin e Vilar Formoso, no sentido de facilitar a deslocação do público espanhol, dado que em Espanha reina enorme entusiasmo, e o próprio Boavista se encarregou de divulgar o mais possível o Torneio Ibérico no país vizinho.

Há muitos e valiosos troféus em disputa, sendo oferecido pela Associação de Futebol do Porto o troféu para o vencedor. A Câmara Municipal do Porto também concedeu uma verba para ser instituído um valioso troféu.

Pela Espanha estarão presentes as equipas do Atlético de Bilbao, o campeão nacional da categoria, e do Atlético de Madrid, considerada a melhor equipa de momento, pois é a base da actual selecção nacional de Espanha. Estará presente o nosso campeão nacional, o F. C. Porto.

A Televisão Espanhola manifestou interesse em transmitir directamente a final, caso na mesma participe alguma equipa espanhola.

É o seguinte o calendário do Torneio:

GRUPO I — *Hoje* — Boavista-Atlético de Madrid, ás 20 e 45. F. C. Porto-Desportivo da Corunha, ás 22 e 15.

Sábado — Boavista-Desportivo da Corunha, ás 16 e 30. F. C. Porto-Atlético de Madrid, ás 18 horas.

GRUPO II — *Amanhã* — Leixões-Atlético de Bilbao, ás 16. Salgueiros-Celta de Vigo, ás 17 e 30.

Domingo — Leixões-Celta de Vigo, ás 20 e 45. Salgueiros-Atlético de Bilbao, ás 22 e 15.

A final entre os vencedores dos grupos disputa-se na segunda-feira, ás 22 e 45, e será antecedida do jogo para apuramento dos 3.º e 4.º classificados que se inicia ás 20 e 45 horas.

Vitória dos andebolistas do Benfica sobre os alemães do Neunkirchen

O Benfica logrou ontem triunfar sobre a excelente equipa do Neunkirchen após um jogo emocionante, com constantes alternativas do marcador e com uma parte final pouco agradável por parte da equipa visitante, por discordancia com a arbitragem e por, decerto, não contarem ser derrotados.

Os alemães chegaram com facilidade a 3-0 e 4-1, mas os benfiquistas igualaram e passaram a seguir a vencedores por 9-6, fixando-se o marcador ao intervalo em 12-12.

Foi depois a vez de os visitantes voltarem a impor-se, 17-15 e novamente o Benfica recuperar, 20-18. Na parte final, por quatro vezes as equipas estiveram igualadas, acabando os «encarnados» por vencer pela diferença mínima, se bem que a igualdade reflectisse melhor a marcha da contenda.

Bastante boa a exibição da equipa lisboeta com realce para Valdemar, com muito boas defesas, Plácido (9), Pintado (6), Borges (6) e Figueiredo (5), os artífices da vitória, não só pelos golos que marcaram, como pela forma brilhante da sua actuação. Na equipa visitante, o guarda-redes, Schetz (8), Schaufert (5) e Denig (2), destacaram-se, indicando-se entre parêntesis os golos que obtiveram.

Um facto, porém, há a lamentar: o de não ter comparecido um árbitro oficial, por não ter sido solicitado á Comissão Central no prazo estipulado por aquele organismo. Assim o encontro foi dirigido pelo jogador do Passos Manuel, Rui Coelho, um jovem que poderá ter tido alguns erros, mas que teve uma missão muito espinhosa, porquanto os alemães, tal como na véspera, discordaram da interpretação dada á lei da grande penalidade. E sentiram-se lesados, mormente nos períodos em que se encontravam a perder e, com mais veemência no final do jogo, mas olvidando que muitos dos seus golos foram obtidos em falta!

No final do jogo, o treinador da equipa do Sarre exigia a licença ao árbitro e, como lhe tivessem explicado que se tratava de um jogador, declarou que iria participar o facto, que considerava inacreditável, á Federação Internacional. De qualquer modo transpareceu claramente que a derrota muito contraiou os dirigentes visitantes.

Os jogos dos campeonatos nacionais

Prosseguiram ontem á noite os campeonatos nacionais da II Divisão, com os resultados seguintes:

Seniores — Vigorosa-C. D. U. P., 10-12; Comércio e Industria-Naval, 15 17; Belenenses-Campo de Ourique, 23-22.

Juniores — Académico-Padroense, 7-9; Palmelense-Naval, 19 11 e Boa Hora-Sporting, 20-12.

O protesto do jogo Belenenses-Almada, da I volta, do «Nacional» de seniores, que os «azuis» tinham vencido por 26-19 e que fora apresentado pelos almadenses foi julgado improcedente pelo Conselho Técnico federativo.

Homenagem à selecção nacional de «esperanças»

Por iniciativa do antigo dirigente José António Arsénio, a selecção nacional de «esperanças» que actuou na ultima Taça Latina e o seleccionador Matos Moura, serão amanhã homenageados com um almoço.

Partiram hoje para Londres três esgrimistas portugueses

Campeonato Mundial de Jovens

A fim de participarem no Campeonato Mundial de Jovens, de menos de 20 anos, importante competição do calendário da Federação Internacional de Esgrima, que todos os anos se realiza nas férias da Páscoa, partiram esta manhã, para Londres, os esgrimistas Henrique Marçal (do Grémio Literário), João Laranjeira Abreu (do Clube Shell) e José Duro da Costa (da Mocidade Portuguesa), acompanhados pelo sr. eng.º Domingos Romão, vogal da direcção da Federação Portuguesa de Esgrima, por esta designado para chefiar a nossa representação. A Henrique Marçal e Laranjeira Abreu caberá a participação nas provas de espada e a Duro da Costa nas de florete.

Adiamento de provas

A Federação Portuguesa de Esgrima, atendendo ao desejo manifestado pelas principais salas de armas interessadas, resolveu adiar, para datas a indicar oportunamente, a realização da prova de espada taça «Dr. Rui Mayer», que estava marcada para depois de amanhã, e a do torneio de juniores de sobre, previsto para quarta-feira, dia 17 do corrente.

Valorização da arbitragem

ANÍBAL DE OLIVEIRA PROFERIU CURIOSA PALESTRA

Integrada num ciclo que vem, louvávelmente, sido organizado pela direcção da Comissão Distrital de Árbitros de Lisboa, realizou-se, ontem, na A. F. L., uma palestra de que se encarregou o consagrado internacional Aníbal de Oliveira.

O tema escolhido — «Relações do árbitro, em campo, com jogadores e dirigentes» — interessou vivamente a numerosa assistência e a «realidade» de alguns conceitos provocou enorme expectativa.

No pormenor das relações com os dirigentes focou, como ponto básico dos vários casos ocorridos, a «crise de dirigentes que afecta o futebol» enumerando o fanatismo clubístico, a medíocre formação desportiva e o desconhecimento das leis como «pontos fulcrais» da discordancia com as decisões do árbitro.

Sobre a preparação educacional dos jogadores, salientou, a falta do indispensável sentido pedagógico dos dirigentes.

No tocante ás relações árbitro-jogadores abordou a inadaptação dos atletas ao regime de profissionalismo oficializado, dizendo: «os jogadores não estão preparados para desempenhar toda a latitude das suas obrigações». E mais adiante: «não basta driblar, fintar, simular ou rematar. Há muitas mais condições — e essenciais — para que um jogador de futebol mereça a «carteira profissional». Ainda, debruçando-se sobre «manhas», «matreirices» e «truques», chamou a atenção dos árbitros para se «familiarizarem» com os habituais utilizadores de tal sistema.

Prosseguindo a sua brilhante palestra, adiantou: «quando houver «fair-play» no futebol, creiam que será bastante fácil ser árbitro».

Relativamente á Imprensa, terminou pedindo «escreva-se matéria construtiva. Venham a lume secções esclarecedoras. Difundam-se as leis» para «aceitarmos reprimendas e nos rendermos aos seus conceitos».

ALVES HENRIQUES

DJALMA (F. C. PORTO) E JACINTO JOÃO (V. SETÚBAL) TRÊS DOMINGOS DE «DESCANSO»

O Conselho de Disciplina da F. P. de Futebol, na sua ultima reunião, puniu os futebolistas Djalma Nascimento de Freitas, do F. C. Porto e Jacinto João, do Vitória de Setubal, com três jogos de suspensão.

Da segunda divisão foram castigados: Vítor M. Marques, do Sintrense, com seis jogos de suspensão e Manuel Anjos da Piedade, do Sesimbra com 2 jogos.

Produções Lança Moreira no Torneio Internacional de Montreux de sexta-feira a domingo

Produções Lança Moreira continuando a cumprir o seu lema de acompanharem sempre os interesses do desporto e do público, voltam a estar presentes num acontecimento de grande vulto, realizando a cobertura radiofónica, directa e total, do torneio internacional de hóquei em patins que se efectua em Montreux, na Suíça, de sexta-feira a domingo.

Sabendo-se o entusiasmo que sempre despertam as actuações da equipa nacional de hóquei em patins, fàcilmente se compreende a oportunidade de P. L. M., sem dúvida uma organização que ocupa um lugar de merecido relevo na Rádio desportiva do nosso País.

As reportagens e relatos de P. L. M., a cargo de Mário Cília e Amadeu José de Freitas — dois nomes que são uma firme garantia de um excelente trabalho — realizam-se, *em cadeia*, através dos Emissores Associados de Lisboa e Emissores do Norte Reunidos e, ainda, por intermédio de uma vasta rede de emissores de Angola, o que permitirá uma perfeita cobertura de todo o Continente e daquela Província.

O horário das transmissões é o seguinte:

Sexta-feira: às 13 e 55, Portugal-Holanda; às 21 e 10, Portugal-Alemanha.

Sábado: às 21 horas, Portugal-Itália

Domingo: às 15 e 55, Portugal-Suíça e, às 21 e 55, Portugal-Espanha.

Este trabalho de P. L. M. incluirá relatos completos dos jogos acima indicados, comentários, notas de reportagem, entrevistas, etc., numa transmissão viva e dinâmica, servida por dois excelentes profissionais e, como se disse, oferecendo amplas possibilidades de audição, tanto no Continente como em Angola.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica de sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 36: 26.º episódio do folhetim «A Tunica»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: O conjunto de George Shearing; 21 e 40: Festival 68; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Goes; 22 e 50: Conjuntos ligeiros; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kcs/s — kc/s — Às 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Os Diálogos das Carmelitas» (Poulenc); 18: Pontifical, transmitido da Sé Patriarcal; 20: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Concurso Internacional de Agrupamentos Corais «Let The Peoples Sing 1968»; 21: Concerto pela Academia de Instumentistas de Camara, sob a dir. do maestro Silva Pereira — Concerto para org. de Camara (Lully); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 47: Sonata n.º 32 em dó menor op. 111 (Beethoven) — pianista Daniel Barenboi; 22 e 17: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 22 e 47: O poema sinfónico «Finlândia» (Sibelius) — Org. Sinf. «Proms», de Londres, dir. por Charles Mackerras; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural em FM) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Festival de Hainaut de 1967 — com gravações cedidas pela Radiodifusão Televisão Belga; 0 e 40: Adagio (Albinoni) — Marcelle Leroy (violino), Pierre Berthier (órgão); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21 e 08: Uma voz...; 21 e 15: O que se escreve, o que se lê; 21 e 20: Um ídolo da canção; 21 e 30: Hot Club; 22 e 02: Musicalmente quase tudo; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gó-Gó; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 25: Rubrica Knorr; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 03: Rádio Placard; 20 e 30: Variedades; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 08: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 17 e 45: Reabertura e leitura do programa; 18: Transmissão da Sé Patriarcal de Lisboa da Missa da Ceia do Senhor, da cerimónia do Lava-Pés e do Sermão; 19 e 45: Terço da basílica dos Mártires; 20 e 15: Noticiário, Boletim religioso e interrupção da emissão; 22 e 50: Reabertura e transmissão da basílica dos Mártires da Hora Santa; no final: Leitura do programa de amanhã e fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 169 kc/s — Às 17 e 15: Reabertura, leitura do programa e musica seleccionada; 17 e 30: Missa da Ceia do Senhor, transmitida da Sé Catedral do Porto; 19 e 30: Musica seleccionada; 19 e 45: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 22 e 40: Reabertura, leitura do programa e musica seleccionada; 22 e 50: Transmissão da basílica dos Mártires, da Hora Santa; no final: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s: **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

AMANHÃ — Às 21: Telejornal; 21 e 10: Eurovisão — Transmissão directa de Roma da Procissão do «Via Sacra» que percorrerá as ruas da capital italiana até ao Coliseu. A procisão será presidida pelo Papa Paulo VI; 22 e 45: Fecho.

Agora também nas AVENIDAS NOVAS!...

...Mais um estabelecimento A POMPADOUR, na Av. 5 de Outubro, 51-A (próximo ao Saldanha). A garantia de 50 anos de experiência ao serviço da elegância feminina.

estabelecimentos A POMPADOUR

R. Garrett, 28 · R. Augusta, 140 · Av. 5 de Outubro, 51-A LISBOA R. das Carmelitas, 70 PORTO

Serviços Urgentes

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gascidla, 538821 ✻ Gazcidla (dom e feriados), 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✻ Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Pública, 366141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G. N. R. (área rural), 36865.
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santo Maria, 775171 ✻ Hospital de S José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✻ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (Informativo) 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✻ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✻ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✻ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ✻ Estação Mar. de Alcântara, 663195 Estação Marítima da Rocha, 672445 ✻ Estação Fluvial (Belém) 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno D

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç da Ajuda, 222 (638256) ✻ **Tapada, Lda.**, Calç da Tapada, 83-A (634721)
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av Almirante Reis, 99-A (41269) ✻ **Romano Baptista**, R Passos Manuel, 6-10 (50593) ✻ **Magalhães**, Av Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av Mousinho de Albuquerque, 1-A (á Praça Paiva Couceiro) (84357)
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-B-C (71681) ✻ **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 40-B (junto a Entrecampos) (760658)
AMOREIRAS — Amoreiras, Pr das Aguas Livres, 8-D (681515).
AREEIRO — Marbel, Av de Roma, 131-A (776235) ✻ **Lusitana**, Av de Roma, 18-A (725443) ✻ **Chinde**, R Agostinho Lourenço, 6-B (710331)
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av da República, 55-A (772132) ✻ **Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego) (770324) ✻ **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✻ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-A (48966-553601).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, P Casas Novas, lote 56 (310172).
BAIXA — Simões Pires, R do Prata 15 (362350)
BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica, 444-A (782606) ✻ **Alegria**, Est de Benfica, 180-A-B (780511) ✻ **Progresso**, Est A-da-Maia, 64-C (702226) ✻ **Macedo**, Est do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).
CAMÕES — Andrade, R do Alecrim, 25 (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — Linalda, Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ✻ **Findet**, R D Maria Pia, 514 (687949)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria 1-18 (553308)
CAMPOLIDE — Ronil, R Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✻ **Zénel**, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840) ✻ **Nova**, R de Campolide, 297-C (687475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R da Margem, 5-B (ao Bairro do Grilo) (382470) ✻ **Zema** R General Justiniano Padrel, 21 (á Calçada dos Barbadinhos), (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D Estefânia, 4-5 (54808).
ESTRELA E LAPA — Alb, R de Santana á Lapa, 156 (663562)
GRAÇA — Almeida Dias, L da Graça, 38-A-39 (862909) ✻ **Higiénica**, R Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patuleia, R do Lumiar, 122-124 (790332) ✻ **Douro**, A Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
MADRAGOA — Moderna, R Garcia de Orta, 24 (663117)
MOURARIA — Ferrão, R do Mouraria, 2 (860464)
OLIVAIS — Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-rua B, 4), lote 43 (Olivais Sul) (310026)
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R de Pedrouços, 50-52 (610280)
PICHELEIRA — Marluz, Calç da Pichelleira, 140-B-C (720703-728395)
S. PAULO — Marcos do Nascimento, Calç. Marquês de Abrantes, 36-A (664238).
SANTO AMARO — Botânica, R do Junqueiro, 38-40 (638132)
SANTA MARTA — Morais Sarmento, R. de Santa Marta, 15-A-B (46490)
SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — Imério, R de Olivença, 48-A (2511234)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, lote 9 (Tel 934589); **Campos** — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel** — R António Sardinha, lote 5-loja B (Tel 938551); **S. Jorge** — R. Pedro De' Negro, loja 5 (Reboleira) (Tel. 938703)
DAMAIA — Confiança — Est Militar, lote D (Tel. 971023)
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950123)
CACEM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel. 291002).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L Rainha D Amélia, 20 (Tel 980155)
COLARES — Colares — Abreio (Tel. 299088).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Nifo — Av Comb G Guerra, 64 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Brandão — Av da República, 77-C (Tel. 2471054)
ESTORIL — Ostende — R. de Esposinho, 1 — Monte Estoril (Tel 260391); **S. João** — Est. Nacional, 18 (Tel. 261186).
CASCAIS — Marginal — Av Marginal — (Tel 280078); **A. Costa** — R Freitas Reis, 24-C (Tel 280214).

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).
ALMADA — Castro Rodrigues — R Capitão Leitão, 121 (Tel. 270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 (Tel 224302).
BARREIRO — Normal — Av Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2273035)
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança (Tel. 2743356).
MOITA — Silva Rocha — P da República, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Giraldes — R Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETÚBAL — Higiene — R. Fre Agostinho da Cruz (Tel. 22408); **Portugal** — R. Camilo Castelo Branco (Tel 23211).
SEIXAL — Godinho — L do Igreja, 51 (Tel 2218580)

A REUNIÃO ANUAL DAS ORGANIZAÇÕES QUEIMADO

A família Queimado, de que é chefe o sr. José Ferreira Queimado, antigo e prestigioso presidente da direcção do Sport Lisboa e Benfica, seguindo o seu hábito de promover anualmente uma festa de confraternização de todas as pessoas que trabalham, em empresas por ele fomentadas ou dirigidas, escolheu este ano a sua Herdade da Defesa de Cima e do Morgado da Torre, na Serra dos Coelheiros, distrito de Évora, para a concentração geral, para as provas complementares de um «rallye» em que tomaram parte 44 carros saídos de Lisboa, e um almoço que reuniu 500 convivas.

PERDEU-SE

Roda completa 900×20 «Firestone» entre o cais de Alcântara e Vila Nova da Rainha. Gratifica-se quem encontrou. Resposta a Júlio Coelho. Telefone 35. Merceana.

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

CARTAZ DOS CINEMAS

POLITEAMA — Tel 32 63 05
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30
EM ESTREIA
A mais divertida comédia sobre o Far West
UM SENSACIONAL «COCKTAIL» DE GARGALHADA E ACÇÃO EXPLOSIVA
7 MULHERES PARA OS MAC GREGOR
com David Bailey e Agatha Flory
Scope-Color. (Maiores 12 anos)
Hoje, às 18.30: SESSÃO CLÁSSICA (Maiores 17 anos)

MUNDIAL — Tel 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Uma comédia espectacular inspirada em Julio Verne
DA TERRA A LUA
PANAVISION — Colorido com o maior cartaz do ano, entre outros: Burl Ives, Terry Donahue, Daliah Lavi, Terry Tomas, Lionel Jeffries, Dennis Price, etc.

RESTELO — Tel. 61 03 75
Às 21.30 (Adultos — Maiores de 17 anos)
A emocionante e espectacular superprodução
Em Cinemascope e Technicolor
DEMÉTRIO, O GLADIADOR
(Demetrius and the Gladiators)
c/ Victor Mature e Susan Hayward

SÃO JORGE — Tel. 54153-54154
As 15.15, 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Para o novo êxito de Claud Lelouch
VIVER PARA VIVER
com Yves Montand, Annie Girardot e Candice Bergen
(Adultos)
Integrado na solenidade no dia, este cinema exibe na próxima Sexta-Feira Santa, ás 15.15 e 21.30, o notável filme
A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS
com (M. 12 anos)
Max von Sydow, Dorothy McGuire, Charlton Heston, Sidney Poitier, José Ferrer, Claude Rains, Telly Savalas, Salmineo, Martin Landau, Van Heflin, Michel Anderson, Peter Mann, David McCallum e Tom Reese

IMPÉRIO — Tel. 55 51 34
As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O FILME ESPECTÁCULO DE 1968
ESTE É O MEU MUNDO
TOMMY STEELE — JULIA FOSTER
e tudo o que o filme pode ser!
TECHNICOLOR — 70 mm

estúdio — Tel. 55 51 84
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
5.ª SEMANA
Um filme de gozo inesperado realizado e interpretado por ROMAN POLANSKY
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
e ainda com Sharon Tate

ROMA — Balcão 72 91 92 — Plateia 72 77 78
Às 15.30 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA DE ENCHENTES!
A maior história de amor jamais filmada, com Julie Christie, Peter Finch, Alan Bates e Terence Stamp!
Um filme excepcional!
LONGE DA MULTIDÃO
Tela de 70 mm — Metrocolor

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
As 15, 18.15 e 21.30 (12 anos)
Julie Christie — Terence Stamp — Peter Finch — Alan Bates
na maior história de amor jamais filmada
LONGE DA MULTIDÃO
Na deslumbrante projecção de 70 mm. desta sala

TERRASSE — Tel 32 09 17
As 15 e 21 h. (M. 17 anos)
UMA RÉSTIA DE AZUL
CORAÇÕES NA PENUMBRA

IMPERIAL — Tel. 4 59 33
As 15 e 21 horas (M. 12 anos)
A TÚNICA
DANÇAS DO PRÍNCIPE IGOR

CINEMA IDEAL — Telef. 32 41 94
As 21 horas (M. 12 anos)
ORQUÍDEA NEGRA
ROMANCE NO LUNA PARQUE

TIVOLI — Tel. 5 05 95 (M 17 anos)
Às 3 e 6.15 da tarde (p r) e 9.30 da noite
2 SEMANA
Um misterioso filme de espionagem em que o amor e a audácia se combinam maravilhosamente!
AS DUAS FACES DO PERIGO
com Robert Lansing e Dana Wynter

MONUMENTAL — Tel 55 51 31
As 15.15 e 21.30 (M 12 anos)
4 SEMANA
no «écran» gigante
PLAY TIME
(VIDA MODERNA)
A obra-prima de Jacques Tati
EASTMANCOLOR

EDEN — Tel. 32 07 68
As 15.15 e 21.15 (M. 12 anos)
Technicolor
O MAIOR FILME DE TODOS OS TEMPOS DE CECIL B DE MILLE
OS DEZ MANDAMENTOS
com CHARLTON HESTON, YUL BRYNNER e ANNE BAXTER
Projectado em novo écran panorâmico
Devido á grande metragem do filme, apenas se efectuará uma «matinée» ás 15.15 e a sessão da noite começa ás 21.15

SÃO LUIZ — Tel. 32 71 72 (Adultos)
As 15.15, 18.15 e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
Um filme de Nadine Trintignant
Scope — Colorido — 2.ª semana
Uma mulher de hoje perante um homem de sempre
MEU AMOR, MEU AMOR
Jean Louis Trintignant — Valerie Lagrange

estúdio 444 — Tel. 77 90 95
As 15.30 18.30 e 21.45
(Adultos)
4.ª SEMANA
DE SENSAÇÃO!
Toda a emoção e a ternura da luta empolgante travada entre o amor e a morte!
A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Crymet Molvig e Lars Passgard

AVIS
As 15.30 e 21.30 (Adultos)
5.ª SEMANA DE ÊXITO!
O mais aplaudido dos filmes portugueses!
A CRUZ DE FERRO
com Jorge Brum do Canto, Cremilde Gil, Octávio de Matos, Maria Domingas, António Machado, Ângela Ribeiro e Emílio Correia

ODEON — Tel. 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
Tardes e Noites
Maiores 6 ANOS
EM 2.ª SEMANA SENSACIONAL
LOTAÇÕES ESGOTADAS COM A SUBLIME COMÉDIA MUSICAL
A IRMÃ YÉ-YE
com Hilda Aguirre
Uma história de supremo encanto!
— (Eastmancolor) —

ALVALADE — Tel. 76 30 80 (Adultos)
Às 15.45 e 21.45
Um filme de Nadine Trintignant
2.ª SEMANA
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
Scope — Eastmancolor
MEU AMOR, MEU AMOR
Jean Louis Trintignant — Valerie Lagrange

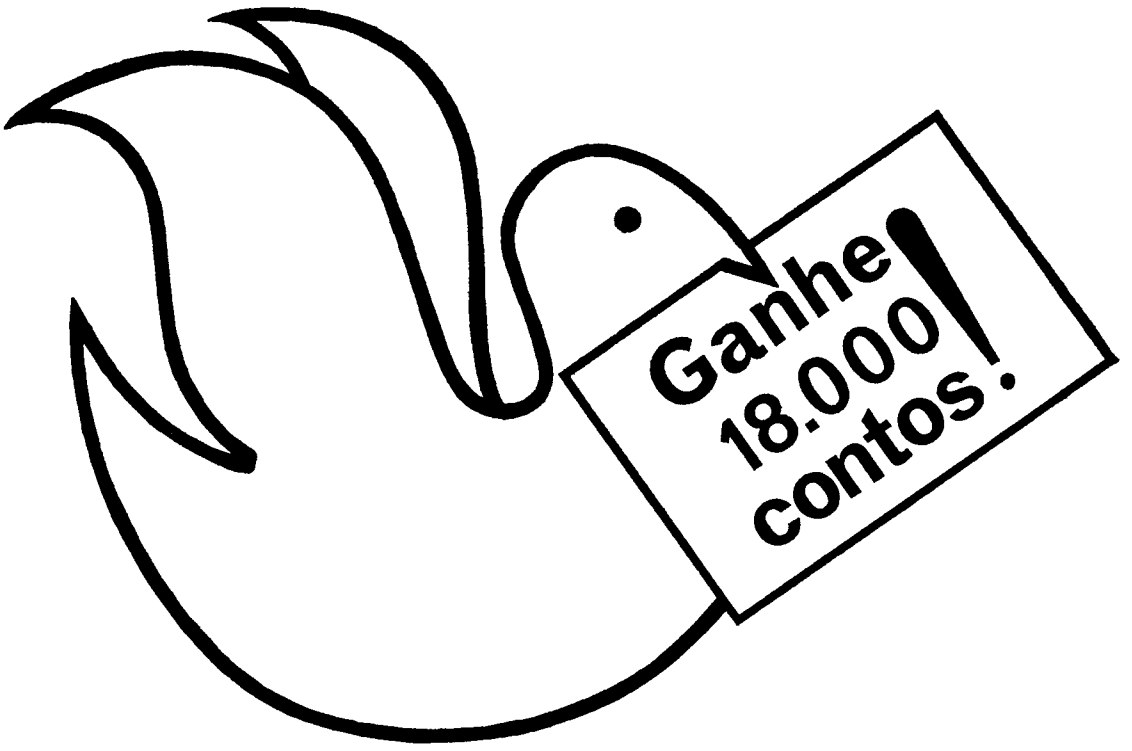
CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
Às 21.30 (M. 12 anos)
AQUELA ENDIABRADA FREIRINHA
(The little nuns ou Le monichi)
com Catherine Spaak, Sylva Koscina, Amedeo Nazzari e Sandro Bruno

EUROPA — Tel. 66 10 16
Às 15.15 e ás 21.30 (M. 12 anos)
Espectáculo de emoção e grandiosidade!
A RAINHA VIKING
com Don Murray — Colorido

CINE-TEATRO LIDO — Tel. 93 75 93 AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
Um filme de raro nível artístico e espectacular!
Em magnífica projecção de 70 mm
A AGONIA E O ÊXTASE
c/ Charlton Heston e Rex Harrison

TIZ — Tel. 4 85 60
Às 14.45 e 21 h. (Adultos)
AS FEITICEIRAS
A MULHER FELINA

SÁBADO ANDA A RODA



• • OUTROS ESPECTÁCULOS • •

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «As três perfeitas casadas» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 19: «Os dias felizes» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Agarra que é milionário» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Deliciosamente louca» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Comissário de Polícia» (12 anos).
ABC — Às 20 e 45 e ás 23: «Arroz de Miudas» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Pois, Pois...» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «IV Encontro Europeu de Universitários».
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Companhia argentina de revistas» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Pancios Pilatos» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Tarzan, e o grande rio» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «A Túnica» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Amor de Perdição» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «As 5 espadas de Jerusalém» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Saul e David» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A Túnica» (12 anos).
UNIVERSITÁRIO — Às 21: «Agente secreto» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «O diálogo das Carmelitas» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «A espada do conquistador» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «A vida de Cristo» (12 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 15: «Senhora de Fátima» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Os olhos da noite» (17 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 30: «Louca Juventude» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O assalto ao comboio correio» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O rapaz do circo» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «Aquela endiabrada freirinha» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Quo Vadis» (12 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O direito de nascer» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A Bíblia» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «2 raparigas na cortina de ferro» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A linha de demarcação» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 30: «O último desafio» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Os maus também amam» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «Roubaram o meu coração» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Diabruras de Jane» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Solitário da Nevada» (12 anos).

bom apetite

Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) Tel 685908
Parque para automóveis

RESTAURANTE XANGAI
DELICIOSAS ESPECIALIDADES DE AUTÊNTICA COZINHA CHINESA
AV. DUQUE DE LOULÉ, 20-B
Frente à Embaixada Americana
Telefone 5 73 78

RESTAURANTE SANCHO
Trav da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

ILHOTA
RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef 49063 (Junto à Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
BACALHAU À ILHOTA

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144 — Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)

Aspecto de uma das salas
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis

COZINHA ALENTEJANA
RESTAURANTE
Av. do Aeroporto, 162 — Tel. 72 70 71
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO E BANQUETES
Aos almoços e jantares
PERDIZ À MODA DE BEJA
e PÉS DE PORCO DE COENTRADA À MODA DE ÉVORA
Classificado de utilidade turística — Aquecimento

BASTA UM PALPITE!

NOME .....

MORADA .....

TELEF. ..... LOCAL .....

1

O 1.º golo do jogo Benfica-Juventus será marcado no minuto ... .

O 1.º golo do jogo Juventus-Benfica será marcado no minuto ... .

Recorte pelo tracejado

ATENÇÃO: Preencha os cupões (numerados de 1 a 10) com letra bem legível. O leitor deverá indicar o nome completo e a morada em todos os cupões, bem como o palpite do minuto em que será marcado o primeiro golo dos jogos Benfica-Juventus e Juventus-Benfica. No final da publicação, deverá juntar os 10 cupões e enviá-los pelo Correio para DIÁRIO DE LISBOA (Concurso), Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa 2.

FLORES (E OVOS...)

PARA O ANIVERSÁRIO DE HELENA FÉLIX

Helena Félix fez ontem anos. Comemorando a data, os colegas e alguns amigos da actriz prestaram-lhe, no final da representação de «A nossa cidade», no Vasco Santana, uma significativa homenagem. Luzia Maria Martins, a directora e encenadora da companhia, Vasco Lima Couto, Adelaide João, Mário Sargedas, Joaquim Rosa e todos os outros actores da companhia entoaram em coro, junto do camarim de Helena Félix, o tradicional «Parabéns a você», que a actriz recebeu com natural alegria. Não faltaram as pequenas ofertas de flores e houve até quem tivesse uma ideia original: oferecer á «Vagabunda» de «Bocage, alma sem mundo», uma prenda de aniversário verdadeiramente util: uma duzia de ovos. Dos carimbados, certamente. Helena riu-se, gostou da ideia e tudo acabou em festa.

Só desejamos que o oferecimento tivesse sido ...apetitovo.

LATINA

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

DOMINGO DE PÁSCOA, ÀS 16 HORAS

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

MANUEL CONDE
GUSTAVO ZENKL
(que toma a alternativa)

ARMANDO SOARES
CURRO MONTENEGRO

FORCADOS AMADORES DE ALCOCHETE,
de António Luís Penetra

8 toiros dos HERD.
D. DIOGO PASSANHA
(Quinta de S. Pedro)

CONTINUAM ABERTAS AS MARCAÇÕES PARA A TEMPORADA
Telefs. 771819, 761539, 30769 e 321712

EM CARNABY STREET...

ALMOCE COM A RAINHA POR 160 ESCUDOS

Do nosso redactor MANUEL BEÇA

LONDRES, 1(— O render da guarda em Buckingham Palace, as jóias da Coroa de Londres, o Big Ben e o museu das figuras de cera de Mme. Tussot perderam um exclusivo quase secular no dia em que os guias turísticos incluíram nas suas agendas, como ponto obrigatório para o visitante, uma ruela insólita conhecida por Carnaby Street.

Correndo paralelamente á Regent Street, e a poucos minutos de caminho da zona elegante de Saville Row, onde se vestem os «lordes», Carnaby é a capital da moda jovem londrina.

Moda engloba, aqui, toda o «Gear», isto é, o «Equipamento» de quem quiser estar em dia, e a cosmopolita artéria — em passo estugado leva apenas três escassos minutos a correr de uma ponta a outra — é um pequeno mundo sempre em evolução, onde a alma do negócio é o extravagante.

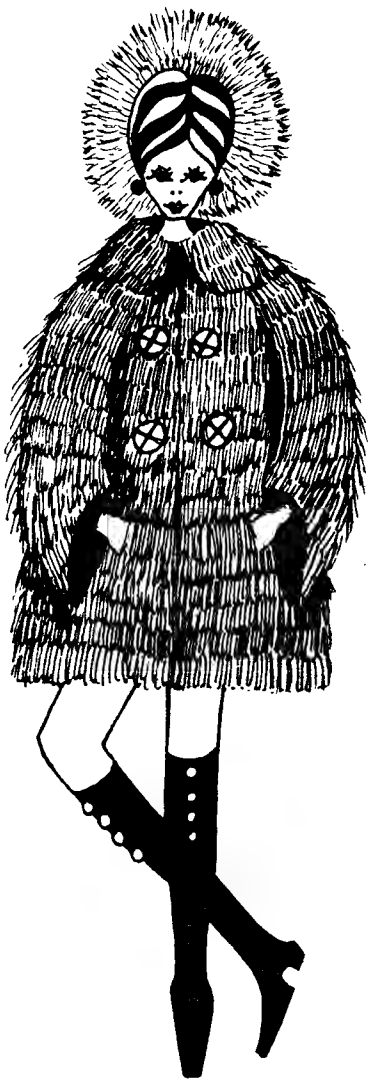
Imagine-se a Barros Queirós com as frontarias das suas lojas pintadas a cores berrantes, como certas drogarias; substituam-se os ambulantes de esticadores para os colarinhos (e afins) por ingleses barbudos, cabeludos e andrajosos, recamados de colares, procurando impingir-nos:

- **Um receituário de práticas anticoncepcionais.**
- **«Crachats» com os dizeres «Deus existe, apenas não lhe apetece comprometer-se», ou «abaixo as cuecas», «rapaz, precisa-se» ou «rapariga para experiências».**
- **Caixas oblongas e de envólucro arroxeado contendo incenso «indiano».**
- **Oculos escuros de vidros circulares com um diâmetro maior que a boca de um boião gigante de iogurte.**
- **Uma pequena cápsula magnética que, posta na mão, efectua acrobacias esquisitas e é reclamada como «ervilha electrónica».**

Todas as lojas têm a influência do «Gear» iconoclasta, excepto um armazém de ferragens, que já ali se encontrava há dez anos, quando da «invasão» da juventude, e que resiste heròicamente e continua a vender Ajax e pregos de meia galeota.

Com excepção de alguns cafés e bares, todos os estabelecimentos se podem classificar de «boutiques»: há a «Cleptomania», «Lord John», «Lady Jane», a «Gear».

As empregadas usam mini-vestidos ainda mais curtos do que as clientes, e os empregados uniformes antigos, túnicas indianas ou riquíssimos paramentos mandarins.



As londrinas adoptaram as botas («que são feitas para andar») e defendem-se do frio com felpudas pelicas com capuz

Parece-me que vale a pena mais um pequeno inventário:

- **Por três libras, pode comprar-se um luxuoso tampo de sanita de plástico, com a bandeira inglesa.**
- **Cartazes antigos — Jean Harlowe, Beethoven, Al Capone, uma bela senhora não identificada com um trajo de «Lady» Godiva cavalgando uma bicicleta pré-histórica — por cerca de sete escudos.**
- **Letreiros de oftalmologista, receituários antigos com mézinhas medievais, instruções em letra gótica para os amanuenses de um escritório de importações e exportações redigidas por um chefe de secção dispéptico, ao preço de concorrência de doze mil e quinhentos.**
- **Vasos de noite, também com a Union Jack, á prova de som e absolutamente estanques por 210 escudos.**
- **Vestidos de papel por setenta escudos.**

O ambiente destas lojas tem como pano de fundo música dos «Beatles» e dos «Bee Gees», dos «Animals» e de Aretha Franklin. Algumas delas possuem circuitos fechados de TV, para evitar que as suas preciosidades passem directamente dos balcões para os bolsos dos clientes.

Mas há um letreiro: «Os teus movimentos estão a ser seguidos pela TV. Desculpa, querido».

Por cento e sessenta escudos pode jantar-se com a rainha Isabel, o mesmo que se paga por uma vitória sobre Cassius Clay. O segredo é simples: existem, prèviamente impressas, primeiras páginas de um jornal antigo, em que se lê, à largura de todas as colunas:

ONTEM ..... JANTOU NO PALÁCIO DE BUCKINGHAM

ou

SENSACIONAL VITÓRIA DE ..... SOBRE CASSIUS CLAY

Por cento e cinquenta escudos, um tipógrafo de piquete, servindo-se de uma pequena tituleira e de uma prensa manual, imprime, nos espaços em branco, o nome do interessado em espantar os amigos com o nível das suas relações, ou impressionar as garotas com as suas proezas atléticas.

— Chegamos a vender seiscentos jornais destes por dia — declarou-me o gerente. — Os clientes são quase todos estrangeiros.

Os passeios de Carnaby Street, efectivamente, pululam de turistas, e não será ousado afirmar que esta rua terá no futuro um importante papel no reajustamento da balança de pagamentos inglesa.

Sem dúvida, a pergunta a que mais do que nenhuma outra os fleugmáticos polícias são obrigados a responder é:

— Sr. guarda! Sabe dizer-me o caminho para Carnaby Street?

Sabem. Mas, prudentemente, aparecem pouco por aquelas bandas.

Jogo perdido

O sr. Leontino Augusto Bonacho, homem de idade um pouco já avançada, perdeu, ontem á noite, entre as ruas da Atalaia e a das Gáveas, no Bairro Alto, dez cautelas para a Lotaria desta semana com os seguintes números: com duas de cada os n.os 11049 — 7246 — 17 972 e 17975, e uma de cada com os n.os 8067 e 9736.

Pede a quem o tenha encontrado, o favor de comunicar pelo telefone para o n.º 33029.

Campo de aviação em Évora

Recomeçarão na próxima semana os trabalhos no futuro campo de aviação de Évora, que há meses estavam suspensos.

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS

LIVRARIA TORRENS

RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

Augusto Abelaira
David Mourão-Ferreira
Fernando Namora
Alexandre Pinheiro Torres
Eduardo Prado Coelho
Mário Sacramento
José-Augusto França

N.º 506/11 DE ABRIL DE 1968

'SOBRE O ← LADO ← ESQUERDO, DE CARLOS DE OLIVEIRA

Carlos de Oliveira avisa os críticos num dos poemas de *Terra de Harmonia*: «meus «meus versos (são) noutros explicados». Convite para que os seus intérpretes não busquem esclarecer-lhe a poesia pelo que nela não se encontra.

Gostaria de escrever largamente a propósito do último livro do poeta: *Sobre o Lado Esquerdo* (1968), em que ele retoma, não propriamente *Cantata* (1960), mas *Terra de Harmonia* (1950). Só mais largamente do que num mero artigo, de jornal é que eu poderia estudar-lhe a poesia sem recorrer a considerações que ficarão por fundamentar, como seria necessário. A primeira já a deixei expressa: a que liga o novo livro mais ao de 1950 que ao de 1960.

A PALAVRA «TEMPO»

E aqui vai outra, como tentativa de assentar um esqueleto ensaístico dentro de um artigo que se deseja pequeno: sempre me pareceu que o *tempo* era um dos esqueletos possíveis para, em torno de tal categoria, se tentar uma explicação da dificílima obra de Carlos de Oliveira. Porquê? Possivelmente pelo facto de a própria palavra *tempo* nos aparecer, ás vezes, ao longo dos seus poemas, ou no desespero de definir-se, ou como sugestão necessária ligada ao fazer e desfazer das coisas («E o tempo murchando / á luz de idos loiros»; «A água pura dos poços / que a alma teve / leva já lodo á superfície: / É o escuro tempo da velhice / e nós tão moços»; «O tempo é um velho corvo / de olhos turvos, cinzentos...»; «Cantar / é empurrar o tempo ao encontro das cidades futuras / fique embora mais curta a nossa vida»; «Caminhamos e parece tudo morto: O tempo que se cansou já desta longa, caminhada e adormeceu — ou morreu também»; etc., etc.).

Todavia, é onde a palavra «tempo» se subentende que ela é mais expressiva. Ela está presente, repito, como *categoria*: ponto de vista a partir do qual o poeta se tem colocado para, em função dele, nos dizer o que o *seu* mundo (e talvez o *nosso*) é. Um ponto de vista que não está imóvel. O *tempo* de *Mãe Pobre* (1945) já não é o *tempo* de *Sobre o Lado Esquerdo* (1968). O primeiro: tempo passado, algo superado pela História, a que alguns homens tentam agarrar-se. Tentativa que arrasta o resto dos homens para a tragédia. Neste poema o *outrora* está ligado a «lágrimas». Não é por acaso que a palavra «choro» se encontra em quase todas as páginas de *Mãe Pobre*. Por «mágoa e desalento»? Não!, diz-nos o Poeta em «Soneto» de *Colheita Perdida* (1948).

Mas antes de vermos o que o «Tempo» é em *Sobre o Lado Esquerdo*, recordemos que há uma fase da obra de Carlos de Oliveira em que o tempo se intemporaliza. *Descida aos infernos* (1949) como que propõe tal parêntesis. A Terra é observada «de fora», ou no «núcleo do seu núcleo» (como diria Melo Neto). Como que se procura «fora do tempo» por que motivo o «tempo terreno» foi travado, a razão pela qual ele é sempre *passado e não futuro* (com toda a carga simbólica que, no poema, o desespero do vivido e a esperança do «por viver» arrastam).

Em tal fase observa-se uma desromantização do Cosmos (Carlos de Oliveira não é — nem aqui — aquele tipo do Homem do Romantismo dominado pelo «peso cósmico», conforme a caracterização de Diaz-Plaja), e, nela, surge a utilização de um vocabulário de raiz científica que já amplifica o arsenal poético do autor (abre perspectivas aos que viriam depois, como António Gedeão), *approach* anti-romântico que já está, de resto, implícito na arte poética de Carlos de Oliveira, conforme ele a exprime em *Odes* de *Mãe Pobre* (Razão anteposta a Instinto).

O NOVO E O CLÁSSICO

E abre perspectivas para ele próprio, em *Sobre o Lado Esquerdo*, pequena explosão «para dentro» de temas e formas que vêm muito especialmente de *Terra de Harmonia*. Perspectivas moderadas pelo *clássico* que é e que não sabe deixar de ser. Dentro do grupo geracional a que pertence é o único a abertamente «embirrar» com o versilibrismo. E só mesmo em *Terra de Harmonia* é que surgem os seus primeiros poemas em prosa. Em Carlos de Oliveira o *clássico* está ligado a um tom, a uma procura de efeitos estilísticos ao nível das reminiscências que estabelecem o elo com a mais válida tradição formal da poesia portuguesa. As novas soluções que procura são sempre na mesma chave. Em relação ás *modas* a sua desconfiança só muito clássicamente se desacautela. O mesmo acontece ás inovações que são apenas suas. Também delas só lentamente e com precaução se apropria.

Em *Sobre o Lado Esquerdo* dir-se-ia moderar-se este tipo de timidez. A maioria dos poemas é em prosa, e quanto aos restantes (com a excepção de três) utiliza um tipo de composição de catorze versos em que, de forma cedida, vigilante, vai desagregando o *soneto* ou mesmo o *sonetilho* tradicionais, (processo de desagregação já certamente iniciado anteriormente V., por ex., «Regresso» de *Cantata*, ou até *Fóssil* do mesmo livro. Esta «falta de moderação» é reforçada na sua nova obra pela circunstância de o *vocabulário* acompanhar coincidentemente as inovações técnicas que ousa.

O JOGO DOS TEMPOS

Carlos de Oliveira regressa, em *Sobre o Lado Esquerdo*, á sua infância. É ainda o jogo do Tempo ou dos «tempos»; o *passado* revivido não com angústia (ou desencanto) mas com «rancor» («Look back in anger», pg. 7), ou muda e resistente cólera («Desenho infantil», pg. 20), ou ainda sobressalto («Porta», pg. 25), e o *presente* recriado auto-irónica (ou trágicamente) («Papel», pág. 24 «Dunas», pág. 32, «Sobre o Lado Esquerdo», pág. 39), obrigam o Poeta a repensar os termos em que, agora, e poèticamente, a Razão tem de ser oposta ao Instinto na construção do poema. Essa Razão é cientificada pelo autor: desabstratiza-se. Para a concretizar renova, como disse, e ainda mais, o vocabulário. Por que razão «choro» ou «lágrimas» nunca mais aparecem? Agora apenas «vocábulos de sílica, aspereza» (pág. 38). Há (na linha de *Descida aos Infernos*), uma

(Continua na página 2)

Alexandre Pinheiro Torres

PAULO ROCHA, assim mesmo...

O tecto baixo do Vává, na Praça dos Estados Unidos, convida á intimidade das artes e das letras. Mas as famílias também gostam do borralho e podem, para mais, distrair-se com a fauna de meninos e meninas que tarde ou cedo (sonhar é fácil) terão a sua chance no celulóide — mais que não seja extasiados de felicidade e propondo o sabonete das 9 de cada 10 estrelas ou o cigarro que distingue, o tal. Aqui pululam, de facto, destas bizarrias urbanas, figurinos a carácter com não sei que filmes lelouchianos ou muitos outros e bem diferentes que, *hélas!*, vão ficando por fazer. Mais do que um décor de cinema (que já foi) o Vává é um intestino que digere a inevitabilidade de um cinema-outro, novo que o querem novo e a ver vamos.

Muita prosa gasta e só agora o Paulo Rocha composto em chumbo: ei-lo que entra, começo por ver um cachecol, lembro-me (mas haverá relação?) do cachecol do artista Luís Pacheco, e aqui está o artista, incorrigíveis verdes anos com máscara de cansaço, ou não, é da fala arrastada, a espaços singularmente aguda na rouquidão, descubro-lhe a timidez e a força de uma sensibilidade à flor do nervos. Está cheio de fome e cheio de sono. Insiste na «bica», nos bolinhos. E ontem no calendário e agora na prosa atrapalha-se, sai de urgência, volta pacificado, traz na mão os «vintes» que não trazia para a despesa. Afastamo-nos (não apetece) do folclore do Vává, o Renault faz o favor de chegar a estes campos onde o cimento cresce, invasor mas nostálgico. E vinda de lado nenhum

O «Vává» na Praça dos Estados Unidos. Cinema e publicidade em círculo fechado.

A CONVERSA

viaja. Torno a ouvi-la no gravador, foi-se a verdade, procuro reconstituir o retrato do artista quando jovem. *Há pessoas redondas para fora e pessoas côncavas para dentro. Eu era um tipo bastante frágil e de sensibilidade, o que fazia com que por um lado o cinema me provocasse um medo extremo — pelo lado empresário, pelo lado afrontamento, pelas pessoas do mundo do dinheiro, da intriga, pelo mundo físico de resolver problemas, que é extremamente intenso no cinema, ao contrário do artista que está no seu gabinete a trabalhar. Mas, por outro lado, isso transformava-me numa espécie de caixa de ressonância. Tudo o que via e ouvia marcava-me muito. Tinha paixões por casas, por pessoas, gostava de morar naquela casa, pertencer a tal classe social e...* isso não o empurrava para a literatura, por exemplo?, *não, porque eu queria mesmo a casa chapadamente aquela, e de qualquer modo não iria gastar 2 horas a escrever vinte páginas se com uma imagem podia dar o azulejo, o lado velho da casa, o papel do anúncio já a desfazer-se, o gato, o cão, a senhora... Imaginava, tinha quase a vontade de fugir à minha vida e de ser aquilo. E sabendo que tudo iria inexoràvelmente desaparecer com o tempo, tinha a sensação do valor das coisas, da sua fatal desagregação. O cinema era portanto como que uma espécie de garantia.* O cinema. Mas

QUE CINEMA?

Nessa altura o cinema era muito mais ficcionista, no sentido em que se interessava pela burocracia dos sentimentos, como diria a Agustina. Agora o cinema de ficção está mais em diálogo com as coisas, (é) uma espécie de jogo de engano ou de avanços entre o imaginário e o facto em bruto. Portanto, aí por volta de 50/55, eu talvez estivesse já a desejar um cinema mais moderno, aquele que veio a ser, por exemplo, o dos primeiros filmes importantes do Antonioni, em que as casas e os lugares tinham tanta importância como a história. Talvez fosse uma coisa mais ou menos colectiva, talvez fose um género de sentimento que se estivesse a gerar no espírito europeu.

O OUTRO LADO DO ESPELHO

Tudo isso durou uma série de anos. De repente a minha vida ficou-me inteiramente fechada, percebi que profissional-

(Continua na página 2)

Victor Silva Tavares

Paulo Rocha, assim mesmo...

(Continuação da página 1)

mente não tinha qualquer saída. Logo, ou cinema ou nada. Eu sabia que em Portugal não existia profissão, era o diabo, tudo o que eu conhecia do cinema era de modo a pôr-me os cabelos em pé. Aí aos 24 anos, não havendo mais solução para um pobre filho-famílias (risos), decidi-me, entrei no banho. Estive dois anos em Paris. Serviu-me de transição, de alibi: já tenho um curso, portanto posso fazer cinema. As pessoas passavam a acreditar que sim, ainda por cima há aquele provincianismo de «o tipo esteve a estudar em Paris, que diabo...». Já deve saber... Já deve saber mas não sabia nada. Fecho o som do gravador e dentro do Renault vejo o Paulo Rocha, anos atrás, na fascinação destes campos por habitar, destas pessoas a saber qual a exacta história: *devo ter uma costela mais ou menos neo-platónica, porque estou convencido que há sempre uns lugares arquétipos que estão ligados a outros por relações absolutamente rígidas e verdadeiras — só que é preciso descobri-las. Portanto a história, no fundo, tem apenas que explicitar as oposições existentes. N'Os Verdes Anos, tratava-se da cidade e do espaço vazio.*

DAS HISTÓRIAS, DA LITERATURA

D'Os Verdes Anos quero saber como a história estava escrita. Viera no jornal. Desisto. E os trinta e tal argumentos que tem na gaveta? São contos, novelas? *Não. São sucessões de imagens. Estão escritos num estilo telegráfico. Por exemplo: o automóvel vai á direita. O ritmo da frase tem o ritmo do plano. Se é um plano curto, uso duas palavras. Quer dizer, todo o cinema moderno tende a libertar-se da história (como aliás a narrativa moderna) para se basear em estruturas, elementos, certas formas que recorrem periódicamente dentro de um espaço dado. O que não impede que ao princípio eu tivesse uma grande fúria ficcionista. Todas as minhas histórias continham imensos acontecimentos — era um pouco o Camilo, o folhetim. Ainda hoje tenho uma certa dificuldade em atingir aquela riqueza dos velhos mestres que com três ou quatro elementos construíam uma narrativa.* Pois é, mas volto à ficção. Falo da crítica, que regra geral julga o filme pelo entrecho romanesco, pelo significado da história. *Mas as histórias são sempre as mesmas. Quem tem experiência das coisas do cinema conhece mais de 500 mil histórias. E chega à conclusão de que, por exemplo, nos western só há quatro ou cinco, tudo o mais são variações.* Sim, uma linguagem nova pode reiventá-las. Será o cinema novo um fenómeno exclusivo de linguagem? *Não. O cinema novo é um programa, digamos, de concreto, está muito ligado à libertação do Terceiro Mundo.* Económica? *Tudo se liga. O cinema não-novo tende a ser cada vez mais caro. Nessa medida, nós admiramos um homem como o Godard que sendo célebre e tendo um grande domínio técnico poderia rodar filmes de 3 milhões de dólares, aceitar um mínimo de «contrainte», como o Antonioni. Contudo, continua a fazer filmes o mais barato que pode e sabendo que é mais difícil vender um filme barato do que um filme caro. Godard quer manter-se em luta com o sistema e usa portanto um certo tipo de técnica que está muito relacionado com um certo tipo de linguagem. Quer dizer: hoje em dia toda a gente está interessada em fazer coisas muito mais radicais ao nível da linguagem. Finalmente, está-se quase como o escritor.* Num plano. Noutro, o filme continua a necessitar de meios económicos algo vultosos. *Mas vai havendo como que uma maçonaria do cinema novo. Nos E. U. A. há 1200 Universidades que passam regularmente filmes ditos de autor e que escapam aos grandes circuitos. O «underground», que é um cinema muito pouco comercial, mesmo comparado com o cinema novo, hoje em dia é perfeitamente rentável na América. Por outro lado, existem festivais, revistas, grupos de pressão. E até a técnica de distribuição anuncia para breve grandes mudanças: dentro de 3 ou 4 anos poder-se-á vender filmes como quem vende discos. Chega-se a uma loja, compra-se uma fita pelo preço dum 33 rotações e em casa o aparelho de televisão projecta a fita. Nessa altura, poderemos vender os nossos filmes como o escritor vende o seu romance.* No futuro. E no presente, aqui e agora?

EXPEDIENTES (RISOS)

Há sempre uma solução. Mesmo em 16 milímetros. E há a possibilidade do golpe das actrizes. Há sempre a actriz que descobre que fulano é um génio, que ele é que a fará brilhar. Se quando cá esteve a Anna Karina o Fernando Lopes tivesse ido falar com ela e tivesse dito aí, tenho aqui uma história e tá tá tá tá tá bestial não sei quê eu sou um tipo maravilhoso... mostrava-lhe o «Belarmino»... a Karina era capaz de dizer sim senhor e bastava ela dizer isso para que o Lopes pudesse levantar 500 contos em Paris. Como vê, isto é uma vida de expedientes, de coisas indirectas (risos).

Falo no recurso á obra (literária) de sucesso e logo nas influências que depois se fazem (ou não) sentir no filme. *Era muito mais simples eu pegar numa história qualquer, que estava alegremente disposto a atraiçoar, chegar a um produtor e dizer-lhe quero fazer esta história.* E quando ás influências, cá por coisas? *Vêm inevitávelmente a meter-se dentro do filme, mas não da maneira ocmo foram criadas. Vêm cortadas, trituradas e noutra construção. N'Os Verdes Anos, por exemplo, há um ou dois poemas do Cesariny, uma ou duas páginas do Rodrigues Miguéis. Sou um pouco como aquelas pessoas velhas que aproveitam muitas coisas. O país não é muito rico e há coisas que devem ser repostas em circulação. Julgo não ser um literato, mas ligo grande importância prática à cultura. N'Os Verdes Anos fiz uma série de homenagens concretas áquelas pessoas, áqueles pintores, áqueles artistas plásticos que enchem o quotidiano de Lisboa com as suas obras.* Por exemplo? *Os painéis de azulejos de Vavá. No ponto de vista social, acho útil que quando se está a tomar um café haja um azulejo decente em vez de um mamarracho. É quase uma questão democrática. Mas depois, ao filmar, fujo do esteticismo e de coisas assim, procuro captar as coisas da maneira mais simples e directa.*

O Renault demonstra a melhor boa-vontade em pôr-se em marcha. O gravador parou agora mesmo. E o chumbo da palavra mal fixa a imagem do adolescente (assim permanece) talvez desprotegido mas não agrilhoado que um dia decidiu «il faut changer la vie»...

COMO NA POESIA DE RIMBAUD

Tenho procurado não falar nisso porque tem um ar um bocado pretensioso, mas quando Os Verdes Anos passaram em Locarno a crítica que mais me agradou foi a de um jovem jornalista de Lausana que ficou impressionado pelo tom de desespero radical do filme. Foi então que ele próprio citou «il faut changer de la vie», de Rimbaud. Mas isto é um pormenor. É sempre uma coisa suicida fazer um filme em Portugal. Está tudo de pé atrás, sabe-se que vai dar imensas chatices, imensos projuízos, porque se vai mexer na vida de muita gente.

'Sobre o Lado Esquerdo'

Carlos de Oliveira com José Gomes Ferreira e Mário Dionísio

(Continuação da página)

fraseologia técnica que, ao mesmo tempo que a emprega, vai destecnizando por um cerrado metaforismo que é simultâneamente prodigioso e de uma economia lapidar. Carlos de Oliveira queda-se quase no limite de deixar o texto reduzindo a palavras isoladas sem conexão sintáctica. Mas esta conexão existe sempre, ao nível mais reduzido em que a sua existência parece ainda ser possível.

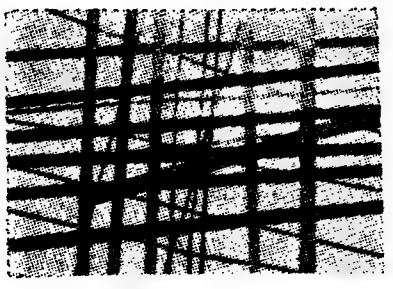
O seu texto parece um tanto milagroso, até porque a maravilhosa originalidade das metáforas que usa dir-se-ia só poder ser ressaltada á custa de um texto carregado de dispositivos labirínticos. E nada disso sucede. A própria linfa permitiu-lhe a transfusão de sangue que o habilita a prosseguir com uma poesia que deixa, por isso, de ser rigorosamente clássica, uma poesia cada vez mais moderna e mais clássica, contra a qual nem o próprio Carlos de Oliveira tem força para cometer os atentados que, ás vezes, nas suas «insónias» terá «sonhado» perpetrar.

ESTRUTURALISMO

MICHEL FOUCAULT

AS PALAVRAS E AS COISAS

Uma arqueologia das ciências humanas



No panorama do pensamento e da cultura do nosso tempo, o Estruturalismo manifesta-se como das correntes mais vivas e dinâmicas: é disso exemplo a apaixonada polémica que à sua volta se tem travado.

O livro de Michel Foucault desvenda as estruturas de pensamento subjacentes a várias épocas, nas suas componentes culturais, científicas, políticas e filosóficas, inserindo-as numa perspectiva histórica e crítica que é bem reflexo da modernidade do Estruturalismo.

Traduzida por **António Ramos Rosa**, a edição é valorizada por dois prefácios: de **Eduardo Lourenço** ("Michel Foucault ou o Fim do Humanismo") e de **Vergílio Ferreira** ("Questionação a Foucault e a Algum Estruturalismo")

Colecção PROBLEMAS

vol. 560 págs. — 85$00

PORTUGÁLIA EDITORA

Avenida da Liberdade, 13-3.º — LISBOA

José Rodrigues

José Rodrigues expõe na galeria Buchholz e há que ver a sua exposição com espírito novo e com olhos do nosso tempo. Mas vale a pena visitar as obras deste artista na acolhedora sala da R. Duque Palmela

Obras de José Gomes Ferreira

POESIA-I

«A poesia de José Gomes Ferreira é a expressão da realidade portuguesa do nosso tempo ainda quando intenta falar de outras coisas.»
JOAQUIM NAMORADO
3.ª edição, 180 págs. 20$00

A MEMÓRIA DAS PALAVRAS
ou o gosto de falar de mim

«José Gomes Ferreira deu-nos o melhor e mais belo testemunho entre nós jamais produzido da problemática estética duma época, e dota os jovens artistas do mais seguro roteiro que a sua busca perturbada poderia desejar.»
MÁRIO SACRAMENTO
2.ª edição, 320 págs. 45$00

IMITAÇÃO DOS DIAS
(diário inventado)

«Pela forma excepcional como maneja um estilo que é dos mais rigorosamente pessoais de toda a nossa história literária, uma escrita que reflecte com veracidade de ferramenta exacta o mundo tão amplamente de contrastes em que vivemos é *Imitação dos Dias* uma obra única.»
ALEXANDRE PINHEIRO TORRES
194 págs. 35$00

AVENTURAS MARAVILHOSAS DE JOÃO SEM MEDO

«Romance, alongado conto, poema lírico-irónico em prosa? Tudo isso, decerto.
...Lê-se as *Aventuras* com sedução perene, com sorriso sempre desperto, muitas vezes com vivo rebate de emoção ou de reflexão.»
ÁLVARO SALEMA
256 pág. 30$00

No prelo, novas edições de
POESIA-II
e
POESIA-III
(Grande Prémio de Poesia/1961)

PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13-3.º
LISBOA

Fernando Namora:

«À margem dos cadernos»...

«Nos últimos meses tenho avançado nos escritos que, repartidos por vários volumes, se unificarão sob o título genérico *Cadernos de um Escritor*, ao mesmo tempo que cuido do material para dois romances, um deles já na fase da revisão definitiva...»

Assim começa Fernando Namora a sua conversa à margem do trabalho, aqui, no «Living» da sua casa da Avenida Infante Santo. Escritor profissionalizado, dos raros para quem o «copyrigth» é uma realidade compensadora, o autor de *Retalhos da vida dum Médico* cumpre diàriamente o seu «tempo de escrever» e quando abre nele uma pausa é ainda sobre a literatura que fala.

Uma ferida que sangra

Têm sido anunciadas novas traduções da obra de Fernando Namora. Dentro de uma perspectiva geral da expansão da nossa literatura no estrangeiro, esse acontecimento tem um significado de relevo mas há também o «escirtor em causa», a opinião privada de alguém que, sobre o assunto, tem a voz da experiência e a interpretação da prática:

— Quando entre nós se fala de traduções de livros portugueses faz-se sangrar uma ferida. Confinada em quatro paredes, a nossa literatura criou o complexo da sua difusão no exterior e nela parece basear todo o seu possível prestígio e a reabilitação do muito que a cerceia. Foi de sempre esse complexo? Suponho que não. O intercâmbio, neste quartel do nosso século, tomou proporções inesperadas, acelera-se em cada dia que passa, avivando as frustrações de quem dele se vê arredado. Daí, o tema da viabilidade universal da literatura portuguesa manifestar-se, em surtos periódicos, com vária sintomatologia: ora ressentido, ora eufórico, ora, enfim, problema considerado na sua devida mas sempre melindrosa equação.

Livro traduzido é acontecimento. Festejam-no os beneficiados, surpreendem-se os espectadores para quem a literatura portuguesa não passava de frioleira doméstica, depreciam-no aqueles que têm motivos para depreciá-lo. Deste modo se desencadearam pueris contra sensos: para uns, uma obra comete por assim dizer um delito quando desobedeceu aos mandamentos do seu sequestro linguístico; para os crédulos, essa obra aparece sùbitamente enaltecida só pelo facto de ter superado a espessa muralha geográfica. Uma e outra reacção ilustram o mesmo complexo e exprimem-no com provincionalismo. Seria de desejar que, posta em termos de naturalidade a divulgação dos livros portugueses noutras línguas, a tradução representasse um estímulo e um veículo a fomentar (como presença da nossa cultura no mundo), mas nunca um factor pelo qual se ajuize do mérito das obras e pelo qual um escritor se sinta mais cumprido.

Dentro da floresta

O assunto é de uma vastidão incompatível com uma breve entrevista. Tentemos, porém, abordar-lhe alguns aspectos parciais e enunciemos, para tal, uma das muitas inquirições que se poderiam formular: teria o homem português encontrado na literatura um intérprete fiel? Estamos dentro da floresta: não somos os mais qualificados para avaliar essa fidelidade. É, todavia, elucidativo que o estrangeiro que toma contacto com o clima humano português através dos nossos escritores sinta que lhes é revelada uma humanidade típica, definida. «Não como tu ou eu», foi o título de um artigo publicado num semanário alemão a propósito das personagens que habitam um livro português vertido naquela língua. E note-se ainda que, frequentemente, a crítica estrangeira quase se afasta da apreciação valorativa para se expandir sobre o mundo que essas personagens testemunham. Um mundo diferente que, por ser estranho, seduz. Modos de viver e de reagir que dão surpresa. Poderemos daqui inferir que a nossa literatura apresenta uma mensagem específica, que interessa conhecer, e que se nutre do que verdadeiramente lhe pertence? Em muitos casos, sim.

A orgia dos artifícios

A Língua, um problema de base na divulgação internacional de uma literatura... A questão tem sido mil vezes abordada e a pergunta persiste: será o português acessível ao nível médio dos tradutores?

— A meu ver, a nossa língua é um instrumento simultâneamente duro e fluído, e essas características mais se salientam quando, como na tendência actual, à linguagem se pede muito do significado de uma obra literária. A prolixidade rouba-lhe limpidez e a dureza obriga o escritor a artifícios que, por vezes, ficam à beira da orgia. No caso particular do romance, a nossa imprecisão formal, atraída pelo «efeito», estorva o rigorismo que quase toda a ficção exige. Talvez seja por isso que muitos dos nossos prosadores se deformaram com uma herança de preconceitos que fazem do estilo não um meio mas um objectivo obsessivo. Uma das conquistas da nossa ficção — e para lá nos vamos encaminhando — tem de ser justamente que o estilo sirva o conteúdo sem o turvar, tem de ser o domínio do acontecimento e da ideia sobre o fraseado. Ora, todas estas particularidades criam grandes embaraços ao tradutor. Creio que todos os escritores que possuem um estilo próprio saem empobrecidos nas versões estrangeiras. Mesmo quando a tradução é correcta, teve de sacrificar a força e o sabor do original; teve de lhe ser infiel quanto à edificação da frase e ao valor da palavra. Sendo este um risco que pesa sobre o escritor de qualquer país, agrava-se no nosso caso, pois a língua portuguesa, ao que se verifica, é das que se exprimem sob difíceis correspondências. O tradutor, ao dizer as mesmas coisas, parece dizer outras — o que se define por este espanto ouvido com frequência: nada foi adulterado, mas é diferente. Por vezes, certas qualidades em que um livro se alicerça (ritmo, intencionalidade e subtileza da linguagem) acabam por ser as suas carências, quando desvalorizadas na aventura de outro idioma. Apenas restará a «situação», desfigurada pela ausência do que lhe dava carácter.

Feira do Livro de Francfort: uma fábrica de «best-sellers»

Para lá da forma...

Conclui-se portanto que, uma obra, para resistir à tradução sem perder muito do que a nobilita, tem de possuir fortes virtudes além das que se centram no estilo e tem de assegurar-se de um tradutor que nos transmita na sua língua as sugestões que a versão original transmitiu. Por conseguinte, se um livro não se deve aferir pelo que se presta a uma prova junto de outros leitores, também não se pode esquecer que a nossa perspectiva, por vezes isolada, de um contexto geral, expõe a deduções ilusórias. Livros há que nos entusiasmam, que nos trazem novidade, que se nos afiguram perduráveis, mas um confronto mais amplo corrige o relevo que lhe conferíamos; e o contrário também pode suceder.

Um círculo vicioso

Namora e alguns raros escritores publicados no estrangeiro são excepção que confirma a regra do isolacionismo. Paradoxalmente alguns desses autores obtiveram lá fora um vivo aplauso da crítica mas, paradoxalmente também, as editoras dificilmente abrem os seus programas a outros escritores portugueses.

— Quanto a mim, o motivo mais decisivo para que os nossos livros sejam ignorados no estrangeiro, e nem se verifique grande curiosidade por descobri-los, reside no desconhecimento da língua (embora o Brasil acabe por lhe impor a audiência), e na falta de iniciativa, da parte daqueles a quem compete tal missão, em contrariar esse desinteresse. Para os editores estrangeiros, sempre atentos ao que se publica na maioria dos países, mesmo os de menor crédito intelectual, a literatura portuguesa não existe porque nada lhes fala da sua existência. A língua é acessível a raros e só excepcionalmente àqueles que, pelo seu prestígio nos meios das letras, poderiam incitar a sua divulgação; além de que, quando um conhecedor dos bons livros portugueses os sugere a uma casa editora, esta, incrédula de uma literatura que ninguém cita e discute, que o público não reclama, evita prudentemente o risco de mandar traduzir uma obra escrita numa língua inabordável (para a qual, aliás, não se encontram tradutores profissionais—salvo, talvez, uma excepção, que os brasileiros, muito naturalmente, chamaram a si) a fim de poder avaliá-la directamente e tomar uma decisão fundamentada. Daí apenas se tornar viável que um livro português corra várias línguas se tiver sido prèviamente publicado numa versão que permita apreciá-lo sem a falibilidade dos palpites e das recomendações discutíveis. (Estou a referir-me à regra e não aos casos que fortuitamente se lhe escapam). É, pois, um círculo vicioso.

Na rude competição

Uma edição no estrangeiro representa um investimento pesado, que não se delibera de ânimo leve, que a saturação editorial permite malogros quase totais, e que, portanto, ninguém ousa aventurar-se só por simpatia pelo autor ou por um gesto de solidariedade intelectual. Se um livro entra na cadeia da edição é porque reuniu, sem dúvida, condições persuasivas de merecer a rude competição que o poderá liquidar no próprio dia do lançamento. E ainda há que considerar as tendências actuais do mundo da edição, mais preocupada com o *best-seller* fabricado do que com a qualidade literária — o que é outro factor a desfavorecer-nos.

Os apoios necessários

O intercâmbio editorial é ainda um dos veículos mais seguros na promoção internacional do Escritor. No caso português os industriais do livro e o mercado que representam têm uma influência cujo índice é decisivo na acção prática de impor uma obra ou um autor às casas de edição estrangeiras.

— Sei que alguns editores empenham-se, e com tenacidade, nessa tarefa, mas os seus esforços não podem ser tão frutuosos quanto eles desejam. Carecemos de editores de forte prestígio internacional (justamente pela débil repercussão da língua), daqueles que, ao escolherem um título, já o impõem à cobiça dos demais, e de organismos culturais devotados a esse objectivo, que, como na Itália (não há muitos anos ainda), no Brasil, uns tantos países de língua espanhola, na Roménia, na Checoslováquia, na Holanda, etc., têm realizado uma política de difusão dos seus escritores, utilizando meios práticos e não discursos. No período em que a literatura italiana não tinha cartel em França, os editores deste país receberam subvenções que os indemnizassem da indiferença do público. O resultado é conhecido. O Brasil subsidiou no estrangeiro colecções dos seus livros. Rómulo Gallegos teve a sua obra traduzida em sueco, sob o patrocínio do Governo venezuelano, para que as probabilidades da sua candidatura ao prémio Nobel fossem maiores... Etc.

Expansão e tiragem

Grandes mercados como os da França, dos Estados Unidos e da Itália ou da Hungria dificilmente se compadecem com interesses de favor ou influências oficiais na publicação de um escritor estrangeiro. Publicar já é em si um triunfo. Para além disso o que conta é o volume das tiragens e o apoio publicitário que é dado a um autor.

— Penso que as tiragens das traduções de livros portugueses não são menores do que as de livros de outras línguas, se considerarmos as tiragens iniciais. Aliás, o editor só vai além do lançamento rotineiro quando tem motivos para prever uma aceitação desusada, e também não o mingua, visto que, se o fizesse, a edição seria ruinosa. No meu caso, as tiragens têm dependido do editor e, sobretudo, dos países em que o livro é publicado. Desde 3000 a 50.000 exemplares, os meus livros têm sido lançados nas tiragens mais diversas.

Escaparate

Título — Amar não é Pecado — Romance.
Autor — Grace Metalious.
Tradutor — Daniel Gonçalves.
Editora — Editora Arcádia — Lisboa.
Colecção — «Encontro» — n.º 1 — 3.ª edição.
Número de páginas — 373.
Preço — 50$00, encadernado.

Título — Viver em Paz.
Autor — Gaston Bouthoul.
Tradutor — António José Massano.
Editora — Moraes Editores — Lisboa.
Colecção — «O Tempo e o Modo» — n.º 38.
Número de páginas — 226.
Preço — 37$50.

Título — A Torre de Babel.
Autor — Morris L. West.
Tradutor — Sampaio Marinho.
Editora — Livraria Clássica Editora — Lisboa.
Colecção — «Orbe» — n.º 40.
Número de páginas — 541.
Preço — 70$00.

Título — A Revolução Psicanalítica.
Autor — Marthe Robert.
Tradutor — José M. Lebre de Freitas.
Editora — Moraes Editores — Lisboa.
Colecção — «Psicologia e Pedagogia».
Número de páginas — 410.
Preço — 90$00.

José Gomes Ferreira

cantor (também) de passarinhos

por Augusto Abelaira

Que a poesia de José Gomes Ferreira exprime admiràvelmente o remorso de ser poesia (em vez de espada, «espada de versos») num mundo que é o terceiro (mundo); que ela é, sob muitos aspectos, uma irónica e acerada crítica de si própria (de toda a arte em geral) e que obriga, também, os leitores (pelo menos os mais dados à contemplação do que à acção) a criticarem-se a si próprios, ninguém duvida — e Alexandre Pinheiro Torres escreveu já sobre estes temas algumas belas páginas. «Ó pinheiro verdadeiro, / estou farto do teu cheiro / tão bom a caruma, / mas que encobre, / com pássaros e bruma, / o suor da gente pobre.» Que José Gomes Ferreira chegou a cantar (mas cantando com beleza) a morte provisória da beleza, está, também, fora de dúvida. Mas sabermos isto (e sabê-lo o Poeta) não deve iludir-nos — afinal se José Gomes Ferreira acusa a poesia («Vai-te, Poesia!») empregando linguagem poética, é porque não pode passar sem a poesia («E tu, papoila, minha bandeira breve, / quando voltarás ao teu destino / de enfeitar cabelos?») é porque, envergonhado ou não («Quando deixarei de ter remorsos da beleza?»), a poesia se lhe impõe como uma necessidade absoluta (e perdoem-me o que há de óbvio nestas considerações acerca de um grande poeta). Se proibe as rosas de crescerem diante dele, se prefere concentrar-se no «frio do teu choro / que enche de remorsos as flores da terra», se escreve o seu *Panfleto contra a Paisagem*, José Gomes Ferreira não pode, por outro lado, deixar de ignorar que «Não fui eu que pintei o Sol no céu / nem as nuvens no Ar / com água de prata (...) Porque então estes remorsos de andar a sofrer não sei por quem / a culpa de haver rosas e haver vida?»

POR outras palavras: ao exigir à beleza que se esconda, José Gomes Ferreira sabe perfeitamente que ela não pode esconder-se e que nem mesmo é possível calar o seu (dele, José Gomes Ferreira) desejo de contemplar as coisas belas, a paisagem, as flores, desejo (que é nosso também) de imaginar mais beleza ainda: lagartos com estrelas verdes na boca, mulheres com cabelos de nuvens... A beleza que há no mundo e o nosso desejo de a usufruir são dados irrecusáveis que não podem, nem devem, ser destruídos, e o remorso humaníssimo de José Gomes Ferreira significa isto (além de outras coisas): sendo o acesso à beleza um direito natural, inalienável, imprescritível, uma necessidade vital — ela, num mundo desumano e injusto, não está ao alcance de todos os homens, mas sòmente uma minoria. O remorso de José Gomes Ferreira é, assim, o sentimento de quem se sente injustamente privilegiado, de quem se sabe usufruidor de um direito negado à maioria dos homens, esmagados pelas necessidades primárias da sobrevivência.

«E tu, papoila, minha bandeira breve, / quando voltarás ao teu destino / de enfeitar cabelos?» De enfeitar *todos* os cabelos. E ao cantar a beleza, José Gomes Ferreira cumpre um dever tão importante como o de lhe pedir que desapareça: o de não permitir que desapareça, o de não deixar morrer (eis, também, um dos deveres sociais do poeta) o gosto de contemplar as coisas belas. Porque, é certo, cantar a flor pisada pode servir de pretexto para ignorar a criança que nos pediu esmola, mas «poder servir de pretexto» não significa que seja necessàriamente pretexto. Cantar a flor pisada, ou a Lua, ou, até, os inexistentes lagartos com uma estrela verde na boca, não é, fatalmente, uma fuga (uma poesia de evasão, como Pinheiro Torres nos sugeriu, deixando-se arrastar pela dialéctica um tudo-nada abstracta, embora fecunda, da oposição entre as duas consciências, social e individual, de José Gomes Ferreira).

DEFESA da Poesia, eis o que é (também e òbviamente) a poesia do autor das *Cinzas*. Defesa da Poesia, do direito de cantar (de todos poderem cantar) os passarinhos, a Lua. Defesa da Poesia, da contemplação, da solidão, como valores fundamentais do homem — mas sem pretender que sejam os valores únicos a reivindicar, até porque tais valores dependem, necessàriamente, de outros, susceptíveis, aliás, de ser também exigidos pela poesia. E a afirmação implícita de que ao poeta cabe (também) a tarefa de impedir que os homens percam a memória da beleza.

Defesa da Poesia.

Poesia que é, afinal, um jogo. Confessa-nos ele que a sua aventura poética se iniciou (e continua, certamente) quando descobriu a existência das palavras (não das *coisas*, reparem). «No fim de contas as palavras não serviam apenas para meter na ordem os garotos descompostos, insultar vizinhas linguareiras», etc., «dispostas de certa maneira adquiriam outro significado», tornavam-se um jogo. E aqui temos: o poeta que deseja «estrangular todos os pássaros para ouvir mais alto o silêncio dos homens» apaixona-se pelas palavras em si mesmas ao descobrir que, independentemente de significarem isto ou aquilo, são objectos com leis próprias de associação, possuem entre si afinidades que não dependem das coisas que nomeiam (*amor* irmana-se com *flor*, *carinho* com *anjinho*, sòmente porque rimam, e, ao rimarem, produzem um certo efeito estético). Descoberta de longo alcance (e comum a todos os grandes poetas) até porque vai conduzi-lo à solidão (à solidão, embora muitas vezes procure ser «igual a todos menos a mim»). A solidão: «o poeta — confessa-nos — é um explorador profissional da solidão».

Ilustração de Pomar a um texto de José Gomes Ferreira

SÒMENTE: solidão não quer dizer «emparedamento, mas afastamento provisório para sublimar a virtude de certas forças que aproximam mais os poetas dos homens». E, sobretudo: as palavras, essas tais palavras que podem constituir um universo autónomo, conservam a memória, a *Memória das Palavras*, trazem consigo do seu mundo habitual, desse mundo em que são simples instrumentos e não fins em si mesmos, o «calor das bocas dos homens vulgares», a lembrança das mulheres que hão-de morrer com a saia rota e, também, das desejadas deusas verdes com algas nos seios, olhos de espuma...

O Estruturalismo

e Vergílio Ferreira

por Eduardo Prado Coelho

«... é inacreditável. Ou é acreditável apenas quando as questões culturais se determinam pela irresponsabilidade — a irresponsabilidade firmada em que ninguém irá protestar e que podem por isso levar-se a bom termo todas as manobras que se quiserem...»

Vergílio Ferreira

A publicação em Portugal do livro de Michel Foucault *As Palavras e as Coisas* constitui efectivamente um acontecimento. A nossa actividade editorial, por vezes desatenta e atrasada, não deixou escapar esta oportunidade de pôr à disposição do público uma obra que é ainda objecto de acesas e violentas discussões em todo o mundo. Colocou-se assim a Portugália na vanguarda do movimento cultural.

As Palavras e as Coisas, agora traduzido por António Ramos Rosa, apresenta na edição portuguesa, duas introduções: uma de Eduardo Lourenço (que por si só justificaria um comentário) e outra de Vergílio Ferreira: «Questionação a Foucault e a algum estruturalismo».

Se o texto de Vergílio Ferreira pretende ser uma introdução à problemática «estruturalista» e simultâneamente uma discussão e uma crítica, convém prevenir desde já que se trata com toda a certeza de uma *má introdução*. Torna-se pois necessário desfazer alguns equívocos, anular algumas confusões, denunciar algumas insinuações e situar as questões no seu devido lugar. Seria absurdo tentar uma defesa do «estruturalista», o que nem inteiramente justificável, urgente mesmo, é procurar diminuir o efeito prejudicial que um texto como o de Vergílio Ferreira pode ter no conhecimento duma tendência cultural extremamente importante nos nossos dias. Esse efeito nocivo resulta de dois factores:

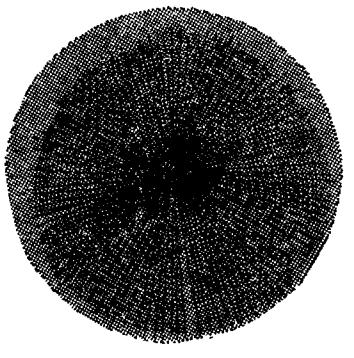
a) *uma radical incompreensão* da parte de Vergílio Ferreira em relação a tudo o que aparece sob a designação de «estruturalista»; o que nem sempre nos surpreende, dado que o pensamento de Vergílio Ferreira é o que há de mais contrário à mentalidade «estruturalista»;

b) o carácter obsessivo do texto de Vergílio Ferreira, que a cada instante tem de perseguir o fantasma «neo-realista» — tal atitude acaba por desfigurar toda a apresentação do «estruturalismo» e viciar irrecuperàvelmente a argumentação crítica.

Questões de método

1 — Vergílio Ferreira utiliza no seu trabalho inúmeros textos. Por vezes refere-se explicitamente a eles, mas quase sempre essa referência é vaga, quando não se limita a uma simples alusão (o que é o caso mais frequente). Quais as consequências?

Em primeiro lugar, Vergílio Ferreira sugere ao leitor uma familiaridade com a «literatura estruturalista» que é evidente não ter. Em segundo lugar, apagando as indicações que poderiam permitir ao leitor um «contrôle» rigoroso do que é afirmado, Vergílio Ferreira consegue tornar impossível qualquer análise séria das suas teses a quem não estiver em condições de seguir toda a rede de alusões que a cada passo ele faz. O objectivo é evitar uma discussão frontal e aberta dos problemas: o inventário das citações implícitas de Vergílio Ferreira permite reconhecer a debilidade de muitos dos seus argumetnos.



Motivo gráfico de uma obra de Vergílio Ferreira

1 bis — Por outro lado, Vergílio Fereira dirige-se aos «pregadores do Estruturalismo entre nós» e à sua «versão caricatural». A questão é muito simples: ou Vergílio Ferreira julgava que essa versão merecia efectivamente ser discutida, e nesse caso teria sido elegante e simpático indicar os nomes e os textos; ou Vergílio Ferreira considerava que essa versão não merecia qualquer atenção, e não falava nela, pura e simplesmente. A solução adoptada é sem dúvida a mais infeliz, e a menos correcta.

2 — Certas observações de tipo político que Vergílio Ferreira utiliza com muita frequência são por vezes recursos de baixa polémica, quando não assumem até um aspecto de denúncia. Não seriam dispensáveis?

Duas questões fundamentais

O estudo de Vergílio Ferreira é muito longo e a sua argumentação muito variável. Há contudo duas linhas de força que se impõem no decorrer de toda a sua «questionação»: importa pois pô-las em relevo e analisá-las.

1 — *Existe um Estruturalismo?*

Vergílio Ferreira fala sempre como se existisse *um* Estruturalismo organizado e instituído. A unidade desse Estruturalismo nunca está em causa. Para V. F. pode-se falar de Estruturalismo à vontade porque toda a gente sabe qual é o objecto que a palavra indica. Será assim?

Não. A unidade do «estruturalismo» não existe. Usa-se a palavra «estruturalismo» para designar várias orientações, por vezes convergentes, por vezes divergentes, que têm entre si alguns pontos em comum, mais pelo que recusam do que pelo que defendem. Falar de Estruturalismo como de uma doutrina estabelecida é pura e simplesmente um erro. Mas um erro lucrativo se vai permitir encontrar no interior desse Estruturalismo imaginàriamente uno múltiplas «contradições» que a argúcia do crítico sabe brilhantemente desmontar. É isto o que V. F. faz. Seria fastidioso enumerar as muitas «contradições» que V. F. descobre e explora. Indiquemos apenas algumas das mais sensacionais: a) o marxista Pierre Daix defende Foucault, que ataca Marx, atacando Sartre, que entretanto em defesa de Marx atacara Foucault... (p. XXIII);

b) se Heidegger é irracionalista, e Lacan relaciona Freud com Heidegger, é porque Freud é irracionalista... (pp. XXXI-XXXIII);

c) se Heidegger é irracionalista, se Heidegger influencia Merleau-Ponty em *Le visible et l'invisible*, se Merleau-Ponty é considerado existencialista, e se Heidegger inspira o estruturalismo, é porque o irracionalismo existencialista é o horizonte do estruturalismo... (p. XXXIV).

(Nota: queremos uma prova do que há de gratuito neste jogo de palavras? Abra-se a introdução de V. F. a *O Existencialismo é um Humanismo* nas pp. 61 e 70-71, e veja-se como é difícil classificar Heidegger como existencialista, e, por conseguinte, também o último Merleau-Ponty).

d) Além disso, V. Ferreira promove as pessoas em arautos de determinadas doutrinas: as-

Malhoa a 19,6 %

Folhetim artístico

por José-Augusto França

Em boa hora o Ministério da Educação Nacional e o Patriarcado apoiaram a iniciativa das Juventudes Universitárias Católicas de um vasto inquérito à situação e à opinião dos universitários, que a Fundação Calouste Gulbenkian subsidiou e a CODES se encarregou de realizar tècnicamente. Daí resultou um grosso volume prefaciado pelo prof. Sedas Nunes do I.S.C.E.F. que agora me chegou às mãos.

Louvável iniciativa esta, e de extrema importância. É óbvio ser necessário conhecer as condições intelectuais, económicas e morais em que se forma a juventude de hoje, quadros de amanhã — como pensam e que interesses têm os futuros professores, altos funcionários, economistas, médicos, diplomatas, engenheiros, chefes de empresa de um país em inevitável desenvolvimento.

No âmbito destes folhetins, cabe apenas analisar as opções estéticas manifestadas pelos jovens universitários. Analisá-las e, diga-se desde já, deplorá-las...

Quatro vias de inquérito

Quatro vias de inquérito foram seguidas pelos pesquisadores: um teste procurando identificação profissional de artistas, escritores, cientistas, filósofos e políticos nomeados; um questionário preferencial, marcando os três artistas mais notados; um questionário ideológico sobre funções estética, social ou moral da arte; e um questionário prático sobre frequência a actividades artísticas.

«Cabe analisar as opções estéticas dos jovens...»

Não posso aqui desenrolar os resultados obtidos e vivamente recomendo a leitura deste trabalho. Apenas nos limites do folhetim cabe registar que 36,8 % dos consultados não souberam identificar Nuno Gonçalves como pintor e 84,5 % não sabiam que Frank Lloyd Wright foi arquitecto (dos mais célebres do nosso século) e 82,5 % que Henry Moore é escultor. Da mesma maneira se deve registar que 22,1 % dos universitários (23,1 % em Lisboa, 33,2 % no Porto; só 10,6 % em Coimbra — o que me parece sujeito a explicação) nunca foram a exposições ou, pelo menos, há mais de um ano a exposições não vão.

Mas o questionário mais significativo e mais grave, porque não é meramente de informação (como o primeiro) nem de habituação (como o quarto), mas sim de gosto feito, é o segundo: «Quais os artistas preferidos?»

Opinião em percentagens

Pois bem: entre os pintores portugueses é o Malhoa (17 %) das respostas; seguido pelo N. Gonçalves (5,6 %) e pelo Columbano (2,9 %); na Universidade de Lisboa, a percentagem dos admiradores do pintor de Figueiró dos Vinhos sobe mesmo a 19,6 %. Entre os estrangeiros, vemos Van Gogh (10,7 %), Picasso (9,5 %) e Leonardo da Vinci (8,2 %). Escultores? Soares dos Reis (20,6 %), Leopoldo de Almeida (4,4 %) e Machado de Castro (2 %); Miguel Ângelo (28,4 %), Rodin (13,6 %) e Henry Moore (0,7 %). Arquitectos? Afonso Domingos (4,5 %), Carlos Ramos (1,4 %) e Conceição Silva (0,7 %). Ou Le Corbusier (8,8 %), Niemeyer (5,8 %) e F. L. Wright (3 %).

...Mas é preciso apreciar a enormíssima percentagem dos que não mostram qualquer preferência: 46 %, quanto a pintores nacionais; 61,6 e 81,4 %, quanto a escultores e arquitectos; percentagem pouco inferior se de estrangeiros se trata.

Naturalmente que há perguntas metodológicas a fazer (por exemplo: valores, conforme as Faculdades — e isso foi feito no inquérito ideológico com resultados proveitosos que aqui não cabe explanar), relações a estabelecer, avaliações a analisar. Tal procurarei fazer em trabalho de maior vulto; agora e aqui, olho só para estes magros números e para estes (estranhos) nomes votados. E pergunto-me como é possível ser o Malhoa, em 1967, o pintor favorito da juventude ilustrada do meu país? Nome no bicho do ouvido? Conhecimento directo (improvável)? Preferência mesmo?

Da técnica de «inquérito» teríamos de passar à da «entrevista» para esclarecer tão pesada dúvida. Há que o fazer.

...Mas repare-se, sem desejar entrar aqui em maiores comentários, que estas preferências se constituíram numa adolescência formada nos liceus, sem sombra de educação estética (pobre do Joaquim de Vasconcelos que desde os fins de Oitocentos até decénios adiantados do nosso século por isso em vão labutou!). Mas repare-se também que estas preferências são as de futuros professores liceais. Repare-se que... repare-se que...

Malhoa: um monumento a 19,6%

...E aposte-se finalmente a minha cabeça, já não de folhetinista mas de sociólogo da arte, que idêntico inquérito feito não aos estudantes, mas aos seus próprios professores daria resultados extrema, curiosa e gravemente idênticos.

---

sim Pierre Daix (que de filósofo tem pouco) aparece como representante do marxismo; Jean-François Revel é o «racionalista»; Pierre Trotignon é o «progressista racionalista» e Heidegger é o «irracionalista reaccionário». Coladas as etiquetas, baralha-se tudo e as contradições fervilham: é então que V. F. surge e desenreda o novelo. Muito espectacular e muito simples, como vêem.

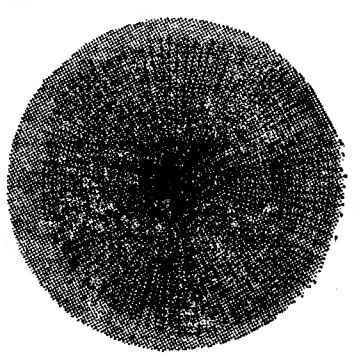
Conculindo: que pretende V. Ferreira com uma argumentação deste tipo? Estará convencido de que este ziguezague tonto nos chega a assustar? Improvável. Basta estar um pouco atento para ver a manipulação viciosa. E o esforço compensa.

2 — *Estruturalismo, sistema e ciência.*

O grande achado de V. F. foi este: «Dizer-se que o Sistema é que pensa por nós equivale a dizer, com efeito, que o pensar isso *é já estar incluído num Sistema que implica esse pensar*, e assim mesmo tal modo de pensar segundo o qual o Sistema nos supera — e que é ainda uma expressão de um ignorado Sistema — é tão relativo no seu fundamento como qualquer outro Sistema que pensasse que não pensamos dentro de um Sistema...» (p. XLVI).

Este argumento tem duas variantes. Uma aplica-se a Benveniste: «nós poderíamos afirmar que, se uma língua nos determina, ela nos determina também quando isso dizemos...» (p. LI). A segunda aplica-se a Althusser: «porque para Althusser o marxismo é uma doutrina estruturalista — mas não é, como doutrina, um elemento de um Sistema ou de uma Estrutura, ou antes, é-o, mas nessa Estrutura ou campo só cabe ele...».

Aqui está (com reticências e tudo...) o argumento favorito de V. Ferreira. Um pouco de reflexão basta para ver como é inconsistente. V. Ferreira consegue realizar a proeza de escrever algumas dezenas de



páginas sobre «estruturalismo» *sem nunca falar da distinção entre ideologia e ciência*. O que, se é um esforço meritório (como escrever um soneto sem a letra *a*...), traz algumas desvantagens.

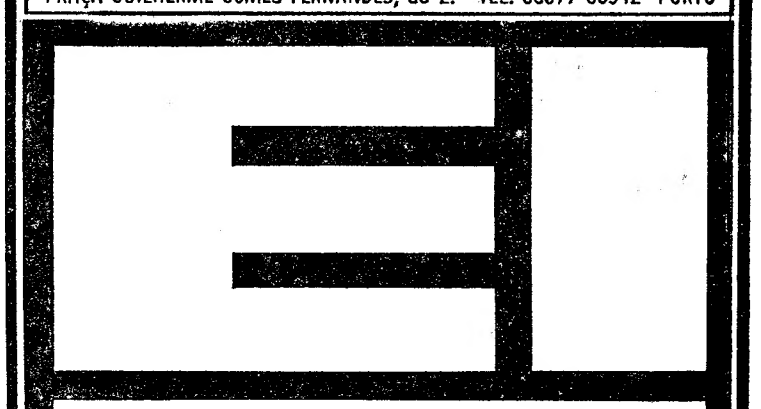
É evidente que da perspectiva irracionalista de V. Ferreira tal distinção entre ciência e ideologia não existe («a verdade de uma doutrina é no sangue que se reconhece», escreve V. F.). Mas acontece que os autores «estruturalistas» falam dela, e V. F. escamotei-a por inteiro. Porquê? Em parte, porque é precisamente em Foucault que ela aparece menos nítida. Mas também, e sobretudo, porque tal distinção arruinava o seu argumento preferido. Vejamos o problema em pormenor. *a*) Em Foucault. Faz Foucault a distinção entre ciência e ideologia? Não. Ou melhor: em *As Palavras e as Coisas* essa distinção não aparece claramente. A verdade é que o projecto de Foucault era outro: ele afirma muito nitidamente que o seu livro «não releva da história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por saber a partir de que coisa é que foram possíveis teorias e conhecimentos». Portanto, «não se tratará de conhecimentos descritos no seu progresso para uma objectividade na qual a nossa ciência de hoje se poderia, enfim, reconhecer; o que se pretende trazer à luz é o campo epistemológico, a *episteme* onde os conhecimentos *encarados fora de todo o critério que se refira ao seu valor universal ou às suas formas objectivas*, enraizam a sua positividade e manifestam assim uma história que não é a da sua perfeição crescente, mas antes a das suas condições de possibilidade» (p. 10).

Por outro lado, numa entrevista concedida a *Les Lettres Françaises*, e reproduzida no livro de Pierre Daix, *Nouvelle*

(Continua na página 6)

EDITORIAL INOVA LIMITADA

PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38-2.º - TEL. 36399-36542 - PORTO



O ESPIÃO QUE VEIO DE ISRAEL BEN DAN

Nesta obra, cujo extraordinário êxito se deve às revelações inéditas dos serviços secretos que possibilitaram em Junho de 1967 a vitória relâmpago de Israel, o leitor é surpreendido e fascinado pela vida romanesca e todavia autêntica de Elie Cohen, o célebre espião israeliano.

Colecção OFÍCIO DE VIVER — 40$00

EVA SÁ COIMBRA

Neste romance, cuja acção decorre num meio universitário e em época particularmente dramática, há tensões discretas que se adivinham, vêm já de antes da primeira página — mas a grande força de fundo é a da descoberta da mulher pelo homem, do homem pela mulher.

230 páginas — 40$00

O Estruturalismo

e Vergílio Ferreira

(Continuação da página 5)

critique et art moderne, Foucault esclarece melhor o que em *As Palavras e as Coisas* ficara efectivamente ambíguo (e esclarece simultâneamente a sua relação com Marx): «O que eu disse a propósito de Marx diz respeito ao domínio epistemológico preciso da economia política. Seja qual for a importância das modificações acrescentadas às análises de Ricardo por Marx, não creio que as suas análises económicas escapem ao espaço epistemológico instaurado por Ricardo. Em contrapartida, pode-se supor que Marx introduziu na consciência histórica e política dos homens um corte radical e que a teoria marxista da sociedade inaugurou na verdade um campo epistemológico inteiramente novo. O meu livro tinha como subtítulo «uma arqueologia das ciências humanas»: isso mesmo deixa supor uma outra que seria precisamente a análise do saber e da consciência histórica no Ocidente desde o séc. XVI. E mesmo antes de ter avançado bastante nesse trabalho, parece-me que o grande corte se deve situar em Marx. Eis-nos regressados ao que eu atrás disse: a periodização dos domínios do conhecimento não se pode fazer da mesma maneira segundo os diversos níveis em que nos encontramos. Estamos perante uma espécie de sobreposição em tijolos, e o interessante, o estranho, o curioso, será precisamente saber como e porquê o corte epistemológico para as ciências da vida, da economia e da linguagem se situa no início do séc. XIX e para a teoria da história e da política no meio do séc. XIX».

Ora o que importa neste texto é apontar a expressão «corte epistemológico», que deriva claramente de Bachelard-Althusser e só se justifica a partir da distinção entre ideologia e ciência. De qualquer modo, tudo isto destrói por completo a crítica de V. Ferreira.

b) Vejamos agora alguns comentários ao livro de Foucault onde o problema surge.

Em primeiro lugar, num texto de Alain Badiou (in *Critique*, n.º 240, Maio de 1967). Diz Badiou que o que separa Althusser de Foucault é o seguinte: para Althusser é possível uma *arqueologia das ideologias*, isto é, uma análise dos sistemas que as determinam, mas, em relação à ciência, é apenas possível uma *genealogia*: um estudo das condições em que, num gesto inaugural, se efectua a ruptura epistemológica em que se indica o modo de produção do objecto da ciência em causa. Para Badiou, julgar possível *uma arqueologia da ciência* (como Foucault deixa supor) é inaceitável, porque a ciência é «precisamente a prática sem subestrutura sistemática a não ser ela própria, sem solo fundamental, e isto na medida exacta em que qualquer solo constituinte é o inconsciente teórico *da ideologia*».

Em segundo lugar, o problema aparece clara e lùcidamente exposto no texto de Eduardo Lourenço (que é muito mais sólido e equilibrado que o de Vergílio Ferreira). Basta citar: «Se a existência de *rupturas* na história dos saberes ocidentais pode ser constatada, abrange ela todos os tipos de saber ou só aquelas estruturas que Foucault distingue em *As Palavras e as Coisas?* Não será possível supor que a *descontinuidade* posta em relevo pela arqueologia possa ser paralela de uma *continuidade* numa outra ordem de conhecimento, a que é testemunhada pela história do pensamento físico-matemático desde Galileu?»

Como nota Georges Canguilhem (em *Critique*, n.º 242, Julho de 1967), Foucault aborda o saber independentemente de qualquer norma ou critério de verdade. E pergunta: «Será possível desprezar o facto de certos discursos, como o discurso da física matemática, não terem outra positividade senão aquela que recebem da sua norma e que esta norma conquista firmemente a firmeza do seu rigor depondo na sucessão epistémica discursos cujo vocabulário aparece, duma *episteme* a outra, desprovido de significação?»

Verificamos assim que o problema levantado por V. F. tem uma certa pertinência, mas nunca do modo como V. F. o enuncia. Além disso, em relação a Benveniste, Althusser, Lacan ou Lévi-Strauss, torna-se inteiramente absurdo. Transpondo-o em relação a Althusser, V. Ferreira apenas demonstra que não entendeu Althusser. O que nem sequer nos espanta: já havia outros sintomas.

Dadas para uma análise

1 — *O «estruturalismo» é materialista?*

Vergílio Ferreira mostra-se (p. XXX) indignado e surpreendido por alguém ter visto no «estruturalismo» a expressão mais radical do materialismo contemporâneo». Ora quem tem realmente razões para se surpreender somos nós: com tão grande ignorância. Vejamos porquê.

a) Julgo inútil demonstrar o materialismo de Althusser.

b) Lévi-Strauss afirma com frequência o seu materialismo. Por exemplo, na introdução a *Le Cru et le Cuit*: «é o pensamento estrutural que defende hoje as cores do materialismo» (p. 35).

c) Por seu lado, Lacan, por várias vezes, afirma a sua perspectiva materialista (ver, por exemplo, *Cahiers pour l'Analyse*, n.º 3). Se percorrermos os *Écrits*, descobriremos várias declarações nesse sentido. Salientamos uma, nas pp. 875-876, na sequência de uma apresentação da sua teoria da linguagem: «É em termos mínimos a função que atribuo à linguagem na teoria. Ela parece-me compatível com um materialismo histórico que nesse ponto tem uma falha. Talvez a teoria do objecto *a* aí encontre também o seu lugar». d) E Foucault? Foucault, em 1963 (já depois de ter escrito a sua *História da Loucura*), num colóquio organizado pela revista *Tel Quel*, declarou a certa altura: «Eu sou materialista, porque nego a realidade» (formulação tipicamente lacaniana, note-se) (em *Tel Quel*, n.º 17, Primavera de 1964, p. 46).

Depois de tudo isto, quem será irresponsável? O autor (português) visado pela indignação de Vergílio Ferreira? Ou Vergílio Fereira, o autor indignado?

Continuaremos num próximo artigo.

EDUARDO PRADO COELHO

Eduardo Viana

Nu de Eduardo Viana na sua exposição retrospectiva agora patente no Palácio Foz

A exposição que se encontra no Palácio Foz, em que a obra de Eduardo Viana nos é dada na sua grande maioria, é um autêntico monumento erguido ao pintor mais sólido e mais estruturado, mais fortemente pintor, da sua geração. Desde as suas primeiras obras, passando pela fase cubista, ás ultimas naturezas mortas de uma simplicidade estranha, o quadro todo musculatura e a cor integrada na própria musculatura pictórica, Viana trabalhou por amor á sua arte, paixão pura pela pintura.

Na paisagem, no retrato, na natureza morta, cenas de interior, os quadros de Eduardo Viana não vivem de efeitos á margem, de apêndices. Têm uma unidade e um vigor que ressaltam á primeira vista e dominam o espectador. Não se compadece ele com os efeitos de cor e luz, á margem. Os planos, a matéria pictórica dominam e nela se integrando luz e cor. Difícil apontar nos quadros de Eduardo Viana os vários elementos e seus efeitos distintos de tal forma eles se integram. Todavia, na própria exposição, se pode verificar como a sua pintura é sólida e vive da matéria, da concepção inicial e como foi executada para resistir á perda até de um elemento importante como é a cor; com efeito, as reproduções fotográficas, a negro e branco, dos quadros que lá se não encontram vivem por si mesmas. A ossatura aguenta-se, ao lado da restante obra, ainda sem a cor.

Eduardo Viana não deixou uma obra vasta. Está quase tudo ali e o artista morreu com 80 anos. Mas era um homem sem pressas na sua arte, que vivia longamente os seus quadros, os ia erguendo pouco a pouco, neles repousando semanas e semanas. Felizmente para ele, a sua situação económica sempre lhe permitiu construir a arte sem necessidade premente de ir buscar á obra própria o pão para a boca.

A lição da exposição de Eduardo Viana é valiosa e há que ser aprendida pelos artistas. Levantada pouco a pouco, essa obra resistirá com a solidez de um monumento perene que o pintor se ergueu a si mesmo.

Ronda das galerias

AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR (Posto dos Restauradores) — Estêvão Soares (Pintura).

BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4) — José Rodrigues (Escultura e Desenho).

DIVULGAÇÃO (Rua D. Estefânia, 46-B) — Julio Pereira (Pintura).

GALERIA DE ARTE MODERNA (Rua Mouzinho da Silveira, 1) — Eduardo Nery (Pintura e Tapeçaria).

GALERIA 111 (Campo Grande, 111) — José Escada (Pintura).

GALERIA 48 (Av. da Liberdade, 248-B) — Maria Brígida Gonçalves (Pintura).

GALERIA CALOUSTE GULBENKIAN (Rua Marquês de Sá da Bandeira) — Pintores sul-africanos.

GALERIA NACIONAL DE ARTE (Praça Marquês de Pombal) — Álvaro Perdigão, Ezequiel Batoréu e Jorge Monteiro (Pintura).

GRAVURA (Travessa do Sequeiro, ás Chagas) — Lannoy (gravuras).

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL (Arcadas do Estoril) — Conjunto de Arquitectura.

PALACIO GALVEIAS (Campo Pequeno) — Arnaldo Ferreira (Pintura).

QUADRANTE (Av. Luís Bívar, 85-C) — Batarda Fernandes (Pintura).

RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA (Av. de Berna, 13, 8.º) — Eleutério Sanches (Pintura).

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Restauradores) — Eduardo Viana (Pintura).

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro) — João Mário (Pintura).

O plástico como material de Arte

O plástico está a absorver o mundo moderno e a invadir todos os domínios da vida, não sendo de admirar pois que os artistas o estejam a aproveitar cada vez mais, quer como tema de Arte, quer como material para construção da própria arte.

Em exposições, entre nós, têm aparecido obras que utilizam o plástico, e não há muitos meses ainda que artistas italianos estiveram na Galeria da Gulbenkian com uma exposição onde o plástico era material dominante.

Na Republica Federal da Alemanha encontra-se, neste momento, uma exposição consagrada inteiramente ao tema «Arte e Plástico». Abriu ela em 7 de Abril e irá até o dia 3 de Junho, no Museu Municipal de Wiesbaden. Quadros, esculturas e objectos diversos enchem as salas, já que são cada vez em maior numero os artistas que ao plástico recorrem.

Na exposição se incluem ao todo 125 trabalhos seleccionados, de 30 artistas, tendo sido excluidos os trabalhos das artes aplicadas porque então não mais teria fim. A finalidade, segundo os organizadores, foi simplesmente demonstrar, por trabalhos de Belas-Artes, a forma de os artistas dominarem os novos materiais, utilizando-os em formas correspondentes ás actuais tendências da Arte,

Natália Correia

por David Mourão-Ferreira

(Continuação da página 9)

embora objectivos análogos — anexação do universo mágico pelo universo da poesia, recuperação dos poderes alquímicos da linguagem, incessante apelo ás potências obscuras do inconsciente individual e colectivo —, Natália Correia utiliza, no entanto, um instrumento verbal incomparávelmente mais maleável, simultâneamente mais amplo e mais dominado, muito mais regido pela lei da metáfora libérrima — que aproxima zonas semânticas por vezes afastadíssimas — do que sujeito, como no caso do surrealismo ortodoxo, aos hábitos da associação automática e da enumeração caótica, cujas áreas de significado nunca chegam a ser tão extensas, visto que resultam principalmente de cortes verticais no tecido da experiência e da sua concomitante realidade linguística.

É a partir do volume *Dimensão Encontrada* (1957) que Natália Correia se mostra mais consciente dessa missão de soberania da metáfora, de que os deuses a incumbiram. Não lhe interessa, como a alguns outros — nitidamente despistados continuar a nomear os objectos com as palavras que os dicionaristas lhes assinalam; o que lhe interessa, pelo contrário, é criar e impor ao mundo o seu vocabulário pessoal, inventar novos sistemas de sinónimos, descobrir novos nexos e novas relações entre as palavras e as coisas. O que lhe interessa é «reinventar a vida», como diria Cecília Meireles, para assim erguer mais barreiras á morte; ou como ela própria diz, num poema de *Dimensão Encontrada*, com a necessária dose de ironia e de sortilégio: «Recebemos dos mortos a encomenda de cantar a vida/para defender a sua área/da invasão dos suicidas». E essa encomenda e essa missão estão igualmente patentes nas páginas do seu *Passaporte* (1958): «Achar a capital das tempestades/é o meu vício de não cortar as veias».

Mas a metáfora não une apenas, como afirmava Lorca, «dois mundos antagónicos por meio do salto equestre que dá a imaginação»: une também tempos distintos e distantes. Por isso mesmo, sobretudo a partir de *Comunicação* (1959) — e principalmente depois em *Cântico do País Emerso* (1961), em *O Vinho e a Lira* (1966), agora em *Mátria* (1968) —, Natália Correia tem persistentemente tratado de indagar, com a sua vara mágica de pesquisadora de nascentes, as origens míticas da nossa realidade — «para sabermos em que chão/ /está a raiz que nos prende ao mundo».

É claro que este ultimo aspecto mereceria, só por si, páginas e páginas de aproximação, páginas e páginas de comentário. Para aqueles que preferem, antes de mais, o imediato impacto de um poema avulso, como organismo autónomo e bastante em si próprio, aqui deixamos este belíssimo trecho — para que germine no espírito de quem o lê.

A ARTE DE SER AMADA

Eu sou líquida mas recolhida
no íntimo estanho de uma jarra
e em tua boca um clavicórdio
quer recordar-me que sou ária

aérea vária porém sentada
perfil que os flamingos voaram.
Pelos canteiros eu conto os gerâ-
[nios
de uns tantos anos que nos se-
[param.

Teu amor de planta submarina
procura um húmido lugar
sàbiamente preenche a piscina
que te dê o hábito de afogar.

Do que não viste a minha idade
te inquieta como a ciência
de o mundo ser muito velho
três vezes por mim rodeado
sem saber da tua existência

Pensas-me a ilha e me sitias
de violinos por todos os lados
e em tua pele o que eu respiro
é um ar de frutos sossegados.

JOSÉ GOMES FERREIRA

Por lapso, de que apresentamos desculpas, não foi publicado, no ultimo numero deste Suplemento, o soneto de José Gomes Ferreira, «Noite do Silêncio», inserto no seu livro de estreia *Lírios do Monte* (1918) a que se referia o ultimo parágrafo do artigo do nosso colaborador David Mourão-Ferreira.

Mário Sacramento

(Continuação da página 9)

Quem está aqui comigo?» — ponto de chegada que liberta, ao chegar á comunicação partilhada que faz de mim ou de ti, leitor, a vera encarnação do segundo *quem*.

Tudo parece perdido. A morte-ensaio-geral plana sobre todos. Anuncia-se a disto e a daquilo, incluído o romance. Decreta-se a do homem como sujeito, até, o que conduz a reificação a um destino de objectos estudando objectos, como nos *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo. E, todavia, a morte revela-se mãe: sem o espermatozoide que morre, não há óvulo fecundado. O sentido predicativo da existencial fragilidade de tudo leva os homens ao Cosmos, afinal. E conduziu Vergílio Ferreira á justa glória que usufrui e merece.

MARIO SACRAMENTO

* Edição comemorativa, ilustrada por Julio Resende e com um posfácio do autor (Ed. Inova Limitada).

Voe para New York nos Boeing 707/320B da TAP, o mais moderno quadrimotor a jacto.
Vão consigo, no habitual conforto TAP o tradicional bom serviço de bordo e o ambiente português
Já em New York, depois de uma agradável viagem, parta à descoberta dos ESTADOS UNIDOS
Pessoal TAP especializado está a sua disposição em:

ATLANTA • BOSTON • CHICAGO • CLEVELAND • DALLAS • DETROIT • LOS ANGELES • MINNEAPOLIS • NEWARK • NEW YORK • PHILADELPHIA • SAN FRANCISCO • ST. LOUIS • SEATTLE • WASHINGTON

Consulte o seu agente de viagens e deixe a viagem ao nosso cuidado

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

BOM SENSO E BOM GOSTO
(A Questão Coimbrã)
II vol. (1866)
Edição crítica, organizada por
Alberto Ferreira
e Maria José Marinho
Uma obra da mais alta importância cultural, com as peças fundamentais da Polémica.
Textos de:
CAMILO CASTELO BRANCO
CASTILHO
RAMALHO ORTIGÃO
etc.
Com um novo e brilhante estudo de
ALBERTO FERREIRA
"A Primavera da Geração de 70 (1860-1865)"
Colecção PORTUGÁLIA - 460 págs. - 75$00

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13-3.º - Lisboa

OS ÚLTIMOS CEM DIAS
por JOHN TOLAND
Reconstituição histórica dos cem dias que separaram Yalta da queda de Berlim, baseada em milhares de relatórios de acções, diários de comandos e mensagens ultra-secretas que não se tinham até gora facultado aos historiadores
Colecção Documentos de Todos os Tempos
Volume de 672 páginas — ilustrado — 100$00
LIVRARIA BERTRAND

MÁRIO SACRAMENTO:

Sobre a comemoração de um escritor

COM a presença de alguns intelectuais (José Régio, Ilse Losa, Eugénio de Andrade, Óscar Lopes, Taborda de Vasconcelos, Nuno Teixeira Neves, entre outros) e a afluência de muito público, Vergílio Ferreira e Julio Resende lançaram, no Porto, a belíssima edição especial, ilustrada pelo segundo, do romance *Aparição*. Não é um acontecimento banal, mesmo do ponto de vista da comercialização do livro — que faz da bibliomania o estímulo mais rentável do nosso pequeno mercado editorial. Os originais das admiráveis ilustrações de Resende, a mostra retrospectiva da bibliografia do escritor e a aura humana que tudo isso envolveu como reconhecimento da necessidade da arte, fizeram desse acontecimento um acto a assinalar.

Face a isso, o crítico — como é condição sua — esteve dividido entre a lealdade que deve ao artista, como coisa real por dentro (ou como subjectividade estética) e a lealdade que deve ao público como coisa real por fora (ou como objectividade social) —, parafraseando Fernando Pessoa. E ficou suspenso desse limbo entre o hoje e o amanhã em que a arte é e não é a face da verdade. Na sua escala de valores (que a outros cumprirá criticar, por seu turno), a expressão crítica implica análise no imediato e síntese no mediato, como momentos preponderantes e não exclusivos, claro, está. Ao analisar, o crítico dialoga com o autor, como procurador-público; ao sintetizar, dialoga com o público, como procurador-artístico. Se não é esta a boa metodologia, não vê ele, pelo menos, outra mais adequada. Honra-o, aliás, que ande alguma coisa sua implícita (como negação sobretudo) nas páginas de Vergílio Ferreira, incluído o posfácio deste livro. O que é sinal de que ambos estão vivos e atentos!

EM nome de uma interpretação científica do real, o primeiro neo-realismo subestimou a especificidade do reflexo estético desse mesmo real, matriz de conhecimento que também é. Coube a Vergílio Ferreira reagir contra isso (em nome de tantos outros, entre os quais me incluo) dizendo que «o rei ia nu». *Mudança*, *Aparição* e *Alegria Breve* são os três marcos (de realização estética cada vez mais apurada) em que cristalizou esse processo. A dispersão na *mass-art* a que a apreensão dos nexos objectivos do real sociológico o compelira, após a fulguração dum *eu* questionador, insubmisso e ontologicamente angustiado. Descuremos os excessos a que isso o levou, por vezes. Abismo atrai abismo, é velha sabedoria. O certo é que a boa arte não parte nunca do reflexo científico *como tal*. Há muito a dizer a esse respeito, em torno da poesia de António Gedeão, por exemplo. Lá iremos um dia. Mas não pode ir também *contra* ele, sob pena de exprimir a subjectivação dum falso real e cair no logro do arbitrário — que a solução de continuidade entre o sensível e o inteligível nos obriga a repelir ou a escarnecer.

Impõe-se, assim, como uma evidência, aos que não estejam cegos (ainda) por fanatismos há muito ultrapassados, que a reabilitação do reflexo estético operada por Vergílio Ferreira, muito embora o tivesse levado (e leve ainda, estou certo disso, pois continua *vivo*) a egolatrias hiperbólicas que são condição do seu próprio existir literário, foi um impacto indispensável, de que estamos longe de ter colhido, já, todos os frutos. Negar que um segundo neo-realismo data daí é negar a própria maturidade a que a literatura ascendeu. *Aparição* é, assim partejamento também, — parição. E pouco se me dá que digam, como têm dito, querer eu enfronhar tudo num mesmo saco: sem a explosão do que foi reflexo científico (socialmente considerado) no primeiro neo-realismo, a literatura não teria apreendido quais são as coordenadas da objectividade, neste século; e, sem a reposição estética posteriormente ocorrido, nunca chegaria a ser linguagem própria ou especifica. Recorde-se o que acorreu em França com as cisões do grupo surrealista — e logo se verá isto não foi, nem é, um caso português apenas. O que é dos arredores dizer é dos arredores disto, que o mesmo é dizer: gravita em torno dito também, muito embora com a inconsciência da Lua, por vezes.

O mais curioso, todavia, está na pressão, quanto a mim, que o reflexo científico está operando de novo sobre o reflexo estético, mas agora em termos de linguística e estrutura. Como Sartre, Vergílio Ferreira reage a seu modo contra ele, mas com mais abertura. Furtemo-nos ao que há de anedótico em tudo isso e que pode resumir-se pondo nos lábios de Foucault uma frase como esta: *eu* digo que o *eu* não existe: foi uma invenção do iluminismo... O científico volta a aplacar o *homem revoltado* de Camus e diz-lhe: «Vê tu como o tua própria revolta prometeica só é tua na medida em que o teu existir é condição duma trama em que te inseres». Curioso fenómeno é este, pelas reacções que suscita, uma vez que só a terminologia e a compartimentação em que as pesquisas se sucedem trazem algo de novo, afinal, á velha dialéctica da necessidade e da liberdade, confirmando-a e prolongando-a. Mas fenómeno que vai reconduzir Vergílio Ferreira, se não me engano, á meditação e recriação, quem sabe, do que era conjuntural, nos seus primeiros livros.

«Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro» — assim começa *Aparição*. Face á magia da noite e á solidão do ente, os objectos perdem os contornos do já conhecido ou integrado. As ideias, as palavras, o *eu* dissolvem-se numa fonte que mana algures, — mas onde? «Eu te odeio, meu irmão das palavras que já sabes um vocábudo para este alarme de vísceras e dormes depois tranquilo e me apontas a cartilha onde tudo já vinha escrito...» Caim. Caim recuperando-se pelo amor — ódio. Para lá dos conceitos, o corpo, se já não é o habitáculo da alma, não é tão-pouco do Ser apenas (que o cadáver congela), mas dum *quid* que é espanto e pura interrogação transida e muda. Dum *quid* que está para além das palavras e é opção pelo irracional como dimensão velada: «Há uma vida atrás da vida, uma irrealidade presente á realidade».

E, todavia, se há um «espaço do invisível» para lá do que a consciência apreende, Vergílio Ferreira pressupõe-lhe uma tessitura que apenas mergulha na sombra a que faz parte da aparência. Concebo-o, assim, muito mais próximo do autêntico estruturalismo científico, como disciplina diamática, do que das extrapolações que atribuem ao inconsciente uma linguagem *tout court*, e não anológica apenas. Por isso, digo que *Aparição* não envelheceu. Ela não impugnou os nexos do real científico: reivindicou apenas os direitos do reflexo estético e da perscruta ontológica. A incidência do existencialismo não confinou, de facto, Vergílio Ferreira á auto-satisfação do *je m'en fichisme* que tudo reduz á «lei» egoísta que diz: «a minha morte é o nada de tudo». Ele ergue-se da «presença iluminada de mim a mim próprio» para se confrontar com os outros, sejam eles os outros-coisas dos «quadrados homens de ferro e de cimento» ou os outros-enigmas — «pessoas não únicas ou coordenadas, mas feitas das sucessivas aparências de cada circunstância». Em tal fluidez, «a verdade aparece e desaparece (...) Sou um indizível equilíbrio interior». Mas a sucessão de relâmpagos que iluminam o que logo se apaga não altera que «numa vida certa o verbo *studeo* peça dativo», por exemplo.

LENDO Vergílio Ferreira, só se sentirá abalado em suas opiniões científicas e imperativos actuais quem os tenha tão frágeis que é como se os não tivesse. E isso porque — disse-o já — o autêntico reflexo estético não posterga o científico: complementa-o, aprofunda-o, questiona-o. Colabora com ele, portanto, a um outro nível da linguagem. Nível que é pessimista, sem dúvida («apertei-lhe a mão com calor, súbitamente infeliz»), mas como é a própria ciência, que não se concebe nunca como sistema acabado. Tal pessimismo é um *de profundis* que esmaga, decerto, mas para se inverter numa alegria que já não é breve, como a do mero vivencial, por tudo haver remido pela dimensão do estético. «Quem sou eu? Quem está aqui comigo?» — ponto de partida da angústia. «Quem sou eu?

(Continua na 7.ª página)

NATÁLIA CORREIA

por David Mourão-Ferreira

Natália Correia é um dos casos mais sérios da poesia portuguesa de todos os tempos. Só serão incapazes de afirmá-lo aqueles que ainda não leram a sua obra, ou os que a leram sem a terem entendido; ou os que receiam — oficiais do mesmo ofício — a sombra que cedo ou tarde ela lhes fará; ou finalmente aqueles que (sem serem do mesmo ofício) temem sobretudo a luz que ela irradia. Seja como for, eu não gostaria de estar na pele de nenhuns deles, pois não gostaria que amanhã me chamassem desatento, ou incompetente, ou ridículo, ou desonesto.

Mais um livro — um admirável poema intitulado *Mátria* — acaba de ser publicado por Natália Correia. Não irei antecipar-me ao esclarecido juízo do crítico deste jornal; pretendo tão-só aproveitar o acontecimento como pretexto para falar, em termos gerais, da obra anterior desta autora que honra sobremaneira o panorama da nossa poesia e o panorama da nossa cultura — a ponto de um grande crítico francês, ainda há pouco, num dos maiores quotidianos do mundo ocidental, se lhe ter referido como «la violence surréaliste faite femme». A fórmula é extremamente feliz; e contém um altíssimo juízo de valor que não podemos deixar de assinalar: é que são raros, muito raros em todo o mundo, os casos em que a violência surrealista apareça vivencialmente identificada. Mas é uma fórmula incompleta como quase todas as fórmulas

A real grandeza da obra de Natália Correia ultrapassa, com efeito, os quadros da violência surrealista, os quadros do próprio surrealismo: perseguindo

(Continua na 7.ª página)

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 25 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DE VERGÍLIO FERREIRA

COM 12 ILUSTRAÇÕES DE JÚLIO RESENDE E UMA PLAQUETTE ILUSTRADA, BIOBIBLIOGRÁFICA, REALIZADA GRÁFICAMENTE POR ARMANDO ALVES.

TIRAGEM DESTINADA A BIBLIÓFILOS, NUMERADA DE 1 A 250, COM OS AUTÓGRAFOS DE VERGÍLIO FERREIRA E JÚLIO RESENDE 550$00

TIRAGEM NUMERADA DE 251 A 1250 450$00

EDITORIAL INOVA LIMITADA

PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38, 8.º — TELEFONES 38398-38542 — PORTO-PORTUGAL